Verdadeiro escândalo em empresa da Marinha Grande

FAVORES GOVERNAMENTAIS APOIAM GESTÃO RUINOSA

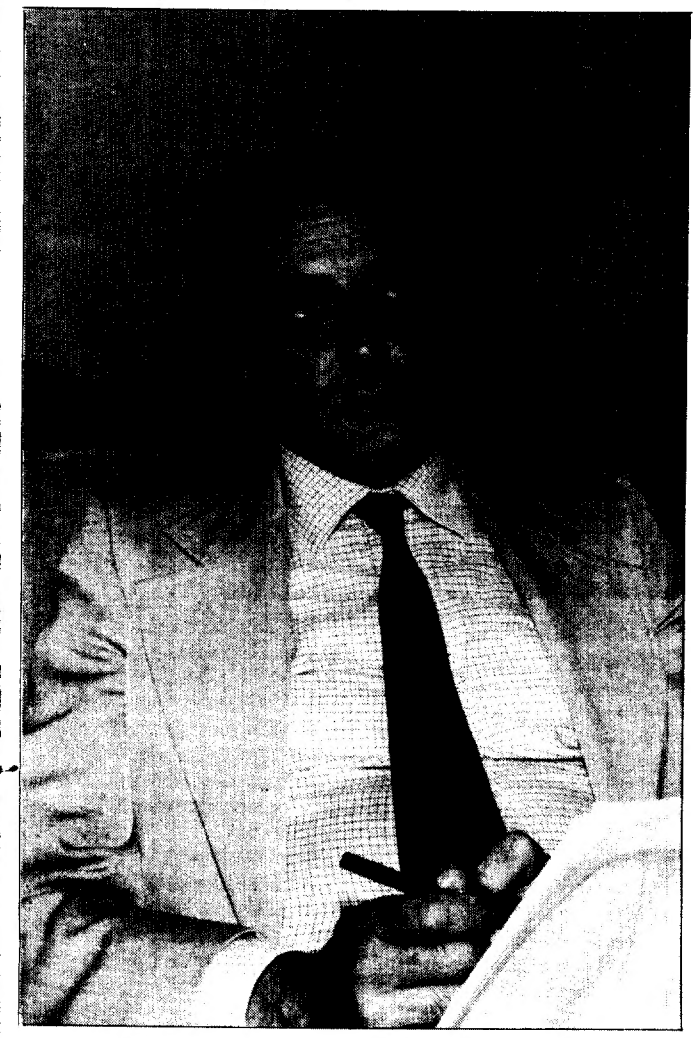
Pág. 11

Diário de Lisboa

ANO 67 N.º 22 395 Quinta-feira, 25 de Junho de 1987 Preço 40$00

1500 votaram antes das urnas abrirem

Mil e quinhentos emigrantes portugueses já votaram para as eleições de 19 de Julho, mesmo antes do início da campanha eleitoral. Os votos são oriundos do círculo de fora da Europa. O apuramento dos resultados da emigração realiza-se no dia 29 de Julho, na FIL/



José Manuel Tengarrinha ao "DL"

As pessoas vêem em nós o partido que faltava

Págs. 4 e 5

COCAÍNA BATE MULTINACIONAIS

Volume do tráfico nos EUA equivale a 3ª empresa mundial

Se o tráfico de cocaína nos Estados Unidos fosse legalizado, equivalaria à terceira maior empresa do Mundo, logo a seguir à Exxon e à General Motors, batendo outras multinacionais do petróleo e dos automóveis, como a Mobil e a Ford. A revelação foi ontem feita em Lisboa por Marietta Giannakou Koutsciou, presidente da Comissão de Inquérito do Parlamento Europeu sobre o problema da droga na Comunidade Europeia.

Pág. 10

Para já: Futre diz adeus ao Mundialito

A notícia caiu como uma «bomba»: Paulo Futre mudava-se do Porto e do futebol português para o Atlético de Madrid. Hoje, mais pormenores: o «passe» custou perto de 600 mil contos e o «menino de ouro» vai receber 130 mil contos de «luvas», ordenado mensal, prémios de jogo, casa e automóvel à disposição, por um contrato de quatro anos, se o empresário Jesus Gil ganhar a presidência dos «colchoneros», na noite de 28 do corrente. Para já, Futre disse adeus ao «Mundialito».

Pág. 15

Futre está em Madrid: aqui o temos a ser abraçado pelo futuro colega Majias, guarda-redes do Atlético de Madrid

Os crimes de Tayllerand e os teimosos

Vasco da Gama Fernandes

1 — O leitor compreenderá que a palavra crime que encima este artigo não é aquele ou aqueles previstos e punidos pelo código penal. Não se trata nem de homicídios, voluntários ou involuntários, nem de crimes contra a propriedade ou crimes contra a honra e consideração das pessoas. Na verdade Tayllerand escreveu um dia que há erros em política que são autênticos crimes, pelas suas consequências desastrosas ou indesejáveis.

Nestas condições é o crime da teimosia que me interessa.

No decurso da vida política de Portugal e de outros países de tradição democrática foram frequentes as teimosias que paragam caro, inacções, fulanizações (expressão tão criticada por António Sérgio), obstinadas tomadas de posição, uma coisa que se reveste por vezes de aspectos que roçam pela psiquiatria.

Compreende-se que em democracia são saudáveis as divergências e mais ainda as dissonâncias. A regra não pode ser a adesivagem ou a concordância sem rectificações, estéril e inadequada.

O aforismo popular «cada cabeça cada sentença» é também um sistema que importa conhecer, mas no caso vertente com lucidez, clarificação das ideias, leal combate com as armas da inteligência e do bom senso. Isto é, sem teimosias. Quem já viveu essas horas sabe perfeitamente o que elas representaram de artificial e perigoso na condução dos negócios públicos. E se tivermos paciência de utilizar certos recordatórios, alguns recentes no espaço e no tempo, e se colocarmos frente a frente, um teimoso ou dois teimosos sem qualquer arbitragem facilmente concluirá que ao fim e ao cabo no essencial estão de acordo e as divergências ou dissonâncias se limitam a pormenores de fácil ultrapassagem, desde que haja boa fé e lisura nos processos.

Não pretendo neste arrazoado recordar coisas para esquecer, mas sim para acentuar os perigos do empolamento de questões com as quais só ganha o adversário capcioso e vigilante.

2 — Eu sei, todos sabemos, que o sentimento da liberdade de expressão é uma conquista irreversível da democracia. Ninguém contesta o direito de transmitir e receber mensagens e até hoje não se encontrou melhor forma de os homens viverem em sociedade a não ser no «forum» das confrontações de ideias que podem ser discutidas ou controvertidas, com vivacidade por vezes, com algum exagero, mas, aquietados os debates, só há que, à semelhança dos esgrimistas, findo o combate, descalçam as luvas e apertam as mãos. Assim devia ser, mas não o é amiúde, ficam ressentimentos duradoiros e impertinentes que se prolongam indefinidamente sem ganho de causa para ninguém, a não ser para o «Tertius gaudet», vigilante, persistente e determinado e mercê disso é que Tayllerand referiu alguns erros políticos como os tais crimes.

Eu sei, todos sabemos que os homens diferem uns dos outros ou por defeitos congénitos multiformes ou por tendências de difícil controlo. Esses defeitos uma vez postos em cima da mesa das discussões podem conduzir a impasses tenebrosos que na vida colectiva produzem atrasos e suspensões embora historicamente se diluam nas travessias do tempo.

Muitos de nós teremos praticado erros e, como diria Churchill, não são os mesmos, mas outros.

O que importa é fazer um esforço de contenção e autodomínio abandonando as periferias e nunca comprometendo o núcleo.

Vem à colação, sem nomear pessoas o que já não interessa, recordo-me, por exemplo, as horas vividas no meu exílio de Espanha em que homens de comprovada dignidade pessoal e igual fidelidade às ideias mestras divergiram em certa altura de tal forma que, temos de dizer a verdade, comprometeram aquilo que era o objectivo de todos: o derrube da ditadura pela via revolucionária. Isto quer significar que a periferia feriu gravemente o núcleo que só voltaria a ser coeso na madrugada de 25 de Abril de 1974. Vejam os meus amigos que foram nada mais nada menos que 44 anos a despeito de outras tentativas frustradas então já com propósitos de desejada unidade.

E a propósito do exílio espanhol tive a paciência suficiente para vaticinar, em conversa com a Manuel Azaña, que a cisão no Partido Socialista — Indalecia Prieto e Largo Caballero — acabaria por despenhar a democracia nascente no abismo franquista, o tal «Tertius Gaudet» oportunista e implacável, e já que estamos em matéria de recordatório talvez seja de lembrar as posições extremas de dois grandes da República, companheiros audazes na luta comum e que fizeram claudicar as melhores tentativas da paz cívica e ideológica que lhe impunha preservar.

Mas como neste mundo não é tudo mau, neste mundo da política lembremo-nos também das «pedras vivas» (cá está outra vez o nosso Sérgio) que alcançaram a vitória na Rotunda, o exemplo gratificante da União Sagrada que defendeu a Pátria na guerra de 1914-18, a fraternidade das armas nas revoluções contra a ditadura, a unidade que construiu o MUD, fez a apoteose das campanhas de Nórton de Matos e Humberto Delgado e se quisermos um facto recente tenhamos presentes a identificação na Assembleia da República nas votações contra o revanchismo.

Parece-me que bastará isso para que sinta o direito de um homem que sempre se bateu pela mesma fraternidade de insistir na ideia de que ou nos unimos todos ou teremos tudo a perder.

O leitor bem intencionado estará de acordo e já entendeu aonde eu quero chegar com a inabalável convicção de que vale a pena a insistência capaz de chamar à razão os que dela se encontram desviados e que terão como mestre o já citado Tayllerand.

O PARTIDO DO CENTRO

Beja Santos

A confiar na definição do filósofo Jean-François Lyotard, «Uma obra só pode tornar-se moderna se primeiro for pós-moderna. O pós-modernismo, entendido assim, não é o modernismo no seu estado terminal, mas no seu estado nascente.» Havendo, entre nós, uma ânsia messiânica por uma prática política pós-moderna, saudemos com entusiasmo democrático o aparecimento no xadrez eleitoral desse ar do tempo que dá por Partido do Centro.

Esta formação era reconhecidamente uma sentida carência, e do desejo de a colmatar a trouxe-mouxe e sem respeito pelos epicentros culturais dá-nos conta o recente Lisbon Meeting em que representantes de partidos sociais-democratas, liberais e reformistas decidiram encarregar Cavaco Silva e Martin Bangemann (actual ministro da Economia da RFA) de constituírem um «grupo de reflexão para aprofundar fórmulas concretas deorganização para a vasta área política do centro a nível mundial». O que nos lembra, sem ponta de maldade, os discursos em que o prof. Salazar avisava a Europa e o mundo acerca dos resultados da descolonização «precipitada» de franceses e ingleses...

Mas voltemos ao essencial, ou seja, à formação partidária que não nascesse com envolvimento com os partidos portugueses demarcados rigorosamente à esquerda e à direita, que são os que já existem. Dito de outro modo: sem pecado original.

Só para prevenir os desatentos, recorda-se que, como todos os demais partidos, o centro entra na definição clássica de organização que dentro do Estado visa a realização de certos objectivos ideológicos e materiais, mediante a conquista ou influência de postos nos órgãos do poder. Os partidos, aliás, constituem-se como forma organizada de uma aspiração: em transformar a sociedade, em servir ideais, e casos há em que irrompem mais discreta que tumultuosamente, num prelúdio mal pressentido pela massa eleitoral. Terá sido assim com o CDS em 1974, terá sido assim com o PRD em 1985, após terem feito confluir uma onda de aspirações e coordenadas ideológicas para um texto programático.

O Partido do Centro começou a dar os primeiros passos através da expressão tonitruante do seu apologeta, o militante Barros, na nossa bela Igreja dos Jerónimos. Em 17 de Maio, com os fiéis em debandada, o ardoroso militante insurgiu-se contra a generalidade das formações partidárias. Disse então, conforme registou um semanário: «O PRD ninguém sabe o que é; cuidado com os boinas verdes porque são comunistas; o PS é o que se sabe, etc.»

Esta acutilância quer também fazer-nos sentir que o estado embrionário de um partido entregue a um punhado de iniciados fervorosos tem no seu latejar o aparelho do partido, mola de arranque para a conquista do poder. Por exemplo, nos partidos comunistas têm especial importância as denominadas células, realizando periodicamente reuniões a diferentes níveis de dirigentes e filiados que culminam em momentos de apoteose ideológica ou organizativa que são os congressos. O funcionamento deste aparelho partidário pressupõe alguma burocracia e algumas disponibilidades que podem provir de diferentes fontes, especialmente das quotizações dos seus membros.

O Partido do Centro não fugiu à regra do lançamento nacional através de uma inesquecível comunicação do seu secretariado nacional, de que respigamos a passagem imorredoira: «Os portugueses já decidiram, mas precisam sempre de o confirmar, que qurem viver ao centro, um centro-esquerda ou um centro-direita, sem rupturas nem aventuras.» Escusado é dizer que esta comunicação estava também destinada a servir de orientação aos candidatos ou cabeças de lista distritais.

No seguimento desta ribombante comunicação eleitoral, partidos houve, para além do já citado PSD, que de uma forma oportunista, fraudulenta e sectária, tentaram aproveitar-se desta orientação do Partido do Centro para com ele se identificarem, no todo ou na parte, procurando demonstrar que aquele espaço, afinal, já era deles. É assim que o CDS, através do seu matutino, na edição de 5 de Junho, vem dizer em parangonas que o voto é no «seu» centro e não no centro do partido do centro. Logo o PRD, pela voz do seu líder, enfatizou que a área do centro-esquerda estava tomada pelas suas hostes quando referiu que «existem politicamente para o País dois tipos de soluções: uma de centro-direita, que é a que tem vigorado até agora, e uma solução de centro-esquerda para a qual o PRD é indispensável».

Seguramente que haverá concepções dissemelhantes do que é o centro, mas o que talvez seja deplorável nesta geografia partidária é a sobreposição de espaços em simultâneo com o profundo vazio do centro-direita, esse mesmo centro-direita onde se banham partidos tão insignificantes como o Partido da Democracia Cristã, na Itália, e o Partido Conservador da Grã-Bretanha. Com o Lisbon Meeting, o PSD anuncia ao mundo que a direita é uma coisa para os partidos à sua direita que, como se sabe, têm uma expressão eleitoral afim à da Espanha, Itália e Grã-Bretanha...

No seguimento da grande aparição pública do Partido do Centro, o mais proeminente candidato pelo distrito de Bragança, António Rafael, denunciou os inimigos do centro nos seguintes termos: «Todos os totalitários, tanto os social-marxistas ou comunistas, como os sociais-fascistas ou ditaduras de direita; e todos os laicos ou secularistas, tanto os liberal-capitalistas como os pietistas. Uns, por motivos políticos ou sociopolíticos; outros, por motivos económicos: uns e outros para se porem a recato da intervenção (que chamam interferência abusiva) incómoda do Partido do Centro que contraria e se opõe frontalmente a todas as ideologias desumanas e desumanizantes, a todas as práticas imorais e desonestas, a todos os negócios escuros e formas de corrupção, e a toda a religião alienante ou piedade alheadora.» Esta intervenção do candidato António Rafael preenche as páginas principais de um dos jornais do Partido do Centro, o «Mensageiro de Bragança».

Da mesma forma ética e desassombrada, o mais proeminente candidato pelo distrito de Braga, Eurico Nogueira, na soalheira tarde do domingo 7 de Junho, apontou a um vasto e concordante auditório que «se nenhum partido lhes parecer bom, votem no que considerarem menos mau», acrescentando depois que os deputados poderiam «reduzir-se em número para crescerem em eficácia e pouparem ordenados e outras despesas ao erário público».

Em percurso meteórico, e exclusivamente preocupados em descrever as grandes linhas do emergente Partido do Centro, deu-se a conhecer algumas das intervenções surgidas na Imprensa diária. Muito há a esperar do Partido do Centro, em especial quanto à estratégia a desenvolver na campanha eleitoral, a utilização do tempo de antena, em relação ao financiamento do partido, negociações para a formação do governo, etc, etc. Aponta-se como cabeça de lista por Lisboa um conceituado intelectual da estirpe de Lacordaire, António Ribeiro, o qual, seguindo a tradição dos restantes partidos políticos, e caso o Partido do Centro venha a ser maioritário, virá a ser indigitado para primeiro-ministro. É um cenário que alanceia a imaginação de um Jorge Luís Borges, pois que: coabitará com o social-marxista Mário Soares; sentar-se-á em conselho de estado com o comunista Álvaro Cunhal e até mesmo com o social-fascista Adriano Moreira; serão frequentes as confrontações com o liberal-capitalista Cavaco Silva, e é de pôr termo às especulações pois que o Partido do Centro ainda nem ao adro chegou. As próximas semanas, está-se em crer, vão ser palco de profundos esclarecimentos por parte de dirigentes e quadros intermédios do Partido do Centro, estando previstas sessões de intenso proselitismo.

É com expectativa que aguardamos que o Partido do Centro se demarque sociologicamente dos restantes partidos e desmascare as colagens que desastrados profissionais da sedução fizeram ao Partido do Centro, anunciando, para nosso gáudio e esperança, a boa nova do diálogo, da participação cívica, da tolerância, do pluralismo político e do respeito por todos os centros.

PS ARRANCA NO PALÁCIO DE CRISTAL

Um comício no Palácio de Cristal, na noite de sábado, depois de Vítor Cosntâncio ter percorrido já vários concelhos do distrito do Porto, assinala o início oficial da campanha do Partido Socialista, que termina em Lisboa no dia 17. Ao longo da campanha, o secretário geral do PS percorrerá 13 distritos, participa em 18 comícios, cinco mini-comícios, reune com profissionais de vários sectores, visita feiras e mercados, inaugura sedes do partido e tomará parte em diversas outras iniciativas. É uma longa maratona em que o líder socialista salta de distrito para distrito e vem diversas vezes a Lisboa para gravar tempos de antena e satisfazer outros compromissos.

No primeiro dia da sua campanha oficial, 28 de Junho, Vitor Constâncio visita os distritos de Portalegre e Evora, regressando no dia 29 a Lisboa para visitar as zonas de Loures e Torres Vedras. No dia 30, Vítor Constâncio permanecerá em Lisboa para gravar tempos de antena, um aspecto da campanha em que o Partido Socialista está a apostar forte.

No dia 1 de Julho, Constâncio percorre o Algarve, regressando a Lisboa para nova acção na zona da capital. No dia seguinte estará em Viana do Castelo, em Braga no dia 4, no Porto no dia 5 e no dia 6 novamente no distrito de Lisboa, participando num comício em Vila Franca de Xira.

No dia 7 o líder socialista faz campanha no distrito de Leiria, para no dia seguinte atacar Santarém, a praça forte dos renovadores.

Seguem-se quatro dias seguidos sem que o secretário geral do PS não virá a Lisboa - 9, 10, 11 e 12 de Julho - datas dedicadas inteiramente aos distritos de Castelo Branco, Viseu e Aveiro.

No dia 13 parte para Ponta Delgada, onde participará num comício. No dia seguinte visita a Terceira e à tarde regressa a Lisboa, onde participa num mini-comício e janta com amigos e vizinhos em Oeiras.

O dia 15 é dedicado ao distrito de setúbal, voltando ao Porto no dia 16. A campanha terminará com um comício em Lisboa, no dia 17.

No jardim das lamentações

Ontem à tarde, depois de ter almoçado em sua casa, em Oeiras, com os jornalistas que vão cobrir a campanha do PS, Vítor Constâncio esteve no Jardim da Estrela, para contactar com populares, especialmente idosos. Ali ouviu um mundo de lamentações, de queixas e sugestões. Um grupo de reformados pediu-lhe autógrafos, apresentou queixas sobre as pensões, os serviços de saúde e assistência social. Constâncio mostrou-se surpreendido com muitas das coisas que ouvia e acusava Cavaco Silva de ter usado poucas verbas para aumentar pensões.

Uma mulher, queixando-se dos serviços médicos, exigiu a Vítor Cosntâncio que lhe assinasse um folheto de propaganda do PS «para mandar à médica».

No meio de todas estas queixas Constâncio, que era acompanhado pela mulher, Maria José, encontrou um ambiente de adesão e simpatia.

JS apela a artistas

A Juventude Socialista apelou ontem aos artistas Dora, GNR, Heróis do Mar e Rão Kyao, que actuam neste fim de semana num espectáculo da JSD na Madeira, para que denunciem localmente a «limitação da liberdade política na região».

«Dirigimo-vos esta carta aberta - refere a mensagem - porque infelizmente a liberdade é deturpada nalgumas regiões do país. A região da Madeira é um dos exemplos».

Nesta carta aberta a JS considera que na Madeira «o Governo regional não permite a constituição de associações de estudantes» e que «alguma comunicação social sofre pressões para não divulgar as posições dos socialistas».

Revela ainda que Paulo Barreto, ex-presidente da Associação Académica de Coimbra, empregado actualmente numa secretaria regional e que faz parte das listas socialistas pelo círculo madeirense, foi recentemente ameaçado pelo presidente do Governo regional.

«É neste contexto que a Juventude Socialista vem publicamente apelar-vos para a denúncia destas situações no espectáculo em que vão participar, organizado pela JSD e com apoio de Alberto João Jardim».

A JS salienta ainda que «tal espectáculo ajudará a reforçar um Governo regional que limita a liberdade».

PS contra o nuclear

O porta-voz do PS para as questões do ambiente, Trigo de Abreu, afirmou ontem que a opção nuclear não é necessária ao abastecimento energético do País e manifestou o apoio do seu partido aos protestos contra a lixeira nuclear em Espanha, a poucos metros do Douro. Trigo de Abreu afirmou ainda que «para dizer não ao nuclear dos outros é preciso primeiro dizer não ao nuclear em casa».

«O Governo protesta com o alarido servil da televisão contra o projecto nuclear espanhol mas cala-se contra o projecto nuclear português».

Trigo de Abreu apela aos futuros deputados do Parlamento Europeu para que apresentem propostas que condicionem a instalação de Aldeavilla ao acordo dos países fronteiriços».

"Verdes" em pré-campanha

Maria Santos denuncia problemas ecológicos da região de Coimbra

Os incêndios florestais, a poluição dos cursos de água(casos do Mondego, Alva, Zêzere, Ceira e Arunca) e a deterioração da mata do Choupal, foram alguns dos problemas do distrito de Coimbra salientados ontem pela candidata de «Os Verdes», Maria Santos, num encontro com jornalistas locais.

A deputada e candidata de «Os Verdes», em segundo lugar na lista de Setúbal da CDU, apresentou o manifesto distrital do seu partido e visitou os concelhos da Figueira da Foz e de Coimbra.

Maria Santos denunciou ainda o perigo de extinção da lampreia devido à construção do açude do Mondego que impede a desova do espécime.

Preservar as aldeias abandonadas da serra da Lousã, pelo «testemunho de sobrevivência que representam», e lançar a reflorestação adequada do maciço foram sugestões ainda avançadas pela candidata que criticou também a poluição do rio Ceira pelas fábricas de pasta de papel situadas nas suas margens e a extracção de areias do Mondego(«desde 1977 foram extraídos milhões de metros cúbicos que afectaram irreversívelmente ecossistemas de grande valor e prejudicaram as populações ribeirinhas», disse).

CDU e PS criticam eleitoralismo de Couto e Santos

A CDU criticou a presença do secretário de Estado da Juventude, Couto e Santos, num convívio organizado pelo FAOJ(Fundo da Apoio aos Organismos Juvenis) em Setúbal. No seu comunicado, a CDU refere o facto de o FAOJ ter marcado o convívio «com actividades culturais e recreativas, almoço e rock ao vivo» e ter omitido a presença do referido secretário de Estado também candidato do PSD pelo distrito de Setúbal.

A mesma crítica de «acção eleitoralista» foi feita pela Federação distrital da Juventude Socialista de Setúbal que contesta ainda a afirmação de Couto Santos de que a acção já estava prevista desde há longa data, pois o FAOJ «não foi dotado das verbas indispensáveis» para o encontro.

CGTP e UGT debatem eleições

Florival Lança(CGTP) e Rui Oliveira e Costa(UGT) vão estar em foco a partir das 8 horas de amanhã, sexta-feira, aos microfones da Rádio Horizonte, da Amadora(93.7 FM).

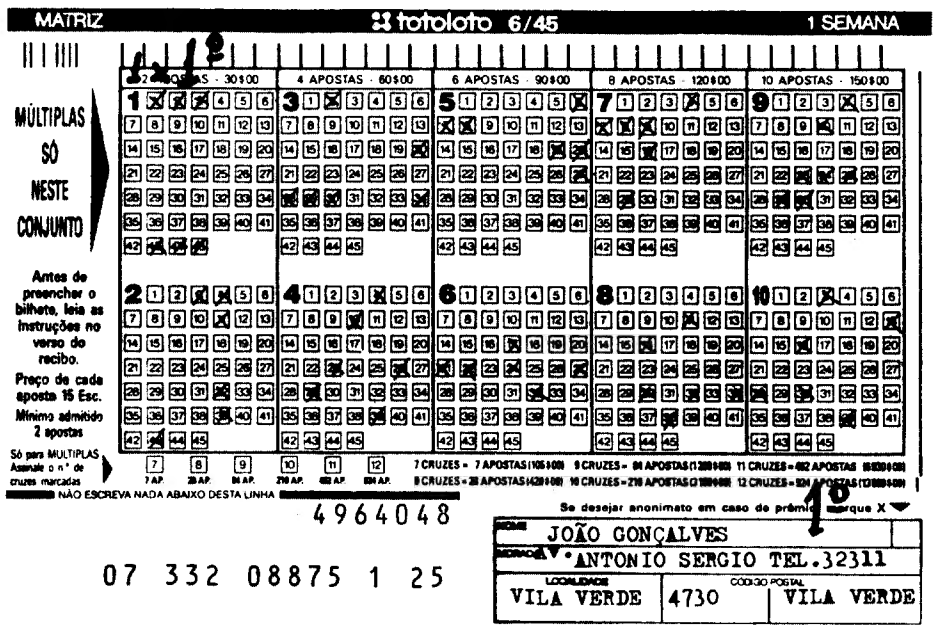
Aqueles dirigentes das duas centrais sindicais vão debater «As eleições de 19 de Julho e a situação social do país».

IRIS manifesta-se a favor da social-democracia

O Instituto de Reflexão e de Intervenção Social (IRIS) divulgou ontem em Lisboa um manifesto, por via do qual torna pública a intenção de «contribuir para a expansão do ideário do socialismo democrático e da social-democracia».

No documento, apresentado em conferência de imprensa por Joaquim Silva Pinto, defende-se a «clarificação do cenário partidário, pondo-se termo ao hábito de se encobrir as verdadeiras opções políticas sob designações inadequadas». O IRIS procederá, segundo a sua promessa, «à análise crítica do papel desenvolvido palos partidos (que se reivindicam do socialismo democrático e da social-democracia) nos diversos sectores, com especial empenho no que se relacionar com os capítulos sociais», afirma-se no manifesto.

As eleições para os órgãos do Instituto, a que já aderiram 111 personalidades, realizar-se-ão em 24 de Julho. Entre estas personalidades conta-se, além de Silva Pinto e Oliveira Martins, os nomes de José Penedos, Vilhena de Carvalho, Rui Oliveira e Costa, Adelina Sá Carvalho, Mário Vilela, Meira Soares, Guilherme da Palma Carlos, Pires Veloso, Roque Lino e António Rebelo de Sousa.



Esta é a matriz dos novos milionários do Totoloto

62 000 CONTOS DO TOTOLOTO VÃO PARA BRAGA, PORTO E PORTALEGRE

Jogar no TOTOLOTO é assim: é apostar na sorte. É fazer seis números, um símbolo de muitas alegrias.

Foi o que aconteceu a três apostadores que individualmente vão receber a quantia de 20 686 302$00.

Um anónimo de Portalegre, outro anónimo do Porto e o sr. João Gonçalves, de Vila Verde, Braga.

O sr. João Gonçalves, neste momento, um feliz «português de Braga», vai poder realizar o sonho de ter casa própria. Recebendo uma reforma de 11 000$00 pela ex-profissão de marceneiro, o sr. João Gonçalves, de 64 anos, casado e sem filhos, vai ajudar a viver melhor, graças ao TOTOLOTO, 25 sobrinhos.

Confissão que nos fez este totalista, em sua casa, onde o entrevistámos, ainda num ambiente de grande e compreensível alegria.

Este concurso, n.º 25/87, distribuiu ainda 113 2.os prémios no valor de 109 838$00 cada um, 990 3.os prémios no valor de 37 611$00 cada, 49 717 4.os prémios no valor de 1098$00 cada e finalmente 859 862 5.os prémios do valor de 95$00 cada.

Jogar no TOTOLOTO é isto mesmo — uma aposta de futuro num concurso que é fácil, é barato e dá milhões.

JOSÉ MANUEL TENGARRINHA AO "DL"

Assembleia da República. Na sala onde funciona o grupo parlamentar do MDP/CDE vivem-se dias de grande azáfama e algum nervosismo. Trata-se, no dia 19 de Julho, de saber de um destino — se o partido liderado por José Manuel Tengarrinha prossegue a sua vocação parlamentar ou se, pelo contrário, será castigado nas urnas o seu recente impulso autonomista, condenando à morte a coligação APU.

"A DEMOCRACIA

Rui Eduardo Paes e Augusto Vilela

Fotos de José Tavares

A conversa que o «DL» manteve com aquele dirigente partidário esteve assim balizada entre duas dúvidas de fundo, ou dizendo melhor, entre dois cenários opostos: um deles comportando um MDP/CDE tornado em outro 'esquecido' da esquerda portuguesa; o segundo, um MDP/CDE feito reservatório das esperanças renascidas entre aqueles que preferiram afastar-se da sombra tutelar do PCP, desconfiaram do PS e desiludiram-se com o percurso do partido que ainda não há muito se apresentava como 'renovador', o PRD.

Foi a esta tarefa que o MDP/CDE se predispôs, apesar de ambiciosa. Daí que a primeira pergunta tivesse surgido nos termos que seguem.

«DL» — A poucos dias do início da campanha eleitoral qual a situação do seu partido a nível organizativo? Que instrumentos usará?

José Manuel Tengarrinha — Basearemos a campanha em três documentos principais. Um define as razões da apresentação da nossa candidatura, o segundo será o nosso manifesto eleitoral e ainda teremos um apelo ao voto no MDP/CDE.

Avançaremos com dois cartazes diferentes e com tarjetas e outros pequenos documentos, para além dos nossos tempos de antena na televisão e na rádio. O Pedro Osório fez-nos uma música de campanha que, com certeza, fará furor. Preparámos ainda várias iniciativas, entre as quais a realização de um seminário, já este fim-de-semana, que juntará no Hotel Berna alguns deputados ecologistas de diversas nacionalidades com assento no Parlamento Europeu, com a participação de alguns conhecidos especialistas portugueses como Beja Santos, Martins Palma ou Araújo Barbosa. O tema será: «As consequências ecológicas e sociais da integração na CEE».

Avançaremos com alguns «slogans»: «Vota livre, vota consciente «MDP/CDE – o voto novo», «MDP/CDE — o diálogo para renovar a esquerda» e «MDP/CDE — por uma democracia participada».

A partir das linhas de força que traçámos para a campanha surgirão os manifestos distritais do partido, já que toda ela será descentralizada, seguindo exemplo das antigas CDE's de dar responsabilidades às organizações distritais.

«DL» — E as distritais poderão suportar tais responsabilidades, encontram-se de facto preparadas?

J.M.T. — Nesse capítulo devo dizer-lhes que a questão da saída de militantes do MDP/CDE foi excessivamente empolada. A verdade é que as dissidências foram reduzidas: a nível da Comissão Nacional constituíram pouco mais de 10% e em número de militantes foi de dimensão ridícula.

Inclusivamente, a maior parte das pessoas que saíram nem sequer constava nos nossos ficheiros, e outros já há vários anos que não contávamos com eles.

Seja como for, ao mesmo tempo em que ocorriam estes afastamentos davam entrada no partido numerosos novos militantes, e todos os dias temos inscrições de jovens que decidiram optar pelo MDP/CDE.

Um projecto novo

«DL» — A estrutura do partido está a conseguir comportar essas entradas um tanto imprevistas?

J.M.T. — Está a reagir bem. Houve algum receio de início, mas está tudo a correr bem. Creio que esta vaga de jovens que se sentiram atraídos pelo MDP/CDE foram motivados pela descoberta de que temos um projecto novo, comparando com os da esquerda tradicional. Temos conciência de que uma parte do eleitorado está profundamente descrente com os partidos tradicionais, o que alías é perfeitamente visível através da mobilidade do eleitorado e da margem das abstenções. As sondagens dizem-nos que há mais de 20% de descontentes.

«DL» — A propósito dos descontentes da esquerda. Gostaria de comentar a participação de pintasilguistas nas listas do MDP/CDE, apesar de a eng. Lourdes Pintasilgo ter optado pelo PS?

J.M.T. — Respeitamos evidentemente a decisão da eng. Pintasilgo, mas não a achamos muito consentânia com o seu projecto de democracia participada. É um facto, todavia, que muitos activistas na candidatura presidencial de Pintasilgo decidiram apoiar a nossa intervenção eleitoral, e com particular relevo.

Isso deve-se à existência de uma grande proximidade de pontos de vista e de práticas entre os militantes pintasilguistas e o MDP/CDE. Eles encontraram no partido um campo de actuação em que se sentem mais à vontade.

Esta aderência é particularmente evidente no distrito do Porto, onde o segundo e o terceiro lugares da nossa lista são conhecidos pintasilguistas. Casos de Virgílio Moreira, que foi o mandatário distrital pelo Porto da eng. Pintasilgo, e do coronel Mário Brandão, membro da Associação 25 de Abril, que foi seu apoiante nas Presidenciais.

O mesmo é visível em Braga ou em Viana do Castelo, ou, no Sul do País, em Beja, com o segundo lugar da lista por esse distrito, o presidente da Associação de Defesa do Património Cultural de Beja, António José Paisana. A presença de pintasilguistas como candidatos do MDP/CDE é, em suma, uma constante.

«DL» — Após a «morte» da APU, o MDP/CDE pretende, portanto, ter uma presença inovadora no seio da esquerda, com um projecto próprio?

J.M.T. — Exactamente. Na APU a nossa mensagem era submersa pela do PCP, o que não acontece agora. Neste momento dirigimo-nos com uma expressão própria ao eleitorado. Creio que há vários motivos para esta nova atracção que o MDP/CDE está a merecer: sendo como somos um partido de poder, que sempre esteve e irá estar na Assembleia da República, nas câmaras municipais e juntas de freguesia, nunca abusámos desse poder e nunca incorremos na corrupção e no clientelismo. Ninguém o poderá contestar.

Temos cumprido os nossos compromissos perante o eleitorado e todos sabem que nunca nos confundimos com os jogos de bastidores. O nosso tipo de actuação política é reconhecido por nunca impormos os nossos pontos de vista, mesmo quando somos maioritários, e isso salienta o nosso comportamento quando ligados ao poder, um comportamento de tolerância. Procuramos sempre buscar consensos e pontos de acordo.

É evidente que temos as nossas directrizes gerais, mas as organizações de base do MDP/CDE têm capacidade para construir formas de cooperação com outras correntes democráticas, e todos o tomam como uma característica muito nossa.

O MDP/CDE é, efectivamente, um partido flexível e aberto, com a capacidade de se deixar influenciar pelas suas organizações de base, que têm a autonomia suficiente para constituir as suas próprias linhas de orientação.

Era isso precisamente o que nos distinguia do PCP quando fazíamos parte da APU. Poderia parecer a alguns que também seguíamos pelo centralismo democrático, mas a verdade é que a nossa opção foi sempre pela democracia de base. Somos um partido não centralista e concebemo-nos como um espaço de encontro de numerosas correntes de intervenção social.

Integram-se na nossa estrutura movimentos sociais como os ecologistas independentes, os cooperativistas, os movimentos de mulheres e de jovens, a defesa do consumidor. Esses activistas têm relevo nas nossas listas e toda a nossa campanha repousará nesses grandes temas.

O MDP/CDE irá lançar brevemente um manifesto dos ecologistas independentes, e se eles escolheram o partido como suporte das suas lutas foi porque acharam que não somos dirigistas.

Recentemente abriu-se também uma nova linha de trabalho, de que um dos principais animadores é Jorge Fagundes, candidato independente pela lista de Lisboa. Pretende-se com ela lançar acções concertadas a nível nacional e internacional pela defesa dos direitos do homem, e o facto de sermos nós a apadrinhar a ideia tem um amplo significado, pois somos na verdade o partido com melhores condi-

TAMBÉM PASSA POR NÓS"

«Achamos incompreensível que o PCP nos tenha escolhido a nós, a par do PSD, como inimigo principal»

ções para desenvolver acções desta natureza: não temos preconceitos a favor seja de que lado for, e não há dúvida que eles tirariam a veracidade e autenticidade que são imprescindíveis.

«DL» — Não receia, apesar de tudo, que alguns indecisos e descontentes da esquerda não se esqueçam que o MDP/CDE foi, como se costumava dizer, um «partido satélite» do PCP?

J.M.T. — Temos dado suficientes provas da nossa seriedade, e é ela que nos tem feito entrar em choque com atitudes com as quais não podemos concordar.

Aceitamos as dúvidas em relação ao MDP/CDE como legítimas, mas também achamos que as pessoas verão ao longo da nossa prática política que não têm razões para essas dúvidas.

MDP/CDE: o espaço alternativo

«DL» — Pensa pois que a mensagem do MDP/CDE será escutada?

J.M.T. — Sim. E reparem neste aspecto: há três opções políticas tradicionais desde o século XIX — os liberais e democratas-cristãos, os sociais-democratas e os comunistas. Todos eles têm tendência a descer nas votações, enquanto que formações pequenas com projectos alternativos adquirem maior importância política e um relevo mais acentuado.

E se essas grandes famílias políticas estão a decair é porque não têm sabido corresponder às diferentes necessidades introduzidas pelo nosso tempo. O MDP/CDE é a isso que se propõe, constituindo-se desde já, em Portugal, como o espaço alternativo que pode personificar essas novas necessidades.

Não foi por acaso que numa parte da opinião pública, dos órgãos de informação e até nos outros partidos houve uma viragem na maneira de olhar a nossa candidatura às eleições de 19 de Julho. Primeiro viram a apresentação das nossas listas como um acto sem resultados, digno e legítimo sem dúvida, mas sem resultados à vista. Pois bem, tiveram de modificar essa ideia.

«DL» — E a candidatura do MDP/CDE significa que em Portugal passamos já a ter uma outra concepção da política?

J.M.T. — Sim, porque contrariamente aos partidos tradicionais, que pela sua rigidez organizativa e interna não têm condições para servirem de suporte às lutas sociais do mundo contemporâneo, nós temos de facto uma perspectiva de interpretação política dessas lutas. Pensamos que é impossível resolverem-se os problemas existentes sem simultâneamente se arranjarem soluções para o sistema social que as comporta.

«DL» — Também o PSR, um partido «trotskista», tem incorporado os movimentos sociais nas suas preocupações políticas. Não haverá o risco de um atabalhoamento de usagens, na campanha?

J.M.T. — Não, porque as abordagens são diferentes. A nossa perspectiva política foi reconhecida como indispensável, e se é certo que os militantes dos movimentos sociais têm horror aos partidos, está cada vez mais reforçada a noção de que esses movimentos devem passar pelos partidos políticos.

Foi assim que nasceu uma corrente ecossocial, na qual estamos inseridos. Os partidos deverão é ser flexíveis, sem se perverterem nos jogos de poder, e é esse o segredo dos Verdes da Alemanha.

«DL» — Acusa-se o MDP/CDE de se ter tornado ecologista demasiado bruscamente, disfarçando assim uma certa diluição da sua mensagem devido à permanência na APU. Aceita a crítica?

J.M.T. — Não há dúvida que a nossa colaboração na APU não nos permitiu uma identidade própria, até porque a mensagem do nosso aliado, o PCP, era mais poderosa. No entanto, devo acentuar que a nossa feição ecologista não é de agora, é uma preocupação que nos acompanha desde sempre e está inscrita no nosso programa.

Um projecto de desenvolvimento como o do MDP/CDE passa obrigatoriamente pela satisfação das necessidades básicas, e que dizem respeito à discriminação da mulher, aos problemas do consumidor e ao desequilíbrio do meio ambiente. Nada disto apareceu agora.

«DL» — Houve reflexos substanciais da visita dos Verdes alemães a Portugal, convidados pelo seu partido?

J.M.T. — Houve, na verdade. Surgiu uma grande identidade de pontos de vista entre os Verdes alemães e o MDP/CDE, o que faz inclusive com que eles nos privilegiem no contexto português. Existe uma semelhança de concepção da democracia socialista e participada, um igual repúdio da organização centralista e um mesmo horizonte ecológico, que não se fica pela defesa do 'passarinho'. O MDP/CDE, tal como os Verdes na Alemanha Federal, não é um partido exclusivamente ecologista, é isso e mais do que isso.

«DL» — O optimismo que tenho reparado nas suas palavras significará uma confiança na formação de um grupo parlamentar?

J.M.T. — Estamos absolutamente seguros de que assim será, dado o grande acolhimento que temos registado junto das populações ao longo da pré-campanha. As pessoas vêem em nós o partido que faltava, o que é patente nas adesões e nas manifestações de simpatia que o partido tem recebido e até nos têm surpreendido.

Mas isso tem uma explicação: preenchemos um espaço inconfundível, que não é ocupado por nenhum outro partido político.

Somos o único partido da esquerda não marxista-leninista que não alinhou na área social-democrata, depois de também o PRD se ter decidido por essa família.

«DL» — Quais os distritos em que o MDP/CDE julga ter maiores possibilidades de eleger deputados?

J.M.T. — Apostamos em dois deputados por Lisboa, um pelo Porto, um por Setúbal e outro por Faro, e pensamos que está assegurada a eleição do nosso cabeça de lista para o Parlamento Europeu.

Voto útil é redutor da democracia

«DL» — Que resposta dá o MDP/CDE às propostas do movimento Coragem, no sentido de haver uma concertação de desistências em favor dos partidos de esquerda melhor colocados?

J.M.T. — Consideramos respeitável a iniciativa do grupo Coragem e dissemo-lo em comunicado, mas também achámos que tais propostas poderiam dar origem, mesmo que involutariamente, a perigosos equívocos.

Em contactos com os promotores desse movimento soubemos que não era sua intenção promover um sistema bipolarizador como o que defendem Vítor Constâncio e Cavaco Silva, que consideramos redutor da democracia e empobrecedor dos diferentes leques de opções. Um sistema assim iria ser não um factor de estabilidade mas, pelo contrário, de verdadeira instabilidade política, na medida em que tentaria manter à margem das instituições correntes políticas importantes.

Nesse sentido respondemos ao movimento Coragem que estaríamos sempre dispostos a dialogar com todas as forças de esquerda, não visando propriamente desistências unilaterais mas uma concertação de acções que evite as hostilizações.

Entendemos que as hostilizações entre partidos de esquerda são muito graves, constituindo um factor de perturbação do eleitorado de esquerda e favorecendo a abstenção, para além de provocarem crispações que podem dificultar futuros entendimentos.

A lógica do voto útil não aceitamos. No caso do MDP/CDE, e aliás como já aconteceu em 1976, o apelo ao voto útil só serviria para dispersar inutilmente os nossos potenciais eleitores em vários partidos e para engrossar a abstenção. Para além de que é extremamente negativo que o eleitorado seja comandado por centrais de decisão que ultrapassam a sua própria opção.

Vejam o exemplo da engenheira Pintasilgo: os seus 7% de votantes na primeira volta das Presidenciais tinham a certeza de que ela não seria eleita, e todavia preferiram respeitar a sua opção. É um erro julgar-se que o voto se desloca mecanicamente de uns partidos para o fortalecimento de outros. Geralmente o eleitor nessas condições prefere ir para a abstenção.

A nossa candidatura às legislativas de 19 de Julho obedece a uma lógica bastante diferente, tencionando o fortalecimento da esquerda por meio da desmobilização dos votos da abstenção e dos descontentes saídos de outras formações políticas.

Não temos a democracia na barriga, mas a democracia também passa por nós, e é por isso que levaremos a nossa candidatura até ao fim.

Para quê aceitarmos a noção do voto útil se em grande parte dos distritos vemos que é o PSD o principal atingido devido à presença das listas do MDP/CDE, pois ficará sujeito à divisão dos restos no método de Hondt?

«DL» — Deseja comentar os ataques do PCP ao seu partido?

J.M.T. — Achamos incompreensível que o PCP nos tenha escolhido a nós, a par do PSD, como inimigo principal, e surpreende-nos que esses ataques sejam tão caluniosos e falhos de verdade.

Álvaro Cunhal comparou-nos num comício em Évora com o MRPP, chamou-nos de divisionistas e dissidentes, esquecendo que a actual direcção do MDP/CDE está a cumprir uma decisão tomada por unanimidade no nosso último Encontro Nacional, com 300 delegados eleitos em todo o País.

No jornal 'Avante!' acusaram-nos de termos sido remunerados para agirmos como agimos, e Domingos Abrantes escreveu num 'Fim de Semana' que admitiríamos até um envolvimento de acções com o CDS. Cunhal, novamente, disse na Rádio que estávamos a afastar-nos do 25 de Abril. Tudo isso é falso e calunioso, e lamentamos que saia de um partido que nos habituámos a considerar responsável.

Apenas revela, afinal, o nervosismo e a inquietação do PCP, o que com certeza não deixará de se voltar contra si, pois o próprio Partido Comunista admite deste modo que o MDP/CDE é uma força bem real.

Esta animosidade nem sequer é nova. Não são reservas de agora, mas desde que no 4.º Congresso do MDP/CDE discutiu em termos novos a via para o socialismo. É extremamente incómodo para o PCP que se ponham em causa certos princípios e 'verdades' que aceita como absolutas.

SESSÃO SOLENE COM PR ENCERRARÁ COMEMORAÇÕES DO CENTENÁRIO DA AAC

As comemorações do centenário da Associação Académica de Coimbra terminam em Novembro, mês em que o programa será levado ao «rubro».

Entre outras manifestações está prevista a realização das 100 horas da Academia, que têm o objectivo de levar a toda a cidade a vida académica; uma reprodução no rio Mondego da tradicional regata de remo entre as Universidades de Oxford e Cambridge, com a participação de tripulações oriundas das duas universidades; um encontro das universidades mais antigas da Europa como Salamanca, Pádua e Oxford; a inauguração de um monumento ao estudante, a realização da segunda semana das repúblicas e um encontro de antigos dirigentes da AAC.

As comemorações terminarão com uma sessão solene em que estará presente o Presidente da República, Mário Soares, que encabeça a comissão de honra das comemorações.

O programa definitivo das comemorações, que começaram no princípio deste ano, foi apresentado em conferência de Imprensa pelo actual presidente da AAC, Benjamim Lousada.

A direcção-geral da AAC lançou um livro com todos os cartazes da Queima das Fitas e no próximo mes de Julho vai realizar uma mostra das suas actividades na décima edição da Feira Comercial e Industrial de Coimbra que integra a montagem de um estúdio da Rádio Universidade de Coimbra, a elaboração de trabalhos pelo Centro de Informática da AAC e projecção do Centro de Estudos Cinamatográficos num ecrã gigante montado para esse fim.

No Estádio Municipal de Coimbra vai realizar-se um concerto de música «rock» com a exibição de grupos nacionais e de dois grupos estrangeiros.

As artes plásticas e a fotografia terão lugar importante nas actividades previstas para o próximo mês de Julho, que assinalará o lançamento de um catálogo de fotografias de pinturas murais das repúblicas de Coimbra.

As comemorações serão interrompidas em Agosto em consequência das férias lectivas e serão retomadas em Setembro com actividades desportivas, nomeadamente com a realização de torneios de pesca desportiva, de raguebi, hóquei em patins e basquetebol.

Outubro será o mês do teatro, realizando-se em Lisboa e Porto dois saraus em que serão evocadas as tradições académicas coimbrãs.

PPM quer eleger dois deputados

Eleger dois deputados para a Assembleia da República e um «pelo menos» para o Parlamento Europeu são os objectivos do PPM para as próximas eleições.

O dirigente do partido Luis Coimbra revelou ontem que o PPM dispõe de cerca de mil contos para fazer a campanha, pelo que haverá apenas três cartazes: um para o Parlamento Europeu, um para a Assembleia da República e outro para anunciar um comício em Lisboa.

Duas mensagens principais, para cada uma das eleições, serão transmitidas durante a campanha: «restaurar o futuro» (para a Assembleia da República) e «Céu azul, terra verde e mar português» (para Estrasburgo). Em qualquer dos casos existe a dificuldade, segundo os dirigentes populares monárquicos, de chegarem a todo.o eleitorado. Gonçalo Ribeiro Teles, o líder do PPM, afirmou já que esse é o principal problema do partido, pelo que apelou para todos os seus militantes, no sentido de «espalharem a notícia».

Embora com um orçamento reduzido, o PPM não esconde a eventualidade da obtenção de «apios internacionais», mas não especifica a sua natureza. Alguns são mesmo de índole partidária, cujos membros virão a Portugal mostrar a sua solidariedade com o partido, nomeadamente provenientes do Brasil, RFA e Suécia.

UDP apresenta queixa à CNE contra actuação da PSP

A UDP vai queixar-se à Comissão Nacional de Eleições(CNE) da actuação de agentes da PSP que ontem intimaram três militantes do partido, um deles candidato, quando realizavam uma acção de propaganda.

Os activistas da UDP foram intimados por agentes da PSP a acompanhá-los à esquadra da Charneca do Lumiar sob a acusação de «pichar paredes e colar cartazes» naquela zona.

Segundo a UDP, os três activistas estiveram detidos cerca de meia hora na esquadra e foram ameaçados de que «não se atrevessem a voltar ao local».

Contactado pela Lusa, um elemento da referida esquadra disse que os militantes da UDP foram ali conduzidos na sequência de uma denúncia anónima de que «andavam umas pessoas a sujar paredes», mas «não estiveram nem um minuto na esquadra».

Um comunicado da UDP acusa os comandos distrital e nacional da PSP e o titular da Administração Interna, Eurico de Melo, pelo caso que caracteriza como «manobra de intimidação».

«Coutada» da CEE

Daniel Avenida, candidato da UDP por Setúbal, considerou que o PROSET, programa de recuperação e desenvolvimento daquele distrito, «não é solução» para os problemas da região, pois aponta para a sua transformação numa «coutada da CEE».

O candidato, que falava num encontro de quadros e de outros candidatos do partido pelo distrito, frisou, a propósito, que «qualquer delegado do Governo para o desenvolvimento económico nada vai resolver e por isso tal nomeação é indiferente» para a UDP.

Lucas Pires solicita à CNE campanha de esclarecimento sobre Parlamento Europeu

Lucas Pires, cabeça de lista do CDS para o Parlamento Europeu, solicitou à Comissão Nacional de Eleições uma campanha de esclarecimento sobre as eleições para a citada câmara europeia.

O candidato centrista explica na sua carta ao presidente da CNE que esta é a primeira vez que os portugueses votam para a Europa, motivo porque, à semelhança do que se faz para a Assembleia da República, também a CNE deveria organizar na RTP uma campanha de esclarecimento sobre as eleições para Estrasburgo.

JC exige explicações à RTP

Entretanto, a Juventude Centrista manifestou o seu descontentamento pela cobertura que a RTP está a dar às suas iniciativas e considerou que o conselho de gerência daquela empresa deve apresentar explicações ou demitir-se.

Segundo o comunicado da JC, a cobertura televisiva das iniciativas do CDS em geral e da JC em particular é discricionária.

«Porque é que difundem as actividades de todos os partidos e quando é o CDS a encher salas com milhares de pessoas, a RTP não transmite?», pergunta-se no comunicado da JC que cita concretamente a ausência de equipas de televisão na apresentação dos candidatos a deputados da JC e do CDS, no Porto e em Aveiro respectivamente, a 17 e a 20 do corrente.

PORTUGAL E O PARLAMENTO EUROPEU

• CONSEQUÊNCIAS DA ADESÃO À CEE NAS VERTENTES ECOLÓGICA E SOCIAL •

PARTICIPAÇÃO DE DEPUTADOS ECOLOGISTAS DO PARLAMENTO EUROPEU (GRUPO ARCO-ÍRIS/GRAEL) E DE ESPECIALISTAS PORTUGUESES

DIA 27 ÀS 14.30 — ABERTURA
DIA 28 ÀS 9.30 — CONCLUSÕES/ENCERRAMENTO

PROMOVIDO PELO MDP/CDE COM COLABORAÇÃO DE INDEPENDENTES

HOTEL BERNA (LISBOA) • ENTRADA LIVRE

TRIBUNAL CÍVEL

DA COMARCA DE LISBOA

1.º JUÍZO

ANÚNCIO

P.ª 3720 1.ª Sec.

Por este se faz público que foi distribuída na Secretaria deste Tribunal, 1.ª Secção de Lisboa, acção contra JOSÉ ANTÓNIO CASCÃO OLIVEIRA CANELAS, solteiro, nascido a 6/11/1957 na freguesia de Corroios, filho de Álvaro Marques de Oliveira Canelas e de Maria de Lourdes do Amaral Cascão de Oliveira Canelas residente na Rua Francisco Metrass, n.º 14-1.º Esq.º – 1300 em Lisboa, para o efeito de ser decretada a sua interdição por demência.

Lisboa, 3 de Junho de 1987

O Juiz de Direito
José Nuno de Almeida Valadas

A Escrivã Adjunta
Maria Helena dos Santos Gonçalves

«D.L.» 25/6/87 – 2.ª Pub.

Rocha Vieira promovido a general

O brigadeiro Rocha Vieira, actual ministro da República para os Açores, é hoje promovido a general na reunião do Conselho Superior de Defesa Nacional. Tal facto, não arrasta todavia o abandono das funções que este oficial exerce na Região Autónoma.

Mota Amaral, que mantem um contencioso latente com Rocha Vieira, não deverá participar na reunião, na qual irão também ser nomeados para os Açores, os novos comandantes-chefes da Força Aérea e Naval, respectivamente, Pinheiro de Freitas e Ribeiro Pacheco.

O general Pinheiro de Freitas substitui o almirante Ramos Rosa e o contra-almirante Ribeiro Pacheco substituirá o contra-almirante Leite Pereira.

O Conselho deverá nomear igualmente o novo comandante-chefe da Madeira (em acumulação com o comando militar), brigadeiro Sequeira Rocha, em substituição do general Loureiro dos Santos que regressa ao continente.

No que diz respeito a promoções, estão previstas, além da de Rocha Vieira, as dos brigadeiros Guerreiro Ferreira, Armando Belo Salavessa, Perry da Camara, Cabral Couto e Adérito Figueira, a general. Na Força Aérea são promovidos a brigadeiro os coroneis Manuel Alvarenga, Sousa Santos e José Maria Escarduça Dias.

PDC manifesta-se contra os "partidos ilusionistas"

Um dos objectivos do PDC nesta campanha eleitoral consiste em «desmistificar os velhos partidos ilusionistas», afirmou ontem o secretário-geral da organização, Santos Ferreira.

De acordo com o mesmo dirigente, o lema do PDC traduzir-se-á num «Apelo aos valores de Portugal». A mesma organização considera que os partidos que sucessivamente têm ocupado o Governo deram demasiada importância à sociedade como um todo e pouca em relação ao homem como indivíduo. Santos Ferreira, que é também cabeça de lista do PDC pelo círculo de Lisboa, é de opinião que «este Governo só se preocupa com os ministérios rentáveis», considerando os não rentáveis, entre outros, o da Saúde, da Educação e da Justiça.

Para o líder do PDC, o Governo tem-se mostrado mais preocupado em integrar a CEE em Portugal do que Portugal na CEE, embora reconheça que o actual Executivo «é bom no campo financeiro». No Parlamento Europeu, forum para o qual o PDC espera eleger pelo menos um deputado, a principal preocupação é «evitar restrições à soberania e valores de Portugal», pugnar pelo auxílio «substancial e acelerado» e combater o que chama »centripetismo da CEE».

PC (R) quer eleger o líder da UDP

Eleger Mário Tomé para a Assembleia da República, evitar uma maioria PSD/CDS e uma maioria de dois terços formada por aqueles partidos e pelo PS, são os objectivos do PC (R).

O trabalho a desenvolver em sintonia com a UDP é assumido sem subterfúgios, porque esse partido considera que o PC (R) é «uma das organizações políticas mais prestigiadas em todo o país e mais próxima e ligada aos anseios da liberdade, independência e bem-estar».

Com música e comida

Festa cigana em Lisboa

Entre um copo, um prato de guizado e muita música, ciganos de todo o país comemoraram ontem no Parque Eduardo VII o dia de S. João, o seu santo patrono, que a Câmara Municipal de Lisboa integrou nas festas da cidade como o Dia do Cigano.

Começaram a chegar ao Parque logo de manhã, vindos de toda a parte: do Porto, Guimarães, Torres Vedras, Aveiro, Beja e do bairro de Chelas, em Lisboa. Vieram porque é uma festa de família, uma oportunidade para se juntarem todos, conviverem, e mostrarem a quem por lá quis passar que o cigano não é aquele malandro que ainda anda na cabeça de algumas pessoas.

Trouxeram 500 kg de borrego, um porco, muita batata a todos os ingredientes necessários para fazer um guizado a preceito. A comida era para todos e não podia faltar. Por isso improvisaram cozinhas e ofereceram a quem quis o seu guizado e sardinhas assadas.

A meio do Parque Eduardo VII, onde a Câmara instalou um palco e espalhou cadeiras, centenas de ciganos espelhavam-se pela relva, em grupos, a conversar.

As rodas formaram-se, com ciganos e não ciganos, cantou-se e dançou-se fora do palco, à vontade, espontaneamente.

As moças passeavam juntas, competindo nas indumentárias e nos longos cabelos caídos pelas costas. Os vestidos de cores garridas — vermelho, verde, amarelo, rosa, preto e prateado — contrastavam com os fatos simples das outras mulheres que foram até lá.

No palco montado pela Câmara o grupo de Sereno, o «Conjunto de Gaspar Cigano», de Guimarães, atacava uma rumba. Sentadas nas cadeiras, as ciganas balançavam o corpo, mas poucas dançavam, indiferentes aos apelos do apresentador.

A contrastar com a «arrumação» que Mário Garcia tentava manter no palco mandando os miúdos afastarem-se, ou chamando-os quando achava que deviam dançar, os ciganos cantaram quando quiseram, dançaram quando lhes apeteceu e aproximaram-se do palco quando a vontade impunha.

Vendedores ambulantes não desperdiçaram a oportunidade de fazer negócio, e montaram as suas tendas de comes e bebes (sobretudo cerveja) e gelados por perto, onde até penduraram cartazes de boas-vindas aos ciganos.

Os ciganitos, de gelado nas mãos e na roupa corriam por toda a parte, deixavam «louco» o apresentador quando saltavam para o palco, ou pediam a quem tinha máquina fotográfica um retrato.

«Esta festa é muito importante, porque é uma maneira de integrar os ciganos na cidade. O povo começa a comunicar com os ciganos e pode ver que somos diferentes daquilo que eles pensam, e podem tirar da cabeça aquelas ideias erradas que têm», disse o Nelinho Cigano, de 33 anos, que juntamente com o presidente da Junta de Freguesia da Encarnação, Leonel Neves, organiza a festa do cigano há três anos.

Entre a música do Conjunto Gaspar Cigano (com rumbas, sambas e tudo o mais que lhes apetece tocar) e a eleição da cigana mais bonita, do casal mais castiço, ou do mais simpático, os ciganos conviveram pela noite fora, orgulhosos das suas tradições.

«As nossas festas são assim, têm muita música, muita dança e muita comida. Os casamentos e baptizados são a mesma coisa. Juntamo-nos todos e não há quem nos pare», explicou Paulo Bruno, de 21 anos, um cigano de Almada que ganha a vida como vendedor ambulante.

Zézinha, uma cigana de 16 anos que foi eleita a mais bonita, não escondia o seu contentamento: «Concorri, mas nunca pensei que ganhasse. É bom ver aquela gente que não é cigana achar-me bonita». De vestido cinzento, Zézinha, que vive em Chelas com uns primos, não gosta das saias compridas que a sua mãe ainda usa. «Gosto de me arranjar, de estar bonita, apesar de não sair muito, porque tenho a lida da casa a meu cargo».

Para a cigana mais bonita deste ano, estas festas são importantes porque «dão valor aos ciganos, e assim somos falados. Nós queremos que o cigano seja conhecido».

Essa é também a intenção de Leonel Neves: «Sou um dos chamados 'putos' de Lisboa. Andei atrás dos eléctricos e aprendi a nadar no Cais do Sodré. Por isso aprendi a compreender a sensibilidade das pessoas e a dar-lhes importância. Percebi que o cigano, tal como o ardina, são figuras de Lisboa e por isso propus à Câmara um dia que lhes fosse dedicado».

Mas a festa, festa, aconteceu já a altas horas da noite, quando o apresentador deixou de tentar disciplinar as pessoas e lançou um convite a quem quisesse subir ao palco. Túlia, uma ciganita de 12 anos pegou no microfone e soltou a voz. Zézinha, juntamente com outras moças ciganas subiu ao palco, torneou o corpo com as mãos e dançou, acompanhando a voz de Túlia e a guitarra de Sereno. Nessa altura, já quase no fim, a festa ganhou um verdadeiro cunho cigano e o improviso teve lugar.

"Polícia privada" com 500 homens formada por antigos oficiais da PSP

Com sede na Avenida 5 de Outubro, em Lisboa, e um efectivo de 500 homens (um autêntico batalhão), acaba de ser fundada mais uma empresa de segurança privada, a que foi dado o nome de «Chanon» e cujos fundadores são dois oficias do Exército na reserva que prestaram serviço na PSP durante o mandato do general Almeida Bruno.

O coronel Oliveira Marques foi o primeiro comandante do Grupo de Operações Especiais da PSP (GOE), tendo ainda estado colocado no gabinete de Ângelo Correia, quando este sobraçava a pasta da Administração Interna no Governo chefiado por mota Pinto. Quanto ao coronal Catarino Tavares, desempenhou funções no Comando-Geral da PSP.

Recorde-se que a Pró-Sindical da PSP afirmava a semana passada, em comunicado, «não poder aceitar que em Portugal, em 1987, seja permitido que pessoas alheias à Polícia de Segurança Pública pretendam garantir a segurança dos cidadãos, conforme está contemplado na Constituição da República Portugesa, pois são pessoas que não estão legitimamente investidas de autodridade, sem a estatura profissional dos agentes da PSP».

Referia o organismo liderado pelo 1.º comissáio Joaquim Santinhos que «para definir a gravidade da situação basta reparar nos chamados «corpos de segurança» (polícias paralelas) que têm vindo a substituir os agentes da PSP no exercício da segurança das instituições bancárias, numa proliferação de agentes de empresas privadas que pretendem cobrir necessidades que só a PSP pode, e deve, suprir».

Perdido por um, achado por outro

SNOP leva a César aquilo que é de César

Recuperar uma dentadura postiça, um bilhete de avião deixado no balcão da recepção de um hotel, o cão serra da Estrela castanho claro (que foi objecto de anúncio no «DN» há muito pouco tempo) ou as chaves da casa ou do automóvel, passará a ser mais simples com o lançamento do Serviço Nacional de Objectos Perdidos, por abreviação SNOP. E isto de abreviar a sua designação, independentemente de entrar bem nos ouvidos, é recomendável: se há OVNIS (Objectos Voadores não Identificados) , qual a razão para não haver o SNOP? A cada sigla, a sua função.

A sua apresentação foi ontem feita na Associação Naval de Lisboa por um dos seus três responsáveis, José Alfaia, que nada tem a ver com o ex-secretário de Estado da Comunicação Social. Do que disse se pode extrair esta conclusão: o adágio «perdido por cem, perdido por mil» deixará de ter consistência. As pessoas perdiam as coisas, desanimavam, deixavam até de as recuperar. Não tinham esperança em reavê-las. Copm a criação do SNOP será diferente dos achados dos Anjos, cujos leilões têm clientes certos que dão que pensar. Ou dos objectos achados na Carris nem sempre procurados.

É fácil acusar quem acha e não devolve, esquecendo que a recuperação de um objecto (perdido) é burocrática e difícil. Por isto, apenas por isto, as pessoas que os encontram, mesmo as bem intencionadas, não sabem que fazer para as restituir.

O SNOP pretende preencher essa e outras lacunas, segundo José Alfaia, de modo a que anúncios como «perdi uma carteira com documentos, carta de condução e cartão de escola», «cão 'boxer', perdeu-se, área Queluz de Baixo», ou ainda «gratific a-se quem encontrou um saco 'nylon' castanho com material fotográfico» e «perdeu-se bilhete de identidade», deixe de ser problema, quebra-cabeças.

O Serviço Nacional de Objectos Perdidos estará ao serviço da comunidade durante 24 horas oferece um seguro de acidentes pessoais de 500 mil escudos por 1500$00/ano no acto de inscrição de sócio. Mas esse milhar e meio de escudos habilitam todos os seus potenciais clientes aos vários sorteios que promoverá durante o ano, o primeiro dos quais já em 19 de Agosto e em que à «cabeça» aparece um «Renault R5». Televisores e vídeos «Grundig» não faltam nesse concurso a que todos se poderão candidatar inscrevendo-se até 30 de Julho através dos telefones 571313 (Lisboa) e 400718 (Porto).

Parte dos lucros em apoio da criança

José Alfaia avançou ainda que parte dos lucros anuais do exercício do SNOP reverterão a favor das instituições de apoio à criança, para o que já foram contactados seis ministérios no sentido de participar nessa operação juntamente com representantes de três jornais (jornalistas) de todos os quadrantes.

Funcionando 24 horas por dia, o Serviço Nacional de Objectos Perdidos dispõe de cinco terminais de computador e será fundamentalmente o elo de ligação entre quem perde e quem acha. Sem impedimentos de maior nem burocracias, o novo serviço espera obter 90 por cento de resultados positivos e servir a comunidade, baseado no sistema de quotização, em Lisboa e no Porto, por ora. Conta para isso com busca automática de cinco linhas telefónicas, facto que lhe permite — entende José Alfaia — rápida capacidade de resposta.

As previsões de obter êxito em 90 por cento dos casos filiam-se em testes efectuados em todo o País, tendo por base o tipo de desaparecimento mais comum: o de chaves. Recuperadas — acrescente-se — no próprio dia.

Resumindo e concatenando: a partir de agora será mais fácil (com o SNOP) localizar o mais rapidamente possível, e por um preço quase simbólico — o da quotização com direito a sorteios e a um seguro de 500 contos da Bonança —, o animal de estimação que não voltou a casa ou o documento que se extraviou no último dia de entraga — além do bilhete de identidade, de avião, da dentadura postiça...

A ideia de avançar com um serviço destes, de interesse público, ficou a dever-se a um dos responsáveis pela firma que, ao longo de muitos anos, se apercebeu dos incómodos e transtornos causados pela perda de objectos, os mais diversos. Verificou isso no quadro da sua actividade hoteleira. E abalançou-se, então, a esta tarefa.

Da maior parte das situações que se lhe depararam, constatou que nem sempre os objectos eram recuperados apenas pela impossibilidade de quem os encontrava «descobrir» quem os perdera. O SNOP assegura o maior sigilo em todas as situações, até porque o contacto entre o «perdedor» e o «achador» não é directo.

Documentos, chaves, sacos, carteiras, malas, chapéus-de-chuva: nunca os deixou num transporte público, num banco, num hotel, numa praia, num recinto desportivo? São objectos pessoais que fazem falta, uns mais que outros, obviamente. A partir de agora, através de uma quotização simbólica

estará mais seguro. Poderá ter a «cabeça no ar» com mais segurança,

Afirmou Dias Lourenço em encontro do PCP

A "FESTA DO 'AVANTE!' FOI DELIBERADAMENTE INVIABILIZADA"

«A Festa do 'Avante!' foi deliberadamente inviabilizada pela direita persecutória no Governo», disse ontem Dias Lourenço, membro da Comissão Política do PCP e director do jornal 'Avante!', quando decorria na Casa do Alentejo um encontro que sinalizou o protesto dos comunistas contra o impedimento este ano de mais uma edição daquela iniciativa.

Aquele dirigente responsabilizou o ministro da Educação e Cultura, João de Deus Pinheiro, e o presidente da Câmara Municipal de Lisboa, Krus Abecasis, pelo facto, considerando que a inviabilização da Festa do 'Avante!' de 1987 «foi meditada e premeditada».

Segundo a versão apresentada, desde Outubro de 86, e logo após a realização da Festa do ano passado, a comissão organizadora desse grande acontecimento político e cultural do PCP pediu a concessão dos terrenos do Alto da Ajuda para mais um ano, mas até Abril a Câmara respondia invariavelmente que «ainda era muito cedo».

Nessa altura, precisamente, tomou o PCP conhecimento do projecto de construção de uma Universidade Técnica naquele espaço, verificando porém que a Festa não colidiria com o início das obras. Pedida uma entrevista com o ministro da Educação, este adiou-a constantemente, devido a «afazeres obrigatórios».

De seguida entregaram-se oficialmente os terrenos à Universidade, e os organizadores da «Festa do 'Avante!'» tomaram a iniciativa de se encontrar com o seu reitor, Simões Lopes, que manifestou disponibilidade para adiar os trabalhos de construção, revelando no entanto a sua impossibilidade formal de dar uma autorização definitiva à realização da Festa. A partir daí tudo ficou perdido.

Comentário de Dias Lourenço: «Tentámos a Festa na FIL em 1977, onde até puseram uma bomba, depois tivemos de ir para o Jamor e também de lá nos correram com a justificação de que iria começar a edificação do complexo desportivo, o que até hoje ainda não aconteceu, e agora tiraram-nos do Alto da Ajuda».

Todavia, ainda segundo as palavras do director do 'Avante!' a Festa do órgão central do PCP tornou-se um ponto de encontro fundamental entre os portugueses, independentemente das suas opções políticas: «Só o obscurantismo pode negar o acto cultural que é a Festa do 'Avante!', ultrapassando as fronteiras do partido».

Por isso a impossibilitação este ano de mais uma edição da Festa deverá ter, disse, «a repulsa de todos os portugueses».

«Mas a Festa continuará, com a sua mensagem cultural e sociológica. Em 1988 haverá mais», acrescentou Dias Lourenço.

Aurélio Santos, membro igualmente da Comissão Política do PCP, afirmou com o mesmo espírito que «se esta reunião é um acto de protesto, é também de afirmação», corroborado de seguida por intervenções dos militantes comunistas presentes.

«A Reacção está a avançar por todos os meios. Nega-se ao povo português o espírito colectivo, de unidade e criatividade. Eles têm medo da Festa do 'Avante!'». Arrancam-nos a nossa propaganda, prendem o Vasco Lourenço, que foi um dos capitães de Abril, tiram-nos o Alto da Ajuda. Isto vai muito mal e não pode continuar», disseram vozes.

Depois choveram as propostas: que se organizasse um piquenique no Monsanto como forma de protesto, que se fizesse uma Bienal 'Avante!' de artes plásticas, com exposições em vários locais do País, que se avançasse com um «Avanteatro» itinerante. Porque, em suma, como alguém disse entre o público, «a Festa já é uma instituição internacional, e tem de ser defendida».

Septuagenário acusado de queimar 80 hectares de mato e searas

Um septuagenário, Hermínio dos Santos Rodrigues, natural de Valpaços, foi detido pela GNR sob a acusação de ter sido o autor do incêndio que, ontem à noite, devastou cerca de 80 hectares de mata e searas, nas freguesias de Mascarenhas, Paradela e Couços, no concelho de Mirandela.

Hermínio Rodrigues admitiu ter sido ele o causador do sinistro, alegando,, no entanto, que o mesmo tivera início involuntariamente quando queimava algumas silvas junto a um muro.

No ataque ao fogo, que provocou ainda queimaduras ligeiras num popular, participaram os Bombeiros de Mirandela e de Torre D.Chama.

Arderam três barracas na zona de Prior Velho

Um incêndio deflagrou cerca das 21 e 30 de ontem num bairro de lata, em Prior Velho, nos arredores de Lisboa, tendo destruído três barracas.O sinistro, de origem ainda desconhecida, foi combatido por 25 homens dos Bombeiros Voluntários de Sacavém, que o deram como extinto pelas 23 horas. Um dos locatários ficou ferido, embora sem gravidade.

Pedreiro e agricultor morreram em Mirandela

Um pedreiro e um agricultor morreram ontem no concelho de Mirandela, distrito de Bragança, vítimas respectivamente de um acidente com motorizada e de afogamento.

O pedreiro Armindo Augusto, de 32 anos, morreu quando a motorizada que conduzia embateu contra um automóvel, em Lamas de Orelhão, na estrada que liga Mirandela ao Porto. Quanto ao agricultor João Matias, de 62 anos, viúvo, apareceu afogado num poço da freguesia de Paradela, onde residia, admitindo-se, em princípio, a hipótese de suicídio por motivos ainda não esclarecidos.

Automóvel roubado na Luciano Cordeiro

Na Rua Luciano Cordeiro, em Lisboa, onde se encontrava estacionado, foi roubado, na madrugada de ontem, um automóvel «Mini-1000», azul escuro, com a matrícula ON-15-95, o qual tinha no interior todos os documentos do seu proprietário. Qualquer informação sobre o seu paradeiro poderá ser endereçada para o nosso jornal.

Misericórdia de Lisboa faltou ao prometido

Voz do Operário sem dinheiro para pagar salários

A Voz do Operário poderá não pagar este mês os salários do seus 86 trabalhadores, por falta de cumprimento das promessas de apoio feitas pela Misericórdia de Lisboa.

É a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa a representante da Secretaria de Estado da Segurança Social nas acções de apoio às instituições de solidariedade do concelho de Lisboa, mas, apesar das garantias dadas no início do ano por uma adjunta do provedor, o acordo de cooperação anteriormente acertado nunca chegou a ter a sua concretização.

Este mês a direcção daquela instituição de ensino e benemerência teve o conhecimento de que havia sido emitido um despacho da Misericórdia que contraria o compromisso inicial, sem que nada lhe tenha sido informado antecipadamente.

«Esta atitude inexplicável da Misericórdia de Lisboa para com a Voz do Operário põe em causa o cumprimento das obrigações salariais e constitui uma discriminação para com uma instituição que há mais de 100 anos contribui para a dignificação do ensino e prossegue objectivos de carácter social», comentou ontem a sua direcção, em conferência de Imprensa.

A Voz do Operário mantém cinco escolas de ensino infantil, pré-primário e primário frequentadas por cerca de 700 crianças, mas ainda assim não tem sido «devidamente apoiada pelos organismos estatais, que além de concederem subsídios francamente inferiores às necessidades os pagam com atrasos que chegam a um ano». Foi deste modo, aliás, que os últimos 55% do subsídio do ano lectivo de 1985/86 só chegaram em Fevereiro do ano em curso.

A Voz do Operário garante ainda cursos de línguas estrangeiras e de introdução à informática, frequentados por uma centena de pessoas, aulas de ballet e actividades desportivas que beneficiam cerca de 100 jovens e aulas de música.

Monserrate está a ser recuperada

O palácio e os jardins de Monserrate estão em vias de recuperação, tendo começado já as obras de restauro na cobertura do edifício – informou o presidente da Câmara de Sintra, Fernando Tavares de Carvalho. «É sinal de que alguma coisa começa a mexer no campo da cultura em Sintra», disse o autarca.

Monserrate, um dos lugares obrigatórios nas peregrinações românticas de Sintra, será nesta fase supervisionado pelo Instituto Português do Património Cultural. Outras instituições, no entanto, participam na recuperação: no que respeita aos jardins do palácio estabeleceu-se um projecto de cooperação entre a Direcção-Geral das Florestas e a canadiana Royal Botanical Gardens.

Fernando Tavares de Carvalho falava em conferência de Imprensa, subordinada à realização, entre 23 e 26 de Setembro, do Segundo Congresso Internacional de Sintra sobre o Romantismo. Nele irão participar cerca de 50 especialistas de literatura e história de arte, 30 dos quais portugueses, sendo os restantes oriundos de vários países da Europa e ainda dos Estados Unidos.

Duzentos anos feitos após a chegada de William Beckford a Portugal, assinala-se naturalmente a intervenção de alguns especialistas «beckfordianos», entre os quais a portuguesa Laura Pires, da Universidade Nova de Lisboa.

As comunicações do Congresso versarão na sua maioria sobre a literatura de viagens e os relatos que viajantes estrangeiros da época romântica, sobretudo ingleses, italianos e polacos, fizeram sobre Portugal nos séculos XVIII e XIX.

Propõem-se como actividades paralelas ao Congresso uma visita à exposição sobre Beckford patente no Palácio de Queluz, concertos de música romântica, uma exposição iconográfica de gravuras de autores estrangeiros da época tendo como tema a região de Sintra e ainda uma exposição bibliográfica.

FUNDO DE ARTIGO

Mário Castrim

POSTAL PARA MIM

Se eu fosse pateta
comia uma rosa
se eu fosse poeta
levava uma tosa.

Se eu fosse cavalo
nascia do mar
se eu fosse o que falo
morria de amar.

Se eu fosse astrolábio
já tinha destino
se eu cá fosse um sábio
parecia menino.

Se eu fosse mulher
paria uma estrela
fosse eu malmequer
fingia-me dela.

Se eu fosse morena
moreno era Cristo
se eu fosse piquena
vê lá depois disto.

Se eu fosse José
era carpinteiro
se eu fosse rosé
era um piteireiro.

Fosse eu o que queria
nas tintas me estou
pois menos seria
caquilo que sou.

POSTAL PARA ÁLVARO PINHO

O teu olhar
é um diamante macio
um mar
que de repente
só por olhar a gente
corre
discorre
sereníssimo rio.

Quando tu vens
perdem os mitos
seus desdéns.
Ao desvendar
o segredo
das cousas
que geram o medo
adiantas
palavras luminosas.

Curar
afinal
é fácil
como fitar
a marcha das estrelas.

Certo.
Basta estar perto
e conhecê-las.

POSTAL PARA UMA NOITE DOENTE

Gota a gota cai o soro
gota a gota a noite vai
gota a gota vale o ouro
gota a gota a gente é pai
gota a gota a vida corre
gota a gota é lacrimal
gota a gota a dor escorre
gota a gota o carnaval
gota a gota na barragem
gota a gota a onda avança
gota a gota a equipagem
gota a gota uma criança
gota a gota ter razão
gota a gota ser escuro
gota a gota o coração
gota a gota de inseguro
gota a gota nela e nele
gota a gota de segredo
gota a gota sobre a pele
gota a gota a cor do medo
gota a gota ao longe um sino
gota a gota o passo escasso
gota a gota meu menino
gota a gota meu espaço
gota a gota o sono adia
gota a gota o espanto, um ai
gota a gota a luz, o dia
gota a gota o soro cai.

Dizem administradores hospitalares

Ministério da Saúde não tem política clara para o sector

A Associação Portuguesa de Administradores Hospitalares acusou o Ministério da Saúde de não ter uma política clara para o sector da saúde e defendeu a reestruturação da instituição hospitalar. A APAH afirmou ainda que a maioria dos quadros de pessoal está desactualizada.

Para a Associação, a actuação do Ministério da Saúde tem-se caracterizado fundamentalmente pela «ausência de uma política clara para o sector da saúde, deficiente percepção dos problemas hospitalares e centralismo e autoritarismo».

A Associação Portuguesa de Administradores Hospitalares defendeu ontem em conferência de Imprensa a reforma hospitalar, considerando-a «um problema de modernização do País».

«Não se pode pensar num país moderno sem se assumir como tarefa nacional envolvendo um máximo de foças a reestruturação da instituição hospitalar», considerou a Associação.

Esta entidade lembrou que a organização e gestão dos hospitais é hoje «uma tarefa tecnicamente complexa», não passando o problema do acesso da população aos cuidados de saúde «apenas pela construção de novas unidades, mas principalmente pela utilização e articulação das instalações e equipamentos já disponíveis».

Reduzindo, por exemplo, dois dias na média do internamento nos hospitais centrais e distritais, «o que é possível através doempenhamento e incentivo dos serviços», é possível obter um ganho correspondente a 2400 camas, isto é, mais de 30 milhões de contos e o tratamento de mais 140 000 doentes/ano, aproximadamente — referiram os representantes da APAH.

Para a Associação, «o pleno aproveitamento do parque hospitalar» depende, entre outros factores, do «estabelecimento rigoroso de uma carta hospitalar, definição de uma política de investimento que permita a conservação das instalações e equipamentos, a par da inovação tecnológica e fixação de um esquema de financiamento com lógica empresarial».

Em matéria de recursos humanos, a APAH sustenta que a maioria dos quadros de pessoal dos hospitais está desactualizada, verificando-se também uma carência generalizada de pessoal médico, nomeadamente de algumas especialidades, de pessoal de enfermagem e de pessoal técnico, tudo isto agravado com uma má distribuição geográfica, concentrada sobretudo nos grandes centros urbanos.

Os representantes da Associação defenderam ainda não ser aceitável que «pessoas com um nível de responsabilidade limitado ganhem mais do que, por exemplo, um administrador-geral de um hospital central».

Tal discrepância resulta da atribuição a médicos e enfermeiros de regimes especiais de trabalho (tempo completo prolongado, exclusividade), os quais, por vezes, nem sequer se reflectem no nível de produção ou de qualidade dos cuidados prestados, acrescentaram os representantes da Associação Portuguesa de Administradores Hospitalares.

Sarney cede direitos de autor à APE

Os direitos de autor da edição portuguesa de «Os Maribondos de Fogo», do presidente brasileiro José Sarney, foram formalmente cedidos à Associação Portuguesa de Escritores.

A cerimónia decorreu na residência do embaixador do Brasil em Portugal, Alberto da Costa e Silva.

Na altura, o adido cultural da Embaixada, José Condé, leu a carta enviada por José Sarney ao director da Bertrand, a editora portuguesa do livro, autorizando-o a ceder os direitos de autor da edição à Associação Portuguesa de Escritores.

O presidente brasileiro é desde Abril sócio de honra da APE.

Em resposta, o presidente da direcção da APE, Óscar Lopes, classificou a doação como «o melhor incentivo para os próprios portugueses, de quem depende a existência, sempre, e hoje mais do que nunca, materialmente em risco, da APE, no sentido de que compreendam a necessidade de apoiar uma instituição culturalmente indispensável (...)».

Em declarações à Lusa, o ensaísta considerou a oferta de Sarney «sinal de solidariedade entre as duas literaturas» e um «acto de grande importância».

Reprodução avança entre nós

PORTUGAL TAMBÉM JÁ TEM LABORATÓRIO DE FERTILIZAÇÃO

A medicina da reprodução conheceu ontem um avanço em Portugal com a inauguração oficial do novo laboratório de biologia celular da unidade de fertilização **in vitro** do Hospital de Santa Maria.

Na prática, o laboratório — cujo material foi fornecido pela Fundação Gulbenkian — será estreado quarta-feira por uma mulher de 32 anos a quem uma equipa de 20 elementos, chefiada pelo professor Pereira Coelho, efectuará um conjunto de operações que poderão conduzir à gravidez.

Pereira Coelho, o «pai» dos sete bebés-proveta já nascidos em Portugal, revelou que a equipa de Santa Maria tem 180 casais em lista de espera para inseminação artificial. O único requisito exigível é que vivam em comum, mas — segundo Pereira Coelho — quando sair legislação sobre o assunto, é possível que seja exigida a oficialização do casamento.

O conjunto das operações terapêuticas conducentes à fertilização artificial — que inclui captação do óvulo, recolha do esperma, selecção do espermatozóide, junção deste com o óvulo, fecundação em tubo, maturação em estufa e implantação do futuro bebé no útero da mãe — orçará os 100 contos por tentativa, mas os casais que recorrerem ao método apenas pagam a medicação.

Respondendo a perguntas dos jornalistas acerca da posição da Igreja, contrária à fertilização artificial, Pereira Coelho disse que «nunca houve qualquer pressão» sobre os médicos envolvidos neste tipo de trabalho».

O novo laboratório, cujo custo está calculado em oito mil contos acrescidos de dois mil em obras de instalação no hospital, será também utilizado para o estudo genético do casal, diagnósticos pré-natais e estudo e tratamento dos problemas da infertilidade masculina.

Imposto Complementar

DEMOS OS NOSSOS PASSOS. DÊ AGORA VOCÊ OS SEUS.

É sabido: Você e o Imposto Complementar têm andado com o passo trocado; ou porque você não entrega a declaração, ou porque a seguir não paga, ou porque simplesmente não está para passar pelo incómodo de estar horas nas bichas (mais uma, e ainda por cima para pagar — diz você).

Pois bem. Demos este ano, novos e significativos passos para evitar tais situações e acabar com falsos pretextos para não cumprir uma obrigação.

E que passos foram, então, dados?

Foram abertos cerca de 300 postos especiais de atendimento (informação e recepção de declarações).

1 — Nos Centros Comerciais das Amoreiras e Fonte Nova, em Lisboa.
2 — Em algumas Juntas de Freguesia.
3 — No A.C.P. — Automóvel Clube de Portugal. Lisboa, Porto, Coimbra e Faro.
4 — Em Associações, entidades diversas e empresas de grande dimensão.

Foram preparadas 3 carrinhas itinerantes, como postos informativos que percorrerão os principais centros de Lisboa e arredores, com horário das 10.00 às 20.00 horas.

Foi ainda instalada na Praça da Figueira, em Lisboa, uma carrinha onde poderá esclarecer as suas dúvidas, entregar a sua declaração e informar-se do local onde se encontram os diversos postos de atendimento e as carrinhas itinerantes.

deduções 1986/87

Informe-se dos novos limites estabelecidos, dos encargos aceites relativamente à habitação adquirida, construída ou beneficiada, das despesas com a saúde não reembolsadas, com encargos sociais, seguros e despesas escolares dos filhos e dos respectivos documentos exigidos.

6%

Entregue a sua declaração ainda dentro deste mês de Junho e, se pagar logo, beneficia do desconto de 6%.

4,5%

Em Julho, o desconto de pagamento é apenas de 4,5%.

Se estiver sujeito a Contribuição Industrial, a entrega da declaração é até ao dia 15 de Outubro.

Bom! Agora, é só munir-se de boa vontade e dos documentos comprovativos necessários e evitar bichas e pressas de última hora.

Para mais informações pode dirigir-se a qualquer Repartição de Finanças ou posto de atendimento.

NÓS DEMOS OS NOSSOS PASSOS, DÊ AGORA VOCÊ OS SEUS. VAMOS ACERTAR O PASSO?

MINISTÉRIO DAS FINANÇAS
DIRECÇÃO-GERAL DAS CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS

GMG

As causas da "ponte" por Lisboa

LÍNGUA PORTUGUESA AJUDOU À PENETRAÇÃO DA DROGA

A língua poderá ser um factor que transformou Portugal num dos países pelos quais é introduzida cocaína na Europa, afirmou ontem a presidente da Comissão de inquérito do Parlamento Europeu sobre o problema da droga na Comunidade Europeia.

A afirmação de Marietta Giannakou Koutsicou liga directamente os países de origem da «coca», sobretudo da América Latina, às rotas de penetração que passam pela Península Ibérica, detectando, então, que o espanhol e o português que se falam na origem «são idiomas naturalmente fáceis para os traficantes colombianos, brasileiros e bolovianos».

À facilidade da lingua, junta-se o intenso tráfego comercial que converte Portugal numa «rota muito comum», tendo Giannakou Koutsicou referido explicitamente os inúmeros navios que aportam em Portugal e Espanha provenientes da América Latina, embora 60 por cento da cocaína confiscada o ano passado tenha sido transportada em aviões de linhas aéreas regulares, num total de 928 casos.

Tráfico vai ser incrementado

Se o controlo nos aeroportos é mais rigído, a vigilância nos portos é menor, factor que conjugado com a grande afluência de navios oriundos da América Latina aos portos ibéricos, não permite avaliar a quantidade de cocaína importada ilegalmente por via marítima.

Para fazer entrar a droga, os traficantes utilizam as formas e vias mais variadas, mas segundo a presidente da Comissão de Inquérito do Parlamento Europeu sobre o problema da droga na Comunidade Europeia, 42 por cento dos passadores optaram por a esconder nos fundos falsos das malas ou, em alguns casos, misturá-la com o conteúdo da sua bagagem.

Aliás, na exposição que está patente na Assembleia da República, são mostrados diversos objectos utilizados para passar narcóticos, como uma lata de aerosol, um quadro com fundo falso e alguns artigos de decoração.

A sua dissumulação no corpo, ou mesmo a sua introdução nos intestinos, muitas vezes fatal, são igualmente usadas, correspondendo, em 1986, a 19 por cento das apreensões realizadas.

Apesar do conhecimento que as autoridades aduaneiras e os investigadores já têm das rotas e das formas de penetração, é opinião de Giannakou Koutsicou que «o tráfico de cocaína com destino à Europa Ocidental sofrerá um incremento este ano, ao ponto da cocaína se transformar na droga mais consumida na Europa».

Nestas previsões, especial destaque é dado ao tráfico e consumo do «crack», uma droga sintética obtida a partir da cocaína, «muito impura e perigosa» que já assumiu proporções alarmantes nos Estados Unidos.

Embora os números existentes para a Europa, revelem que este novo tipo de droga, cuja dependência ocorre muito mais rápidamente do que através da cocaína e cujo preço é inferior, não esteja muito divulgado no «velho continente», aguarda-se um «boom». Recentemente foi descoberto na Bélgica um laboratório de produção, e pequenas doses de «crack» foram encontradas aquando de uma rusga policial no Bairro dos Pescadores de Tavira, esperando-se que este seja o primeiro ano de implantação da droga em Portugal.

Cooperação económica e não repressiva

O aumento previsível da cocaína e seus derivados na Europa coloca um problema sério, pois «não existe qualquer programa de educação que considere esta droga como um problema essencial».

De acordo com Giannakou Koutsicou, uma das soluções para este problema «que não conhece fronteiras e ameaça cada país», passa pela prevenção e educação.

Assim, é imprescindível «informar» as crianças, pais, professores e a sociedade em geral sobre os malefícios decorrentes da utilização de drogas, tendo a presidente da Comissão de Inquérito do Parlamento Europeu sublinhado a importância dos «mass media».

Aquela especialista considerou, ainda, que a nível das escolas há muito a fazer, devido à acção que os traficantes exercem naqueles locais.

Por outro lado, é igualmente importante possibilitar meios terapêuticos para os dependentes e ainda fazer um esforço para harmonização da Lei em todos os países europeus e depois a nível internacional.

«Na luta contra a droga país algum pode ficar isolado»,

destacou, assinalando que a Comunidade pode efectuar uma missão de prevenção e educação neste âmbito.

No entanto, «o que se vai passar na Comunidade com a livre circulação das pessoas e bens implica que se tomem medidas para proteger a fronteira externa da CEE». «É preciso reagir como um país, quando as fronteiras comunitárias forem livres», acentuou, considerando que «urge aumentar a cooperação aduaneira e policial».

Para dar uma idéia da magnitude que o problema da droga representa, Giannakou Koutsicou disse que «se os traficantes de cocaína dos Estados Unidos se pudessem constituir numa companhia legal, esta seria a terceira maior do Mundo, logo após a Exxon e a General Motors, à frente da Mobil e da Ford».

Referindo-se aos países produtores, a especialista fisou que «mais importante do que conceder-lhes dinheiro é ajudá-los a criar as estruturas de que não dispõem».

«A abordagem comunitária em matéria de ajuda, orienta-se para acções económicas abstendo-se de qualquer actividade de cooperação no domínio da repressão, o que tem a vantagem de permitir uma melhor aceitação por parte das populações locais», defendeu Giannakou Koutsicou num relatório sobre «Tráfico de droga na América Latina», apresentado na Sétima Conferência Interparlamentar da Comunidade Europeia/América Latina.

Secretário de Estado contra Aldeadávila

O secretário de Estado do Planeamento e Desenvolvimento Regional pronunciou-se ontem em Macedo de Cavaleiros contra o projecto espanhol de instalação de um «laboratório» de resíduos nucleares a implantar junto á fronteira portuguesa e nas margens do rio Douro Internacional.

Silva Penedo sublinhou ser «frontalmente contra o projecto espanhol» e que essa é a sua posição «como secretário de Estado e como cidadão português».

«O Governo está extremamente atento a todas as questões que têm a ver com essa matéria», sublinhou, declarando que «há uma vontade muito grande e firme de lutar contra tal deliberação, dado estarem em causa as gerações futuras e, quando assim é, não pode haver contemplações».

O secretário de Estado do Planeamento e Desenvolvimento Regional acrescentou que o projecto espanhol financiado pela Comunidade Económica Europeia, «deve ser afastado para longe da região transmontana

Em Cascais

Comissão quer revogação da tarifa do saneamento

A revogação da tarifa do saneamento decidida pela Câmara de Cascais em Março deste ano, que se traduz num aumento de 16 escudos por metro cúbico, é a principal exigência de uma Comissão constituída naquele concelho, composta pelas Comissões de Moradores do Murtal e Bairro Alentejano, Bairro das Lagarteiras, Bairro Massapá, Urbanização Terraplana e Associação de Moradores de Atibá.

Depois de terem posto a correr um abaixo-assinado que já recebeu três mil apoios de munícipes, memebros da Comissão farão entrega do documento à Assembleia Municipal no próximo dia 29, pelas 21 horas.

Polémica das "torres" desencadeou diploma

Governo adoptou medidas para salvar área de Belém

De forma a permitir a elaboração pelo Instituto Português do Património Cultural e pela Direcção-Geral do Ordenamento do Território de um plano de salvaguarda e valorização da zona dos Jerónimos, Torre de Belém, Junqueira e Ajuda, já divulgado pelo «DL», o Governo aprovou ontem medidas cautelares para aquela área.

De acordo com o diploma assinado por Cavaco Silva, ministros do Plano e Administração do Território e da Educação e Cultura, no prazo de dois anos, as medidas preventivas para aquelas áreas traduzem-se na prévia autorização do Instituto Português do Património Cultural (IPPC), sem prejuízo de outros condicionamentos legalmente exigidos.

Os actos sujeitos a esta autorização são a construção e reconstrução, ampliação de edifícios ou outras instalações, alterações por meio de aterros ou escavações à configuração do terreno, derrube de árvores em maciço, e destruição do solo vivo e da cobertura vegtal.

Segundo o diploma, as medidas cautelares estabelecidas neste diploma justificam-se pelo conjunto de situações anómalas, em termos de legislação de defesa do património na área. «Estes casos têm-se multiplicado e a sua gravidade - desrespeito pela consulta obrigatória às entidades competentes, nomeadamenete o IPPC - têm assumido proporções alarmantes», sublinha a nota oficial ontem divulgada.

A aprovação urgente deste diploma visa acautelar tais situações, tendo em conta que o Governo está a elaborar um plano de salvaguarda e valorização de toda a zona, onde existem conjuntos arquitectónicos classificados, com as respectivas áreas de protecção, e outros que, individualmente ou em conjunto, apresentam relevante valor patrimonial.

De acordo com o plano de salvaguarda promovido pelo Instituto Português do Património Cultural e Direcção Geral do Ordenamento do Território, actualmente em fase de estudo, na zona agora defendida vai ser localizado um conjunto museológico, incluindo salas para exposições e de reuniões internacionais, «o qual, para além da sua imediata justificação no contexto da celebração dos Descobrimentos, permitirá iniciar operações significativas de valorização e fruição da área».

Recorda-se que as medidas agora tomadas surgem na sequência do caso denunciado pelo «DL» da construção na área de protecção do Mosteiro dos Jerónimos de um conjunto habitacional e comercial, constituído por duas torres, autorizado pela Câmara Municipal de Lisboa, e «chumbado» pelo parecer do IPPC.

Portimão em festa

Câmara investiu 50 mil

Portimão festejou ontem o Dia da Cidade com um programa que incluiu a abertura oficial da Piscina Municipal e a inauguração de um Centro de Dia para Idosos. Entretanto, nos primeiros seis meses deste ano a Câmara Municipal investiu 50 mil contos.

Provas de vela e canoagem, torneios de petanca e badminton, um concerto de música coral e a apresentação da peça «Alguém terá de morrer», pelo Grupo de Teatro Municipal de Portimão, foram outras das actividades incluídas no programa das festas que se iniciaram no dia 19 e se encerram sábado com um sarau gímnico no Estádio do Portimonense.

A cidade, que teve o seu primeiro foral concedido pelo rei Afonso III, e um segundo por D. Manuel I, em 1500, foi essencialmente terra de pescadores e marinheiros antes de se transformar na «cidade turística» da actualidade.

O concelho abrange uma área de 190 quilómetros quadrados e é composto pelas freguesias de Portimão, Alvor e Mexilhoeira Grande, com uma população residente de 50 mil pessoas, que, no mínimo, triplica na época alta de turismo.

Para o ano em curso, o orçamento da Câmara Municipal ascende a 1,6 milhões de contos, parte dos quais gastos nos primeiros seis meses de 1987, segundo o minibalanço de actividades feito à Lusa pelo presidente Martim Gracias.

No primeiro semestre de 1987, a autarquia investiu 50 mil contos (dos 150 mil previstos) no reservatório de água de Chão das Donas, 100 mil contos na conduta de distribuição Chão das Donas - Bemposta - Amoreira, 50 mil contos (dos 95 mil previstos) na ampliação da estação de tratamento de água em Fontainhas, 30 mil contos na conduta Sesmarias - Estrada de Alvor, 30 mil contos em dois furos nos lugares de Cabeço de Estêvão e Alcalar e num outro na zona de Vale Grande-Figueira.

O presidente da Câmara Municipal, Martim Gracias, disse ainda que foram gastos 130 mil contos para esgotos e tratamento de águas residuais e domésticas na Praia da Rocha e foram postas a concurso as centrais elevatórias do Vau e Praia da Rocha.

O Museu Municipal recebeu até agora quatro mil contos, as colectividades e grupos desportivos 30 mil contos e o sector da limpeza e higiene cerca de 40 mil contos.

Além da conclusão do mercado municipal (80 mil contos) e da piscina (50 mil contos) e da substituição de todo o mobiliário das escolas primárias, foram adjudicadas as obras de construção da aerogare da Penina, da escola pré-primária de Montes de Alvor e de 24 fogos de habitação social.

Neste campo, a autarquia deliberou pôr a concurso outros 24 fogos e vendeu 27 pelo preço simbólico de 180 contos, a famílias de fracos rendimentos

GESTORES DA FEIS AFUNDAM A EMPRESA COM OS "FAVORES" GOVERNAMENTAIS

A transferência em duplicado de uma verba de 146 mil contos para a Fábrica Escola Irmãos Stephans, empresa pública vidreira da Marinha Grande (FEIS), e a atribuição global de 870 mil contos para investimentos e saneamento financeiro, quando o orçamento da empresa apenas previa 370 mil são alguns dos «favores» que o Ministro e o Secretário de Estado da Indústria estão a fazer à gerência por eles nomeada para a FEIS. A empresa, mesmo assim, segundo as informações obtidas pelo «DL», está a ver agravados todos os indicadores de gestão e, na semana passada, viu demitir-se o seu director industrial por este não querer «pactuar com tanta incompetência». Curiosamente, o presidente e um dos dois vogais do anterior Conselho de Gerência foram exonerados pelo Governo, em Setembro passado, por alegadas «deficiências de gestão». O novo presidente, Vitor Carvalho, é um homem da confiança política de Luís Todo Bom, Secretário de Estado da Indústria. O exonerado, Adérito Raquel, é do PS, foi mandatário distrital de Mário Soares nas eleições presidenciais e concluía o seu mandato três meses depois.

Em 23 de Setembro passado, um despacho governamental atribuiu à FEIS uma dotação de capital para investimento no montante de 200 mil contos. Entre os investimentos programados no plano apresentado pela anterior gerência, e aprovado pela tutela, compreendia-se um forno tanque para produção de cristal no valor de 81 mil contos, equipamento acessório, designadamente um robot e uma prensa com um custo aproximado de 25 mil contos e maquinaria a adquirir na Checoslováquia por cerca de 40 mil contos.

O forno tanque foi contratado a uma firma alemã federal e a Direcção Geral do Tesouro constituiu-se como garante da FEIS junto da Caixa Geral de Depósitos, para efeito do pagamento das quatro prestações previstas no contrato. A primeira destas, no valor de 11 mil contos, foi paga à CGD em Setembro.

Investimentos bloqueados

Quanto aos restantes investimentos planeados para 1986, eles acabaram por não ter lugar visto que entretanto foram exonerados dois dos membros do Conselho de Gerência e os novos responsáveis optaram pelo bloqueamento do processo. No próprio dia, 10 de Outubro, em que o anterior presidente abandonou efectivamente a empresa, o terceiro gestor, Vitor Carvalho - meses antes nomeado por Luís Todo Bom, contra a proposta e sem o conhecimento de Adérito Raquel, e posteriormente empossado como presidente do novo C.G. - anulou por telex a encomenda da prensa e do robot. Mais tarde foram igualmente suspensos os contactos com vista à aquisição dos equipamentos checoslovacos.

«A política de obstrução ao plano de investimento desencadeada imediatamente pelos novos gestores visava criar desde logo as condições necessárias para desviar para outros fins as verbas destinadas ao investimento», sustenta uma fonte da empresa. Segundo outros trabalhadores, a inviabilização desses investimentos e o conjunto da actuação do actual C.G. «resulta directamente da oposição do Secretário de Estado ao plano de reestruturação da cristalaria da Marinha Grande, aprovado ainda no tempo de Veiga Simão» como ministro da Indústria.

Três dias depois do afastamento de Adérito Raquel, bloqueados todos os investimentos previstos, Vitor Carvalho solicitou a Luís Todo Bom a transformação em subsídios à exploração das verbas a eles destinadas. Em 26 de Dezembro, um despacho conjunto dos ministros da Indústria e das Finanças dá seguimento à pretensão do novo presidente da empresa transferindo 146 mil contos da rubrica orçamental de dotações para investimento para a de subsídios de exploração. Nos primeiros dias de Janeiro deste ano o dinheiro enntrou nos cofres da FEIS. No plano de investimentos elaborado e aprovado para 1987 lá estão outra vez os 81 mil contos para o forno tanque (11 mil dos quais já tinham aliás sido pagos á Caixa Geral de Depósitos), mais os restantes investimentos bloqueados meses antes.

Mas a história não fica por aqui. Nessa altura é o Director Geral do Tesouro que fica às aranhas e pede explicações: Então os senhores mandam-me cativar 81 mil contos a favor da Caixa Geral de Depósitos, nas dotações destinadas à empresa, e agora transformam essa verba em subsídios? - pergunta resumidamente José António Girão. Em consequência da entrega dos 146 mil contos depois ordenada pelo despacho ministerial, a Direcção Geral do Tesouro fica «descalça» e quem paga as favas é a CGD. De facto, aquele departamento do Ministério das Finanças ficou sem verba para pagar à Caixa os 54 mil contos referentes à segunda e terceira prestações do forno, vencidas em Fevereiro e Março, e a empresa também não os pagou. A C.G.D., obviamente, pagou ao fornecedor alemão.

Nos primeiros meses deste ano, aparentemente empenhado na viabilização de uma empresa pública com tradicões bicentenárias, o Governo faz mais uma vez prova da sua compreensão para com os gestores da FEIS. Mensalmente, vai-lhes pagando com vários meses de avanço os duodécimos respeitantes aos subsídios de exploração previstos para este ano, no montante de 200 mil contos. Assim, em princípios de Abril já Vitor Carvalho pedia ao secretário de Estado da Indústria a libertação dos 16 600 contos correspondentes ao duodécimo de Julho, enquanto esperava o desbloqueamento dos 200 mil contos de subsídios e dos 170 mil para dotações de capital com que contava do Orçamento do Estado.

Mas a demonstração absoluta da magnanimidade governamental viria a 15 de Maio com a publicação no Diário da República de uma resolução do Conselho de Ministros que distribui as verbas do Orçamento do Estado para as empresas públicas. Com efeito, a FEIS, em vez dos 370 mil que esperava, foi contemplada com um total de 600 mil contos para saneamento financeiro e com 270 mil para investimentos a realizar em 1987... O diploma sublinha que estes montantes «excepcionalmente atribuídos à FEIS num quadro de reestruturação e redimensionamento que conduzirão a que, no seu termo, a empresa atinja a viabilidade económica»

Três meses antes, perante indicadores como aqueles que já então representava o desvio de 54 300 para cerca de 16 mil e de 54 300 para menos de 40 mil, entre as vendas previstas e as concretizadas nos meses de Janeiro e Fevereiro, e quando já se falava na possibilidade de o Governo vir a conceder 800 mil contos à empresa, um documento da Comissão de Trabalhadores afirmava: «sendo 1987 o ano apontado pelo Governo para a recuperação da FEIS, E.P., tememos que os 800 mil contos por inoperância do C.G. venham a constituir justificação à opinião pública da morte desta bissecular empresa».

Dinheiro do FSE pago a dobrar

Em Fevereiro último, o Departamento dos Assuntos do Fundo Social Europeu do Ministério do Trabalho (DAFSE) constatava que «por lapso», tal como confirmou ao «DL» o seu director, Pinto Coelho, haviam sido repetidos em Novembro pagamentos de 25 mil contos feitos à FEIS no mês anterior. Tratava-se da contribuição comunitária para acções de formação profissional ali realizadas, e, feitas as contas, concluia-se que a empresa tinha recebido 18 600 contos a mais.

Por telex enviado em 4 de Fevereiro o DAFSE pedia a devolução urgente da verba excedentária, cujo transferência indevida não tinha sido sequer acusada pela FEIS. Segundo o «DL» conseguiu apurar, os 18 mil contos em questão não foram devolvidos até hoje, estando assente que serão descontados nas contribuições do fundo referentes a este ano. O director do DAFSE reconheceu que «a entidade devia ter dito que recebeu duas vezes», mas afirmou-nos que «houve negociações com a empresa e a reposição do dinheiro já está a ter lugar». Esta afirmação é contestada pelas nossas fontes, as quais garantem igualmente que a secretaria de Estado da Indústria «não é estranha ao facto de o dinheiro ter sido pago duas vezes».

Um outro caso exemplar do tipo de gestão que a está a ser efectuado na FEIS, com a total cobertura da tutela, refere-se à solicitação de subsídios ao Instituto de Apoio às Pequenas e Médias Empresas (IAPMEI) para a realização de investimentos já anteriormente cobertos e pagos pela Direcção Geral do Tesouro, no quadro do plano de investimentos aprovados para 1986.

Desta feita, a empresa adquiriu em Março do ano passado uma caldeira térmica e uma instalação de aquecimento ambiente para as zonas fabris que orçou em mais de seis mil contos. Em Novembro e Dezembro, o novo C.G. enviou as facturas do fornecedor à Direcção Geral do Tesouro, obtendo assim a libertação das verbas respectivas. Até aí tudo bem. Só que, no penúltimo dia do ano, a gerência lembrou-se de que o IAPMEI tinha algum dinheiro disponível para financiamento de investimento relacionados com qualidade e economias de energia no sector da cristalaria e não está com meias medidas. Esquece-se de que já tinha recebido o dinheiro pelo Ministério das Finanças e vai de pedir ao IAPMEI o financiamento de uma parte daquelas despesas, enviando-lhe duas facturas referentes a 70% do investimento.

Dado que o projecto a que ele se referia preenchia os requisitos da linha de financiamento do instituto, a FEIS recebeu mais 3 mil contos no dia 30 de Dezembro. De acordo com uma fonte do Ministério das Finanças, «não restam dúvidas de que se os equipamentos em questão já estavam adquiridos e financiados, a FEIS não deveria ter recorrido a este apoio do IAPMEI»

Apesar de tudo os prejuízos agravam-se

Apesar do evidente empenhamento governamental em apoiar os actuais gestores da empresa, a verdade é que a sua facturação durante o primeiro trimestre deste ano (93 570 contos) não chegou a atingir ps 58% das vendas previstas (162 900) pelo seu C.G., enquanto que os subsídios de exploração recebidos do Estado quase que quintuplicaram os programados (245 mil contos contra 50 mil).

Quanto aos resultados esperados para o primeiro semestre, o «DL» apurou que eles se ficam, no respeitante a vendas, pelos 48% do previsto no orçamento da empresa. Em relação ao ano passado, a empresa conta com uma capacidade de produção mais que duplicada (12 toneladas diárias contra 5), devido à instalação do novo forno, mas a facturação até ao fim deste mês deverá ficar ligeiramente abaixo da conseguida no mesmo período de 86.

De acordo com os números a que tivemos acesso, os prejuizos acumulados no primeiro trimestre deste ano elevam-se a 200 mil contos, contra 115 mil no período homólogo do ano passado, durante o qual o Estado não contribuíu com qualquer subsídio para a empresa. No mesmo trimestre, a produção total desceu para 128 toneladas (137 no ano passado), quando as previsões orçamentais eram de 171 toneladas.

Globalmente, o prejuizo do primeiro semestre deverá atingir os 320 mil contos, contra 250 mil no ano passado.

Em consequência desta situação, o director técnico da empresa, Fernando Carlos Perpétua, apresentou a sua demissão na passada sexta feira. Numa carta dirigida ao C.G. e divulgada pela Comissão de Trabalhadores, Fernando Perpétua chama as coisas pelos seus nomes, afirmando mais ou menos isto: «não estou disposto a pactuar com tanta incompetência e não quero colaborar com quem está a levar a empresa para o descalabro».

Resta saber qual é o objectivo do Governo em relação a esta empresa pública, com mais de duzentos anos de existência e com cerca de 500 trabalhadores ao seu serviço.

COTAÇÕES CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por Unidade) COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	44$00	50$00
ALEMANHA FED. (marco)	77$20	78$40
ÁUSTRIA (xelim)	10$95	11$05
BÉLGICA (franco)	3$523	3$773
BRASIL (cruzado)	2$100	3$600
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	105$60	108$10
(notas de 5 a 1000)	106$10	108$60
DINAMARCA (coroa)	20$55	20$95
ESPANHA (peseta)	1$089	1$209
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	141$00	144$50
(notas de 5 a 1000)	141$50	145$00
FINLÂNDIA (marka)	31$80	32$40
FRANÇA (franco)	23$15	23$85
HOLANDA (florim)	68$60	69$70
IRLANDA (libra)	207$90	211$90
ITÁLIA (lira)	$097	$112
JAPÃO (iene)	$930	$985
NORUEGA (coroa)	21$10	21$60
REINO UNIDO (libra)	229$50	234$00
SUÉCIA (coroa)	22$15	22$65
SUÍÇA (franco)	93$05	94$55
VENEZUELA (bolívar)	4$40	5$40

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

Guerrilheiros filipinos do «Exército do Povo» (na foto) assaltam e saqueiam o edifício da Câmara Municipal de Nueva Ecija.

Presos políticos e religiosos serão libertados ao abrigo de uma amnistia anunciada a semana passada para comemorar o 70º aniversário da revolução bolchevique, anunciou um porta–voz do Governo de Moscovo. Gennnady Gerasimov, chefe do Departamento de Informação do Ministério soviético dos Negócios Estrangeiros, afirmou que serão libertadas pessoas condenadas por uma lei que separa as escolas da igreja, e por difundirem calúnias contra o Estado. Serão também comutadas, acrescentou, as sentenças de outros condenados de acordo com o artigo 70º do Código Penal - sob o qual muitos dissidentes foram detidos e levados para campos de trabalho durante longos períodos de tempo durante o Governo do antigo líder do Kremlin, Leonid Brejnev.

O ministro dos Ne gócios Estrangeiros israelita, menta o Presidente francês François Miterrand, antes de bos.

Barbie: um processo do nazismo

O advogado de defesa de Klaus Barbie, conhecido por «carniceiro de Lyon», disse que o julgamento do seu cliente está a transformar-se num processo contra o nazismo, em vez de um julgmento de um simples cidadão. O jurista Jacques Verges, que não compareceu no tribunal na terça-feira, fez estas observações durante uma entrevista à Rádio «Europe 1», antes da sessão de ontem ter começado. O julgamento iniciou-se em 11 de Maio em Lyon e deverá terminar em 3 de Julho. «O grande erro deste julgamento é torná-lo no do nazismo e, simultaneamente, no de um cidadão vulgar» — afirmou Verges, um advogado da esqurda radical, que dfende frequentemente causas impopulares. «Não estou aqui a defender o nazismo. O horror dos campos de concentração é uma coisa e o papel de Klaus Barbie neste caso é outra» — declarou o entrevistado.

A maioria das 90 testemunhas que acusaram Barbie durante as primeiras semanas do julgamento relataram as experiências de que foram vítimas nos campos de extermínio nazis, durante a Segunda Guerra Mundial.

GB: cisão na aliança centrista

A cisão entre os dois partidos que formam a aliança centrista na Grã-Bretanha aumentou depois de o Partido Social Democrata (SPD) ter exortado os seus membros a votarem contra uma projectada fusão com os seus parceiros liberais. O Partido Liberal apelou para a fusão entre ambos desde que a aliança social - democrata - liberal, empenhada em quebrar a tradicional bipolarização da política britânica, obteve maus resultados nas eleições gerais de 11 de Junho. A aliança obteve somente 22 dos 650 lugares do Parlamento enquanto a primeira-ministra Margaret Thatcher alcançava o seu terceiro mandato à frente do executivo. Dirigentes do SPD, que obteve cinco lugares, disseram que todos os militantes vão responder pelo correio se preferem uma fusão ou uma colaboração mais próxima com os liberais. Contudo uma moção a apresentar na segunda-feira à comissão nacional dos sociais-democratas vai recomendar aos seus membros para votarem a favor da colaboração, preservando-se assim a identidade dos dois partidos.

«Mantendo identidades separadas não teremos feito qualquer progresso relativamente às eleições deste ano» — comentou Whip David Alton, líder dos liberais, que considerou a atitude dos sociais-democratas uma «receita para gerar a confusão».

Conferência contra a droga

Os 135 países reunidos em Viena na Conferência Mundial Contra a Droga aceitaram, depois de longos e tensos debates, uma «responsabilidade colectiva» no financiamento da luta contra o tráfico de drogas. Esse princípio, que será integrado no plano de acção a aplicar a partir do fim deste ano, foi adoptado depois de uma árdua polémica que atrasou os trabalhos da conferência e obrigou à suspensão por 24 horas das reuniões do plenário, presidido pelo primeiro-ministro da Malásia, Mahathir Mohamad. A posição dos países em desenvolvimento, que exigiam a aceitação de uma «responsabilidde repartida» na doação de recursos para financiar a luta contra as drogas foi contestada pelos países industrializados, renitentes em participar de maneira directa num programa que inclui um amplo plano de substituição de culturas nos países produtores de drogas. O termo «responsabilidade colectiva» foi adoptado depois da União Soviética se ter recusado a aceitar a «responsabilidade repartida», como forma de compromisso para impedir o fracasso da conferência. Espera-se que o plenário da conferência, que recomeça hoje os seus trabalhos, aprove o plano de acção e a declaração política sem nenhuma alteração significativa.

É a principal testemunha do escândalo "Irangate"

OLIVER NORTH COMEÇA A DEPOR EM

O tenente-coronel Oliver North é uma testmunha capital para se apurar se Reagan estava ou não ao corrente dos desvios ilegais de fundos para os «contras» da Nicarágua

As comissões do Congresso norte–americano que estão a investigar o escândalo Irangate, anunciaram, quarta–feira, que tinham chegado a acordo para assegurar as declarações, há muito esperadas, da principal testemunha deste caso, o tenente–coronel Oliver North.

North, que a 25 de Novembro de 1986 foi afastado do Conselho Nacional de Segurança, irá prestar declarações, em privado, às Comissões, no dia 1 de Julho, começando a 7 de mesmo mês uma semana de declarações públicas, segundo anunciou o presidente da comissão de inquérito do Senado, Daniel Inouye.

O tenente–coronel, considerado como a chave do escândalo que abalou a administração norte–americana, tem–se recusado a depor ao abrigo de uma emenda constitucional que dá a uma testemunha o direito de se recusar a depor caso as suas declarações a incriminem. No entanto, o Senado e a Câmara dos Representantes garantiram recentemente imunidade limitada a North, abrindo assim a porta ao seu testemunho.

Mas North surprenderia os investigadores do Congresso ao recusar, a semana passa-

da.
se
ção
mi
ma
nh
sa
No
as
de

–c
an
cia
ra
al
mu
ra
ou
vi
do
–a
c

Presidente da Coreia do Sul ordena libertação de destacado dissidente

O Presidente sul–coreano, Chun Doo Hwan, libertou o mais importante dissidente do país que se encontrava sob prisão domiciliária há mais de dois meses.

Mais de 100 apoiantes saudaram estusiasmados a libertação de Kim Dae–Jung enquanto as carrinhas com os agentes encarregados de o vigiar se afastavam da sua casa.

A libertação de Dae–Jung é um passo em frente para os manifestantes anti–governamentais que nas últimas duas semanas sew têm envolvido em confrontos com a Polícia, em todo o país, exigindo eleições livres e a demissão do Chefe do Estado.

O termo da prisão domiciliária do dissidente foi uma das condições para a realização de conversações, sem precedentes, entre Hwan e King Youn–Sam, líder conjuntamente com Dae–Jung do partido oposicionista Reunificação Democrática (RDP).

Apesar do encontro e da libertação deste último as perspectivas para o fim da agitação social e política na Coreia do Sul parecem tão más como anteriormente.

Young–Sam considerou insatisfatório o encontro enquanto um comunicado do RDP o classificava de «fracasso».

O líder oposicionista disse à saída da reunião que não podia «em consciência aconselhar a desconvocação» de um outro dia nacional de protesto previsto para hoje.

Para o outro dirigente máximo do partido, que saudou a multidão e os jornalistas que o aguardavam no exterior da casa, as conversações entre o Presidente e Young–Sam também não foram satisfatórias.

Dae–Jung, de 63 anos, que foi colocado sob prisão domiciliária por ter fundado o RDP, apelou para o estabelecimento de um executivo neutral e pan–nacional para governar o país até à realização de eleições livres.

Sigur rejeita golpe

Gaston Sigur, secretário de Estado adjunto para questões do Sudeste Asiático e do Pacífico, rejeitou em Seul um novo golpe militar na Coreia do Sul.

O funcionário norte–americano mostrou–se cautelosamente optimista sobre a possível solução da actual crise sul–coreana através do diálogo.

Durante a sua estadia de 48 horas em Seul, Sigur reuniu–se com o Presidente Hwan, o cardeal da Igreja Católica, Kim Sou Hwan, e com os principais líderes da oposição sul–coreana, Kim Young–Sam e Kim Dae–Jung.

Índia

Polícia ocupa Dourado de A

Forças de segurança indianas t
Templo Dourado de Amritsar, o
e detiveram cerca de 100 pessoas
tes sikh aí realizem uma concen
nhã.

É a segunda vez nos últimos a
do é ocupado pelas forças de seg
–se que a ocupação do Templo,
sikhs então ocorrido, foi aprese
desta minoria, como a razão qu
primeiro–ministro da Índia, Indir

O chefe da polícia do Estado d
afirmou à agência Reuter que c
mens levaram a cabo uma operaç
plexo do Templo Dourado e que

Ribeiro acrescentou que a área
posta sob recolher obrigatório p
a mesma medida será imposta em
de Estudantes Sikhs de Toda a
do « Comité Panthic» e do «D
por diante o plano de realizar u
plo Dourado na sexta–fei

Segundo Julius Ribeiro, crê–se
fazer durante a concentração a pr
do Khalstan, o Estado sikh ind
criar dentro do Punjab.

...elita, Shimon Peres, cumpri-...es de um en contro entre am-

...M JULHO

...da, participar numa primeira sessão privada de declara-ções. Inouye disse que as co-missões do Senado e da Câ-mara dos Representantes ti-nham então iniciado conver-sações com o advogado de North para marcar as datas e as condições em que este irá depor.

Recorde-se que o tenente--coronel Oliver North e o antigo conselheiro nacion-cional de Segurança, almi-rante John Poindexter, são alegadamente as duas teste-munhas capitais para se apu-rar se Ronald Reagan estava ou não ao corrente dos des-vios ilegais de fundos obti-dos na venda de armas norte--americanas ao Irão para os contras» da Nicarágua.

...a Templo Amritsar

...as tomaram hoje de assalto o ...r, o principal santuário sikh, ...soas para evitar que estudan-...centração marcada para ama-...

...s anos que o Templo Doura-...segurança da Índia. Recorde-...lo, em 1984, e o massacre de ...resentado, por guerrilheiros ...que levou ao assassínio da ...ndira Gandhi.

...o do Punjab, Julius Ribeiro, ...e cerca de 600 dos seus ho-...ração de duas horas no com-...ue apreenderam armas.

...rea que rodeia o santuário foi ...o por tempo indefinido e que ...a em Amritsar se a Federação ...a a Índia e os seus apoiantes «Damdami Tkasal» levarem ...r uma concentração no Tem-...

...-se que aqueles grupos iriam ...a proclamação de um governo ...independente que pretenden

Aniversário da independência de Moçambique

Chissano insiste no "não" às negociações com a Renamo

O Presidente moçambicano, Joaquim Chissano, reafirmou ontem, num discurso público alusivo ao aniversário da independência do país e da criação da Frelimo, que não negociará com a Renamo. Chissano disse que nunca se sentará à mesa de conversações com os «bandidos armados» da Resistência Nacional Moçambicana (Renamo) porque eles não têm ideologia.

O Chefe de Estado moçambicano acusou o movimento rebelde de destruir as infraestruturas económicas e sociais como forma de denegrir «o valor das conquistas» do país e de pressionar o Governo a negociar.

Joaquim Chissano acusou a Renamo de pretender impor «a exploração, a divisão e outras formas que caracterizam a dominação colonial em Moçambique».

Chissano considerou que cada moçambicano tem onde se pronunciar, locais próprios onde pode exercer a sua liberdade, nos sítios de residência e de trabalho.

Várias centenas de pessoas participaram no comício, que decorreu na Praça da Independência, no Maputo, e ao qual estiveram presentes, como convidados de honra, o arcebispo da Igreja Anglicana do Cabo, Desmond Tutu, prémio Nobel da Paz 1984, e o secretário para o comité de libertação da Organização de Unidade Africana (OUA), Ashi Mbita.

O Presidente moçambicano começou o seu discurso fazendo um longo historial da Frelimo e das lutas de resistência do povo moçambicano até à independência.

Em seguida apresentou um quadro dos avanços e retrocessos em diversos sectores da vida moçambicana.

Nos números referidos por Chissano, sobressai uma subida vertical dos índices no período de 1975/82 em diversos domínios. Estes números começaram a decrescer drasticamente desde 1983, facto que, segundo o líder moçambicano, se deve ao aumento das acções de desestabilização promovidas por Pretória.

Já quase no fim da sua intervenção, Joaquim Chissano criticou em termos severos a política agressiva seguida pela África do Sul.

Relações com os EUA

A melhoria das relações dos EUA com o Governo moçambicano foi um severo revés para a URSS em África, afirmou o secretário de Estado adjunto para os Assuntos Africanos, Chester Crocker.

As relações entre os Estados Unidos e Moçambique começaram a melhorar em meados de 1982, sob a direcção do Presidente Samora Machel, que em 1985 foi recebido na Casa Branca pelo Presidente Reagan.

Crocker sublinhou que «nos últimos cinco anos, Moçambique empreendeu uma política externa mais independente e não alinhada, que o distanciou de Moscovo».

URSS analisa reorganização da economia

O Comité Central doo Partido Comunista da União Soviética iniciou hoje em Moscovo uma sessão plenária para analisar as «tarefas do partido na reorganização radical da gestão da economia», anunciou a agência TASS. Gorbachev, que falou na abertura da reunião, deverá ter apresenatdo um plano de reforma económica, visto como um ponto-chave dos esforços do lider soviético para estimular a produtividade, introduzir inovações e libertar gestores e trabalhadores de alguma da rigidez da burocracia central.

Correm, no entanto, rumores de que há grande resistência e mesmo oposição aberta a este plano.

O Comité Central, com 307 membros, deverá proceder a pelo menos uma alteração na composição do Politburo, substituindo Sergei Sokolov, membro suplente, que foi afastado o mês passado do cargo de ministro da Defesa na sequência do incidente com Mathias Rust, o jovem piloto alemão-federal que fez aterrar a sua avioneta na Praça Vermelha, em Moscovo.

Remodelações na Húngria

A Húngria prepara-se, entretanto, para uma remodelação da sua liderança com a substituição dos seus primeiro-ministro e presidente e a apresentação de candidatos à chefia do Partido Comunista húngaro, disseram fontes oficiais em Budapeste.

Estas mudanças foram decididas numa reunião do Comité Central, que prepara a sucessão do lider do partido, Janos Kadar, de 75 anos, que se mantem nestas funções desde o levantamento popular de 1956. Karoly Grosz, responsável do Partido Comunista em Budapeste, e Janos Berecz, responsável pela propaganda, são apontados como possíveis sucessores de Kadar.

Grosz foi já escolhido para assumir o cargo de primeiro-ministro, substituindo Gyoergy Lazar. O presidente Pal Lozonczi, de 67 anos, abandonará a chefia do Estado e será substituído pelo actual subsecretário-geral do partido Karoly Nemeth, de 66 anos.

Incidentes à chegada de Waldheim a Roma

Cinco manifestantes, incluindo um «caçador de nazis» e um rabi norte-americano, foram detidos quando o Presidente austríaco, Kurt Waldheim, chegou ontem a Roma para uma audiência com o Papa João Paulo II.

O encontro, que se efectiva hoje, provocou forte contestação por parte dos judeus de todo o mundo, devido ao alegado passado nazi de Waldheim.

Na manifestação, que decorreu na Praça da S. Pedro, activistas judeus, envergando uniformes dos campos de concentração nazis, entoaram cânticos hebraicos e orações recitadas durante a II Guerra Mundial pelas vítimas do nazismo.

Testemunhas referiram que quando o ex-secretário-geral da ONU chegou ao aeroporto de Roma, fora, detidas cinco pessoas que tentavam quebrar um forte cordão policial.

Entre os detidos encontra-se o «caçador de nazis» Beate Karlsfeld e o rabi Avi Weiss.

Segundo a Polícia, no hotel de Karlsfeld explodiu um bomba de fumo, aparentemente destinada a ser usada contra Waldheim.

Manifestação de judeus norte-americanos contra a visita a Roma do Presidente Waldheim.

24 HORAS

SIDA em propaganda da extrema-direita

A criação de um «sidatorium», a detecção sistemática nacional e anónima da SIDA e o controlo fronteiriço são alguns dos métodos propostos pela Frente Nacional francesa para combater a SIDA. O partido liderado por Jean-Marie Le Pen disse ter a intenção de distribuir vários milhões de exemplares do folheto que acaba de editar e que se intitula: « Franca Não Quer Morrer de SIDA».

Governo irlandês passa teste decisivo

O governo da Irlanda, formado há quatro meses, sobreviveu ontem a uma votação sobre a redução nos gastos com os serviços de saúde que ameçava sua existência. As prespectivas de eleicões antecipadas desvaneceram-se qundo o principal partido da oposição, o «Fine Gael», se absteve de votar uma proposta de redução de fundos para o Srviço Nacional de Saúde. O Partido do governo ganhou assim a votacão por 75 votos contra 31.

Bombas explodem na Argentina

Catorze bombas explodiram ontem em delegações do partido governamental argentino, União Cívica Radical, nas cidades de Buenos Aires, Mendoza, Tucuman e Rosario, sem causar vítimas. Em Buenos Aires, cinco bombas danificaram as representações do partido do presidente Raul Alfonsin. No lugar dos atentados foram encontrados panfletos assinados por uma auto-denominada «Frente Argentina de Libertação», denunciando a lei de obediência devida que anulou os processos em curso contra militares acusados de violações dos direitos humanos.

Síria ameaça raptores de reféns

A rádio estatal síria advertiu ontem que os raptores de reféns estrangeiros no Líbano vão ser punidos e que os seus esconderijos serão descobertos. Esta ameaça coincidiu com a libertação do filho do ministro libanês do Interior, Adel Osseiran, e do seu motorista, ao fim de sete dias de cativeiro. Continua, contudo, a não haver notícias do jornalista norte-americano Charles Glass que foi feito refém conjuntamente com os dois libaneses.

Presos da ETA dispersos por várias cadeias

As autoridades prisionais espanholas decidiram dispersar os diversos presos da ETA-Militar, como medida de luta contra o terrorismo, dada a influência das decisões conjuntas dos reclusos na estratégia da organização separatista basca. Os 200 presos , detidos na cadeia de máxima segurança de Herrera de La Mancha, contam com quatro orgãos decisórios, um por cada módulo existente na prisão. Para já, 16 dos detidos da ETA-Militar foram enviados para outras cadeias.

Bona recusa extradição de Hamadei

A Alemanha Federal rejeitou ontem formalmente um pedido dos Estados Unidos para a extradição de um presumível pirata aéreo libanês e confirmou que ele será julgado por ter morto um norte-americano a bordo de um avião da TWA. Mohammed Ali Hamadei, de 22 anos, foi preso em Janeiro no aeroporto de Frankfurt, quando funcionários descobriram explosivos na sua bagagem.

Novas detenções no Chile

Pelo menos 100 estudantes chilenos foram detidos quarta-feira pelos carabineiros em diversos incidentes ocorridos nas cidades de Santigo e Concepcion, durante uma greve convocada pela Federação dos Estudantes das Universidades do Chile, em protesto pelos altos custos das matrículas universitárias e pela escassez de bolsas de estudo.

Panamá: DC retira-se do Parlamento

O Partido da Democracia-Cristã do Panamá anunciou a sua retirada da Assembleia Legislativa até serem restabelecidas as garantias constitucionais e o fim do estado de emergência. Numa carta dirigida ao presidente do Parlamento panamenho, Ovidio Diaz, os democratas-cristãos anunciaram que não comparecerão nas sessões ordinárias da Assembleia, e exigiram o termo «das perseguições, atropelos, abusos e vexames contra compatriotas indefesos».

Demissão de presidente da UNICEF

O presidente do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) na Bélgica pediu a demissão devido ao envolvimento da sede da agência em Bruxelas num escândalo sexual com crianças, disse um porta-voz. O director do comité belga da UNICEF e um trabalhador voluntário foram acusados de pertencer a uma rede internacional que alegadamente revelava fotografias pornográficas de crianças na cave do edifício que alberga a organização.

Sport-Society

Arrentela: complexo desportivo

A Câmara Municipal do Seixal e o Atlético Clube de Arrentela convidando a Comunicação Social para estar presente, pelas 15 horas de 27 do corrente, na cerimónia de inauguração das novas instalações (complexo desportivo) do Atlético Clube de Arrentela, construídas pela autarquia e naquela data cedidas à colectividade.

«Tal & Qual»

Entre amigos que labutam na Imprensa: Repórteres Associados, Lda. vão abraçar os colegas na festa de aniversário do jornal «Tal & Qual», na Discoteca Whispers, das 18 às 21.00 horas de hoje.

Golfe em Vale do Lobo

Até 27 do corrente (como oportunamente relatámos na reportagem com a Associação Regional de Golfe do Sul e a Empresa Turística de Vale do Lobo do Algarve) decorre o 3.º Torneio Internacional de Golfe para senhoras, que encerra com uma competição Pro-Am, onde se coloca em disputa o maior prémio jamais concedido para ser atribuído à profissional de golfe que consiga o «hole-in-one» no famoso buraco 7 do Campo de Golfe Amarelo. Um prémio («Tea» de golfe em ouro cravejado de diamantes) no valor de 45 mil contos.

Associação de futebol de Lisboa

O Conselho de Arbitragem da Associação de Futebol de Lisboa, leva a cabo pelas 21 horas de hoje, no Salão Nobre da Associação de Comerciantes do Distrito de Lisboa (Rua Castilho, 14) a sessão de encerramento das suas actividades na presente época. Para o colóquio/debate foram convidados os jornalistas Carlos Arsénio, Cruz dos Santos e Vieira de Carvalho, para além de José António Pinto de Sousa, presidente do Conselho de Arbitragem da Federação de Futebol.

No programa inscreve-se a entrega de medalhões aos membros das Comissões de Apoio Técnico, árbitros licenciados, juízes melhor classificados nas 1.º e 2.ª categorias regionais, para além da intervenção do presidente da mesa da Assembleia Geral da AFL (sobre o patrono da escola Jorge Vieira), palavras do coordenador da escola, distribuição de diplomas e emblemas aos candidatos, de medalhões aos instrutores e placa ao coordenador, debate sobre o tema «O árbitro: razões das dificuldades no seu recrutamento e formação» e palavra para o presidente da AFL e outras entidades ligadas ao futebol.

Associação Portuguesa de Árbitros

Domingo, na Praia da Areia Branca (Lourinhã) festa rija dos integrantes na Associação Portuguesa de Árbitros, agora a comemorar oito anos de existência. Programa dos festejos: concentrção junto à sede da APA (Avenida Almirante Reis, 40-A, 1.º esq.º, Lisboa) pelas 7 e 45, com partida em «autopulman» e chegada à Lourinhã prevista para as 10 e 15, seguindo-se encontro no Parque Desportivo Lourinhense (futebol entre árbitros). Depois, prato forte: embate gastronómico de barrigas vazias no Complexo Turístico S. João (matança de porco, sardinhada, vinhos da região e refrigerantes). Mais tarde: piscina, sala de jogos, «noite» (com «dancing») e o que vier por acréscimo. Menores até 12 anos: grátis. Dos 12 aos 17: 500$00. Deslocação com almoço e parte recreativa: mil escudos por pessoa. Sem transporte: 650 escudos. Inscrições, até amanhã, na sede da APA ou no Conselho de Arbitragem da AFL.

DESPORTO

Bibliografia desportiva

PORTUGAL: DESPORTO E SOCIEDADE

O professor Noronha Feio encontra-se, por direito próprio, na fila cimeira dos maiores impulsionadores da Educação Física no nosso país, com uma valiosa obra a credenciar muito trabalho e permanente actualização com aquilo que vai por aí fora. Para o seu já vasto contributo para a implantação e expansão desportiva, Noronha Feio acaba (através da editora «Terra Livre», da Direcção-Geral da Comunicação Social) de lançar «Portugal: desporto e sociedade», volume de leitura fácil e muito atraente que, com capa e arranjo gráfico de Tóssan e coordenação editorial de Maria Teresa Camilo, se divide por capítulos de alto interesse, debruçados sobre a história da cultura física do nosso povo. Nota muito de aplaudir no levantamento do passado português em matéria desportiva e nos jogos tradicionais que foram sobrevivendo ante a modernidade e, igualmente, citação para temas como «A emigração, comunidades portuguesas e desporto», «O desporto na cultura portuguesa, situaçÕes e factores da mentalidade», «A organização desportiva: o Estado e a hierarquia desportiva», «O valor social e pedagógico do desporto», «O que pensam os portugueses do desporto», tornando o livro de Noronha Feio imprescindível na biblioteca de todos os verdadeiros interessados pelo fenómeno desportivo.

●

A antologia de textos que tem vindo a lume sob o genérico «Desporto e sociedade», está acertando o passo na sua divulgação. Após um período em que nenhum dos seus volumes chegava até nós, eis que a DGD nos contempla com cinco trabalhos, de boa expressão e nível acentuado: «As actividades físicas na era da 3.ª vaga» (de João C. Boaventura e A. Mirandela da Costa), «Do associativismo à orgânica desportiva» (Gustavo Pires), «A reinvenção da Educação Física e do desporto segundo paradigmas do lazer e da recreação» (Lamartine P. da Costa), «Condicionalismos e regras para uma vida com mais saúde e aptidão das actividades físicas» (Aníbal Silva e Costa) e «Arquivo do movimento da ginástica» (esclarecimentos sobre os objectivos e as metodologias, por J. Tollener e R. Renson).

Esta bela iniciativa da Direcção-Geral dos Desportos enriquece sobejamente o escasso panorama da nossa bibliografia desportiva, merecendo uma nota muito especial o trabalho de pesquisa realizado por Gustavo Pires e o cuidado com que o dr. Aníbal Silva e Costa define os riscos que se podem evitar numa prática desportiva desordenada. No conjunto: bons contributos para apoiar (cientificamente) a acção do desporto.

«Portugal: Turismo e Actualidade»

Prossegue a acção de Alberico Cardoso no comando da revista «Portugal: turismo e actualidade» que, na sua edição mais recente, se debruça (muito especialmente) sobre o Algarve a as principais fontes atractivas: golfe, ténis, desportos náuticos. Afinal, os pontos de atracção para as divisas estrangeiras nos contemplarem. Um trinómio que merece o maior interesse e o mais atento cuidado de quantos se preocupam pelo amanhã de Portugal.

«Olimpo»

Órgão do Comité Olímpico Português, de publicação trimestral», a revista «Olimpo» firmou a sua 70.º edição, atingindo especial relevância um artigo de David Sequerra intitulado «Quando os sonhos se cumprem», aflorando os próximos Jogos de Seoul que já anunciam novo evento olímpico para Barcelona, em 1992. Vário noticiário sobre as Olimpíadas preenche este número de «Olimpo», porta-voz do recado legado por Pires de Coubertin aos povos.

«Ténis Magazine»

Espectacular tem sido o «boom» do ténis no nosso país, a justamente merecer amplo noticiário e dilatada divulgação das coordenadas por que se rege este desporto-espectáculo que diáriamente ganha novos e fervorosos adeptos. Não admira, portanto, que a revista «Ténis Magazine» (dirigida por António Mendes Nunes) rápidamente se tenha implantado e constitua já um belo repositório do que por aí fora se vai realizando em matéria tenística. E não só, pois também o «squash» ali encontra campo de expansão e maior notoriedade.

No número 22 de «Ténis Magazine», atinge relevância a recordação do magnífico torneio «Oporto Cup», que o arquitecto Jaime de Sousa idealizou, planificou rigorosamente e conseguiu imediatamente colocar no topo das nossas realizações. Manuel Perez e Norberto Santos contam (em «Ténis Magazine») como foi o «Oporto Cup», mas também outros assuntos estão inscritos nas páginas da revista que Moura Dinis e Cid Santos encabeçam: os eventos do ténis internacional em «À volta do mundo», a vitória de Carlos Di Laura no «Open de Portugal», o Circuito Satélite «Ténis Magazine» (que reuniu cerca de 180 jogadores dos cinco continentes), o Torneio Carlsberg» organizado nos Açores (vitória de Cunha e Silva), uma entrevista com o checoslovaco Miroslav Mecir, conselhos técnicos por Arthur Ashe e amplo noticiário tenístico e sobre o crescimento do «squash».

N. de S.

Modalidades

Golfe: «open» feminino de Portugal

A escocesa Catherine Pamton lidera o «open» feminino de Portugal em golfe, no final do 1.º percurso, com 67 pancadas, menos seis que o par do campo de Vale de Lobo. Na 2.ª posição, estão as britânicas Alison Nicholas e Maxime Burton (com 70 pancadas), seguidas da sueca Liselotte Neumann (actual número um do «ranking» mundial) e a austríaca Corine Dibnah, que fizeram a primeira volta em 71 pancadas. A melhor portuguesa é Teresa Abecasis (61.ª após o primeiro dia), com 83 pancadas, 10 acima do par do campo, e a segunda golfista nacional é Rosário Agrellos, 66.ª classificada, com 89. Nas posições imediatas estão Patrícia Nunes (91 pancadas), Manuela Basto (94) e Patrícia Roquete (102).

Andebol em acção

Em organização da Associação de Andebol de Lisboa, inicia-se hoje o Torneio Internacional de Lisboa, em quinta edição, com a disputa dos seguintes encontros: Selecção de Lisboa-Argélia (19 horas) e Portugal-Angola (20.30 h), no pavilhão do INATEL. Entretanto, começa igualmente hoje a disputa do «Nacional» de Juvenis (Andebol), na Póvoa de Varzim.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA
4.º JUÍZO

ANÚNCIO

Faço saber que na Execução Sumária registada sob o n.º 2767, pendente na 2.ª Secção deste Juízo contra a executada — FRINIL — Frio Naval e Industrial, SARL, com sede na Avenida Marechal Gomes da Costa, n.º 15, em Lisboa, foi decidida a venda por meio de propostas em carta fechada, dos bens a seguir discrimmados, que a Exequente — MOVIAL — Equipamentos de Escritório, Lda., requereu que lhe fossem adjudicadas pelos preços que abaixo se mencionam:

1 — Fotocopiador 3M – modelo 595 – copier ..... 40 000$00
1 — Máquina de calcular Anteres – 850 PD ..... 5 000$00
8 — Secretárias metálicas, com tampo de fórmica, com 6 gavetas (10 000$00×8) ..... 80 000$00
TOTAL ..... 125 000$00

São convidadas todas as pessoas interessadas na compra destes bens, a entregarem na Secretaria Judicial deste Tribunal — 2.ª Secção do 4.º Juízo Cível — as suas propostas.

No dia 1 de Julho às 10 horas, proceder-se-á neste Tribunal à abertura das ditas propostas até esse momento apresentadas, a cujo acto podem os proponentes assistir.

Lisboa, 16 de Junho de 1987
O Juiz de Direito
Fernando José Matos Pinto Monteiro

O Escrivão de Direito
João Albano Perfeito Macias

«DL» — 25/6/87 — 1.ª Pub.

FESTA POPULAR
28 JUNHO - TORRE de BELÉM

CDU

★ MANHÃ INFANTIL
★ 15,00 h. - ESPECTÁCULO
• CARLOS MENDES
• JORGE PALMA
• RÁDIO MACAU
★ 18,00 h. - COMÍCIO
• ÁLVARO CUNHAL
• HERCULANO POMBO
• ANSELMO ANÍBAL
• CORREGEDOR DA FONSECA
• CLARA CARDOSO
• ANTÓNIO LOUÇÃ

TRIBUNAL DO TRABALHO LISBOA

ANÚNCIO

O Doutor ARNALDO MOREIRA DA COSTA, Juiz de Direito do 15.º Juízo do Tribunal do Trabalho de Lisboa.

FAZ SABER que por este Juízo e 1.ª Secção correm seus termos uns autos de Acção com Processo Comum-Sumário, revistados sob o n.º 76/86, que a autora IDALINA SILVA FARINHA move ao réu ABÍLIO JOSÉ CORREIA BRANDÃO e outros, cuja última morada conhecida foi na Rua General Justiniano Padrel, n.º 25 — 3.º-A em LISBOA, para deles haver a quantia de esc.: 158 973$00, referente a salários e subsídios de Férias e Natal, e, que nos referidos autos, correm éditos de TRINTA DIAS, citando o réu para, no prazo de OITO DIAS, findos os dos éditos e estes a contar da 2.ª e última publicação do respectivo anúncio, contestar a referida acção e deduzir oposição, querendo, ao pedido de assistência judiciária formulado pela autora, SOB PENA de não o fazendo ser imediatamente condenado no pedido, que é o constante da petição inicial, cujo duplicado se encontra à disposição do citando nesta secretaria.

E, para constar se passou o presente anúncio, que vai ser publicado.

Lisboa, 27 de Maio de 1987.

O JUIZ DE DIREITO,
Arnaldo Moreira da Costa

A ESCRITURÁRIA
Conceição Simões

«DL» 25/6/87-2.ª Pub.

Polónia: Federação castiga clubes por falta de aplicação nos jogos

A Federação Polaca de Futebol impôs castigos a oito clubes da 1.ª divisão por desinteresse na última jornada da temporada. Os responsáveis polacos proibiram os clubes visados de efectuarem qualquer digressão ao estrangeiro e de transferirem jogadores durante um ano, obrigando-os ao mesmo tempo a repetirem os quatro jogos finais disputados entre si. **«A falta de espírito desportivo, a ausência total de ambição e a inexplicável má forma de alguns jogadores»** foram as razões invocadas pela Federação Polaca para penalizar o Lech Poznan, Zaglebie Lubin, Lechia Gdansk, Gornik Walbrzych, Olímpia Poznan, Polónia Byton, Ruch Chorzow, Stal Mielec e Motor Lublin.

João Paulo recebe Butragueño

O Papa João Paulo II recebeu no Vaticano o futebolista «internacional» espanhol Emílio Butragueño (do Real Madrid) a quem ofereceu as medalhas do pontificado. O avançado dos «merengues» assistiu à missa que o Sumo Pontífice celebra diariamente na sua capela privada, após o que dialogou durante alguns minutos com João Paulo II, que se interessou pela carreira desportiva de Butragueño.

Romeno prefere a Grécia

O atleta romeno de meio-fundo desaparecido 6.ª-feira em Atenas pediu asilo político às autoridades helénicas. Victor Jacoban (23 anos), que deveria correr os 1500 metros do «meeting» de atletismo de Atenas, no fim-de-semana, dirigiu-se 3.ª-feira à noite a um departamento do Ministério do Interior grego, onde apresentou o pedido oficial de asilo político.

Moçambique: saiu o "Desafio"

O primeiro jornal desportivo moçambicano, desde a independência (em 1975), saiu ontem para a rua, sob o título «Desafio». O jornal (semanário) de formato tablóide, com 16 páginas e 35 meticais de preço, promete em editorial um trabalho **isento de clubismos. Lutaremos por um desporto são, factor de desenvolvimento físico e espiritual do homem, de amizade e cooperação entre os povos,** acrescenta o editorial do primeiro número de «Desafio».

Xira Cup-87 "mostra" rosto

Um terço das equipas são estrangeiras

Meia centena de equipas, catorze das quais estrangeiras (Modena de Itália, Costa do Sol de Moçambique, Benguela de Angola, Oprab do Gabão, D. Bosco da Bélgica, Bandeirantes de S. Paulo-Brasil, CS Everswinkel da RFA, Villejuif da França, Saga e Helleaup da Dinamarca) participam no V Torneio Internacional de Andebol de Vila Franca, entre 21 e 25 de Julho próximo. Popularizado como Xira Cup, o torneio deste ano é da inteira responsabilidade do União Desportiva Vilafranquense e conta com o suporte publicitário da Tudor.

O presidente da direcção do UDV, José Mário Cerejo, disse ontem na apresentação de Xira Cup-87, na Casa do Ribatejo, em Lisboa, que «este será o mais bem organizado» de todos os torneios que se realizaram até agora em Vila Franca de Xira, tudo indicando que «engrandecerá ainda mais a modalidade, a juventude, o concelho, a região e o País. É um dos maiores e melhores torneios abertos de quantos se fazem na Europa», acrescentou.

Xira Cup-87 tem o patrocínio da Tudor, como atrás se disse, e o apoio da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, da Direcção-Geral dos Desportos, do Governo Civil de Lisboa, da JF de Vila Franca e da Federação Portuguesa e da Associação de Andebol de Lisboa, bem como de empresas públicas e privadas da região e das colectividades locais, sem as quais uma iniciativa desta envergadura, envolvendo cerca de mil atletas, seria impossível de pôr de pé — embora se trate de uma modalidade disputada com as mãos.

Cada uma das cinquenta equipas até agora inscritas — a organização espera mais inscrições, uma vez que a data limite para o efeito termina em 30 do corrente — disputará um mínimo de cinco jogos, mas sempre para mais, disse o coordenador da Xira Cup deste ano, José Casimiro. Pedro Espeçada, do gabinete técnico da AA de Lisboa, expôs à Comunicação Social a parte técnica do torneio, contando com o apoio da arbitragem da modalidade. José Francisco, por exemplo, é um dos apitadores com que a organização conta, ele que esteve em todos os torneios. São também esperados árbitros estrangeiros, além de um árbitro português emigrado em França.

A organização do torneio deste ano é constituída por duas comissões para os assuntos gerais e outra para os desportivos.

Tal como ontem informámos

FUTRE JÁ ESTÁ EM MADRID E DIZ ADEUS AO "MUNDIALITO"

Foi um «estoiro» a notícia ontem destacada na primeira página do nosso jornal, referente ao contrato-promessa assinado na noite anterior entre o presidente portista Jorge Nuno Pinto da Costa e o empresário espanhol Jesus Gil (candidato à presidência do Altético de Madrid, nas eleições que vão ter lugar a 28 do corrente), por uma verba astronómica mais de 600 mil contos para o FC Porto e 130 mil por cada um dos quatro anos de compromisso (fora prémios de jogo, ordenado, automóvel e casa às ordens) Paulo Futre está a um passo de mudar para os «colchoneros», já hoje não alinhando pelos «dragões» no «Mundialito».

Futre chegou ontem à tarde a Madrid, em avião especial procedente de Itália.

O empresário espanhol, um dos três candidatos à presidência do Atlético de Madrid, referiu que «comprou o jogador em seu nome para entregá-lo ao clube se vencer as eleições. **«No caso de não vencer as eleições, logo se verá como a questão será resolvida»** disse Jesus Gil.

O candidato à presidência do Atlético de Madrid afirmou que o Inter de Milão lhe ofereceu 150 milhões de pesetas além do que ele pagou já ao FC Porto pela transferência do jogador. **«Mas recusei** (acrescentou Jesus Gil) **pois o que me interessa é trazer Futre para o Atlético de Madrid».** Jesus Gil adiantou que Futre permanecerá em Madrid até ao próximo sábado e assistirá à final da «Taça de Espanha» entre o Atlético de Madrid e a Real Sociedade.

●

O FC Porto joga hoje, às 19 horas (transmissão directa pela TV, canal 2), com o Inter de Milão, em Milão, na segunda jornada do «Mundialito» de futebol. Recorde-se que o Inter ganhou ao Barcelona, por 3-1; enquanto o Milão (que venceu o FC Porto por 2-0), ganhou ao Paris Saint Germain, por 3-1. Hoje, a seguir ao jogo dos campeões europeus, jogam, às 21 horas, o Paris Saint Germain e o Barcelona.

Koweit e Benfica empatam

Os juniores do Benfica e da selecção do Koweit empataram a um golo em encontro disputado no Estádio Nacional. Os golos foram apontados por Kali (do Benfica) aos 22 minutos e o empate surgiu por Waleed Nassar (aos 43 minutos). Os juniores do Benfica são treinados pela antiga vedeta do clube Nené, enquanto a selecção de juniores do Koweit é preparada pelo técnico brasileiro Miguel Pereira.

Benfica quer Valdo

O Benfica oferece um milhão de dólares (140 mil contos) pelo avançado Valdo da selecção brasileira e do Grémio. O Grémio de Porto Alegre estuda a proposta dos campeões nacionais e o jogador nomeou já um advogado para as negociações. Valdo é, no momento, um dos jogadores mais destacados da selecção brasileira, que parte amanhã para a Argentina, para disputar a «Copa América».

Primavera-87

À frente na classificação desde a 1.º fase, a equipa de futebol de salão da McCann-Erickson / Hora acaba de vencer o Torneio Primavera / 1987, organizado pelo Clube Nacional de Ginástica da Parede.

O 2.º lugar neste torneio, disputado entre grupos desportivos de empresas e que tem vindo a conquistar considerável importância (dado o nível técnico francamente bom de algumas equipa) coube à Soafrica, que perdeu com a McCann (na final) por 5 bolas a 4. Na 3.º posição ficou a equipa Belomar, eliminada pela McCann nas meias-finais, por três golos de diferença.

O «cinco» da McCann-Erickson / Hora existe há alguns anos, tendo participado em competições onde conquistou lugares de destaque, nomeadamente o 1.º lugar em 1985 num torneio entre publicitários, organizado pelo jornal «O Semanário» e a 4.ª posição no Torneio RTC, em 1986, em que estiveram representadas várias empresas de publicidade e órgãos de Comunicação Social.

A McCann-Erickson / Hora concorreu este ano (pela 1.ª vez) ao Torneio Primavera, onde teve presença perfeitamente justificada, como se comprova pelos resultados obtidos.

Bancários em salão

Vai ralizar-se, nos próximos dias 27 e 28, no Pavilhão de Fafe, a fase final do «IX Torneio Nacional de Futebol de Salão». Estarão presentes 4 equipas em representação do Norte: «Ping Pongs» de Vila Real ou «Os Invictas» do Porto; Centro: «Os Zamacóis» de Oliveira de Azeméis e «Os Pardais» de Lisboa; Sul: «Os Lendários» de Lisboa.

A organização promotora espera que este encontro de trabalhadores venha a constituir mais uma grande jornada de convívio e confraternização e, ao mesmo tempo, de propaganda para esta popular modalidade. O encontro conta com o apoio da Câmara Municipal de Fafe.

Corroios convida

O Ginásio Clube de Corroios necessita, para a época de 1987-/88, de completar o quadro de treinadores de futebol juvenil e para o efeito solicita a colaboração de elementos que o queiram fazer a título gracioso. Para qualquer contacto indicamos morada e n.º de telefone: Ginásio Clube de Corroios; Departamento de Futebol, Rua Ginásio Clube de Corroios, 6/8; Telefone 253 26 66.

Jogos Lusíadas

A selecção junior de Lisboa venceu a sua congénere de Bissau por 4-1, em partida da 1.ª jornada do Torneio de Futebol dos Jogos de Expressão Portuguesa, disputada no Estádio da Tapadinha (Lisboa). No encontro inaugural da competição, as formações de Maputo e da Cidade da Praia empataram (0-0). No final de cada encontro, por regulamento, são marcadas grandes penalidades, que permitirão, se necessário, desempatar a classificação final. NERMO DO «.º jogo, Maputo teve vantagem (9-8) sobre a Cidade da Praia. No segundo, Lisboa ficou em vantagem sobre Bissau (4-3).

A segunda jornada tem lugar amanhã, na Tapadinha, e inclui os jogos Maputo - Bissau e Lisboa - Praia e a terceira e última disputa-se no domingo no Estádio da Luz, integrando as partidas Praia - Bissau e Maputo - Lisboa.

As cinco provas de atletismo que completam o programa da edição zero dos Jogos das Cidades de Expressão Oficial Portuguesa, em que estarão também representadas Macau e Água Grande (São Tomé e Príncipe), realizam-se no fim-de-semana. No sábado, disputa-se em Entrecampos a milha urbana e, no domingo, têm lugar no Estadio Nacional as quatro provas de pista: 100, 200 4X100 e 3000 metros.

Paulo Autuori no Nacional

O brasileiro Paulo Autuori, adjunto de Marinho Peres, extreinador do Vitória de Guimarães, será o responsável técnico, na próxima época, pelo Nacional da Madeira. Autuori justifica a sua vinda para a Madeira **atendendo a que Marinho Peres decidiu, após abandonar o comando do Vitória, descansar por algum tempo, razão que me levou a tentar esta experiência.**

Taça Iniciados

O Boavista bateu em Guimarães o Vitória local (por 2-1) em partida em atraso da 3.ª jornada da Taça Nacional de Iniciados, Zona Norte. A 4.ª jornada disputa-se no domingo e inclui as partidas FC Porto-Boavista e Covilhã-Guimarães. A classificação da Zona Norte ficou ordenada da seguinte forma:

	J	V	E	D	G	P
FC Porto	3	3	—	—	11- 1	6
Boavista	3	2	—	1	4- 5	4
Guimarães	3	1	—	2	7- 6	2
Covilhã	3	—	—	3	2-12	0

Sporting: Assembleia

Reúne-se esta noite, em assembleia geral, a massa associativa do Sporting, tendo como pontos principais na ordem de trabalhos a apreciação do orçamento para a época que se aproxima e o aumento de quotas. Esta última questão está a despertar uma certa instabilidade entre os «leões» que não encontram justificação para o agravamento proposto.

A partir de sábado:

A fabulosa viagem ao Canadá, Estados Unidos e Bermuda

BENFICA: ABRAÇO DE PORTUGAL A PORTUGUESES MESMO QUANDO O GOVERNO NÃO OS CONHECE

Série de reportagens por NEVES DE SOUSA nosso enviado especial

Família Neves: uma festa

Boavisteiros enquadram presidente Valentim Loureiro

Pódio do «JN»: os triunfadores

"Grande Prémio JN" arrebatado pelo boavisteiro Manuel Neves

Manuel Neves (Boavista) venceu o Grande Prémio «JN» em ciclismo, com o tempo total de 27 horas 23 minutos e seis segundos. Paulo Pinto (Ajacto) foi o vencedor da última etapa disputada entre Ponte de Lima e Porto, na distância de 118 quilómetros. Os cinco primeiros da derradeira etapa foram: 1.º, Paulo Pinto (Ajacto), 2.44.48; 2.º, Américo Silva (Sporting), mt; 3.º, Carlos Santos (Torreense/Sicasal), mt; 4.º, Marco Chagas (Sporting), mt; 5.º, Serafim Vieira (Sporting), mt.

Os dez primeiros da classificação geral desta edição do Grande Prémio «JN», concluído no Porto, foram: 1.º, Manuel Neves (Boavista), 27.23.06; 2.º, Venceslau Fernandes (Ajacto), a 02.00; 3.º, Eduardo Correia (Sangalhos / Recer), a 02.10; 4.º, António Pinho (Torreense / Sicasal), 02.44; 5.º, Marco Chagas (Sporting), a 03.08; 6.º, Fernando Carvaho (Louletano / Vale do Lobo), a 03.10; 7.º, Manuel Cunha (Torreense / Sicasal), a 03.14; 8.º, Joaquim Gomes (Sporting), a 03.23; 9.º, Cayn Tieakston (Louletano / Vale do Lobo), a 03.27; 10.º, Fernando Fernandes (Torreense / Sicasal), 03.50.

Acácio mantém posição suíça

Acácio da Silva manteve o 9.º lugar da classificação geral da Volta à Suíça que é liderada pelo norte-americano Andrew Hampsten. O ciclista português terminou a tirada (disputada entre Scuol e Laax, na distância de 145,5 quilómetros) na 9.ª posição, a um minuto e 52 segundos do vencedor, o italiano Alssandro Paganesi, cronometrado em 3 horas, 48 minutos e 18 segundos. Andrew Hampsten (7.º classificado na etapa, a um minuto e 38 segundos do vencedor) arrebatou a camisola amarela ao alemão-federal Dietrich Thurau, que desceu para a 7.ª posição da geral. O novo «camisola amarela» detém um segundo de vantagem sobre o holandês Peter Winnen, e sete sobre o colombiano Fabio Parra. Acácio da Silva é ono, a três minutos e um segundo do guia, quando no início da etapa estava, nessa mesma posição, a 2.59 do então «camisola amarela» (Thurau).

Na sua agenda

CICLISMO: Campeonato Nacional de Estrada (para profissionais) no próximo domingo, com partida às 8 horas, largada e meta final na Avenida José Cabrita Mealha (Loulé).

A palavra para o leitor

UNIÃO DE COINA-ALVALADE: DEBATE SOBRE FUTEBOL FEMININO

Como adepto do futebol, dirigente, fundador e treinador da equipa feminina do Clube Académico de Alvalade, fiquei bastante admirado com o comentário feito ao jogo União de Coina - Académico de Alvalade.

Tenho lido e coleccionado todos os comentários feitos pelos vossos colaboradores e tenho-os tido por isentos. Porém, este (em minha opinião) omite certos factos que podem levar a opinião pública a julgar erradamente, não só o Académico de Alvalade como também o futebol feminino.

Começo desde já por afirmar que não venho, de forma nenhuma, arranjar desculpas para fugir às responsabilidades que cabem ao meu clube nos incidentes do dia 10 de Maio. Vou (sim) tentar relatar, o mais breve possível, os factos que levaram aos tristes incidentes.

Logo de início, as coisas não correram bem pois, em virtude do campo ter apenas duas cabinas e se estar a realizar um jogo de seniores masculinos da Associação de Futebol de Setúbal, a minha formação, para não se sujeitar a vestir numa cabina onde já se encontrava uma equipa instalada (e onde nos tinham sido reservados oito cabides) foi equipar-se na camioneta que nos transportou até ao campo. Aqui, parece-me que houve negligência da parte da direcção do União de Coina na organização do jogo: espero que, futuramente, a Federação reveja este problema, dando tempo suficiente para acabar um jogo e começar outro, de modo a que as formações se equipem devidamente. Faço, também, votos para que a Federação Portuguesa de Futebol deixe de nomear árbitros que não levam o futebol feminino a sério, pois o sr. Gil Rosa, além de ter deixado jogar duramente e muito à margem das leis, sem ter intervido, esteve em evidência em dois casos que poderiam ter mudado o rumo dos acontecimentos: primeiro, quando aos 17 minutos a defesa central do União de Coina cortou com a mão um lance dentro da grande área que originava «penalty», quando o resultado era ainda de 0-0; na 2.ª parte, cerca dos oito minutos, ainda com 0-0 no marcador, não assinalou um claríssimo fora-de-jogo a uma jogadora da minha equipa, que seguiu isolada para a área do Coina e que só não fez golo porque a bola bateu no poste. Qualquer destes lances pode ser testemunhado pelo colaborador do vosso jornal, que estava presente.

Depois, o sr. Gil Rosa não actuou como devia, quando alguns assistentes foram para detrás da baliza da guarda-redes do Académico de Alvalade, provocando-a, até que um director do nosso clube, juntamente com a GNR, os afastaram da zona.

Ao contrário do que possa pensar-se através da vossa notícia, não foi uma jogadora do Académico de Alvalade que provocou os incidentes, pois na ocasião do 1.º golo do União de Coina o nosso «banco» foi provocado, com palavras e atitudes muito feias por parte da jogadora Laura e, na ocasião do 2.º tento, uma representante do Coina (posteriormente referenciada como sendo a atleta Lina) provocou a minha jogadora Dina, através de ofensas verbais: Dina não se conteve e respondeu a pontapé à futebolista contrária que se encontrava mais ao pé (Elsa) julgando-a a autora das ofensas. Perante esta condenável atitude, o árbitro exibiu o cartão vermelho à atleta do Alvalade. E tudo teria terminado se o sr. José Inácio (dirigente-treinador do União de Coina) não entrasse em campo e agredisse, com uma estalada e um pontapé, uma jogadora do meu «onze» (Cris) que se encontrava no meio-campo, junto ao banco do Coina, esperando que a bola viesse para o centro do terreno. Foi então que, ao ver a colega no chão, Dina (que tinha sido expulsa) correu para entrar em desforço com o treinador do União de Coina. Escusado será dizer que, nesse momento, todas as jogadoras suplentes se envolveram, juntamente com o público que ia invadindo o campo, em agressões mútuas.

Aqui, mais uma vez os dirigentes do União de Coina não actuaram como seria lógico (honra seja feita ao delegado ao jogo, o meu amigo Augusto) pois não se preocuparam com a integridade física dos dirigentes do Académico, nem com as jogadoras das duas equipas e apenas Augusto e eu mantivemos a calma possível, para que o jogo prosseguisse. E até sucedeu que alguns «adeptos do futebol» tentaram apedrejar o nosso autocarro, perante a passividade da direcção do União de Coina: valeu o motorista do carro aperceber-se a tempo do que poderia acontecer e, no mínino, o autocarro teria ficado bastante danificado.

Embora sucintamente, esta foi a triste verdade dos factos e, se é criticável a atitude da nossa jogadora, é deplorável o comportamento do sr. José Inácio que, como homem máximo do União de Coina, deveria dar o exemplo. E, é evidente que, quem leu a notícia do «DL», entenderá que foi o Atlético de Alvalade que, por estar a perder, provocou atritos por não saber aceitar a derrota. Repito: sou o treinador da equipa há cinco épocas, fui o fundador do Clube Académico de Alvalade, já tenho ganho e perdido em muitos campos e, sinceramente, entendo que não foi este desaire que provocou os distúrbios, embora tenha de concordar que, em 14 anos de futebol, nunca vi coisa igual, e que o lamento profundamente.

Queria (também) salientar que, depois de tudo calmo e com o jogo a recomeçar, a jogadora Cris (que já tinha sido agredida pelo sr. José Inácio) voltou a sofrer na pele as iras da jogadora Elsa, que acabou igualmente por ser expulsa.

Resta-me informar que estarei ao dispor para qualquer esclarecimento ou, até, a futuras iniciativas respeitantes ao futebol feminino, na esperança de que a verdade esteja sempre destacada. Des-peço-me, enviando saudações desportivas.

José Sobral
R. Afonso Lopes Vieira, 33, 1.º, Esq.º
1700 LISBOA

Vela

"Volta à Espanha" vem tocar em Lisboa

O veleiro português «Sanumac» terminou em 8.º e penúltimo lugar a 1.ª etapa da Volta a Espanha ganha pelo «Ramel II», capitaneado por Bordus Gorostegui. O veleiro português, comandado por Bernardo D'Orey Pinheiro, atingiu o termo da etapa instalada em Bayona cerca de 14 horas depois do «Ramel II», que percorreu as 348 milhas do percurso em 55 horas, 08 minutos e 30 segundos. **«Registamos uma paragem de 15 horas cerca de 60 milhas após a largada em Laredo, na sequência de falta de vento»**, afirma Manuel Moroso, membro da tripulação do «Sanumac».

«Fizemos uma opção errada: enquanto uns preferiram vir ao largo ou junto à costa, nós viemos pelo meio e tivemos pouco vento», disse.

Na etapa, que tem início amanhã e ligará Bayona a Lisboa, **«vamos jogar no factor casa, indo pelo alto mar e aproveitando o vento de norte e nordeste, enquanto a maioria das embarcações deve vir junto à costa»**.

O primeiro veleiro da «Vuelta» deverá atingir Lisboa na madrugada de domingo: contudo, se o vento for favorável, a previsão pode ser antecipada em algumas horas.

«Troféu Soponata»

Organizada pela Associação Naval de Lisboa, com a colaboração do Clube Naval de Cascais e do Clube Naval de Sesimbra (e o patrocínio da Soponata) realizou-se a tradicional Regata D. Carlos I, durante a qual, este ano, foi disputado o «Troféu Soponata», em comemoração dos 40 anos desta empresa.

A prova teve como campo de regata, para as classes IOR e IOR B, Belém - Sines - Cascais, para a classe ABCV Belém - Sesimbra - Cascais e para os APCV Belém - Cabo Espichel - Cascais. Participaram 49 barcos e as classificações verificadas em cada classe foram as seguintes:

● **Classe IOR**: 1.º, «BCI», de Pedro Mendonça; 2.º, «Slot Machine», de Claude Demoustier; e 3.º, «Mariposa II», de Joaquim Silveira.

● **Classe IOR B**: 1.º, «Finola», de Sebastião Brito e Abreu; 2.º, «Chamyat», de José Camelo; e 3.º, «Magnum», de Fernando Pessoa.

● **Classe ABCV**: 1.º, «Bonito», de Fernando Galveias; 2.º, «Sirli», de Domingos Roque de Pinho; e 3.º, «Flying Fish», de Manuel Champalimaud.

● **Classe APCV**: 1.º, «Quasar 1301», de Pedro Beckert Rodrigues; 2.º, «Proton de Ribamar», de Domingos Borralho; e 3.º, «Banga», de António Dias Pinheiro.

«Azab-87«

Os 39 veleiros que participam na Regata Oceânica «Azab-87» partiram da cidade açoriana de Ponta Delgada iniciando a última etapa da prova rumo a Falmouthe, na Grã-Bretanha. A regata, que se realiza de quatro em quatro anos e em que participam alguns velejadorés solitários, deverá chegar domingo ou 2.ª-feira à Grã-Bretanha. Na prova, cujo itinerário é Falmouthe / Ponta Delgada / Falmouthe, participam iates nas classe de monocasco, catamaran te trimaran. Trata-se de uma prova organizada pelo «Royal Cornwall Iat Club», com o apoio do Clube Naval de Ponta Delgada.

Antognoni ingressa no Lausanna

O veterano futebolista italiano Giancarlo Antognoni assinou um contrato por dois anos com o Lausana da primeira divisão suíça de futebol.

Antognoni (de 33 anos), que deixará a Fiorentina depois de 15 anos ao seu serviço, deverá embolsar 925 mil dólares (cerca de 130 milhões de escudos).

MÚSICA EM ALMADA ATÉ DOMINGO

A «Semana da Música», organizada pelo Centro Cultural e pela Câmara Municipal de Almada, vai prolongar-se até domingo, dia 28.

No âmbito desta Semana, que decorre na Oficina da Cultura de Almada, realizaram-se ou vão ainda realizar-se várias iniciativas, das quais destacamos: dias 23 e 24, apresentação de vídeos dos grupos rock Doors e Pink Floyd. Dia 25, conferência por Mário Vieira de Carvalho, professor de Ciências Musicais na Universidade Nova de Lisboa, com o tema «Liszt, O Artista e o Seu Tempo», pelas 21.30 horas. À mesma hora, no sábado 27, será a vez do Coro Polifónico de Almada. Dia 28, o grupo «Metais de Lisboa» actuará às 18.30h, e pelas 21.30h Elsa Saque e Nella Maïssa, encerrarão a «Semana».

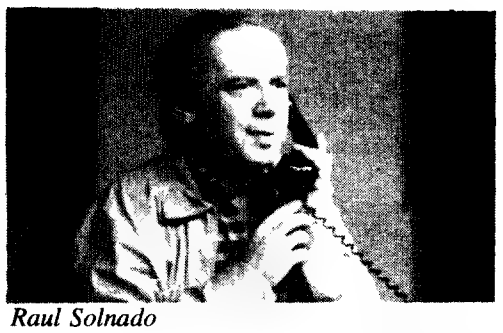
Está ainda prevista a exibição, durante este último fim-de-semana, de vídeos e filmes de ópera, música jazz e country.

Esta iniciativa iniciada no passado dia 18, inclui três exposições permanentes: «Instrumentos e Documentação Musicais» do Instituto Português do Património Cultural; «A Música, os Instrumentos e a Sociedade» da Junta Autónoma das Estradas e «Bach, Handle, Schutz» do Instituto Alemão.

Até ao momento realizaram-se já concertos com o Trio Capela (Violino, Viola e Violoncelo), que interpretou obras de Beethoven, Cláudio Carneyro e Erno Dohnanyi; e com Tania Achot, pianista detentora de vários prémios internacionais, que tocou, perante uma plateia interessada, peças de Chopin, Berg e Scriabine. A Banda do I.R.F. Almadense animou a noite de domingo, no Largo Gabriel Pedro.

A «Semana da Música» pretende ser um espaço de encontro e mútuo conhecimento entre a música, os músicos, os instrumentos e os habitantes de uma cidade, que se têm esforçado por criar os seus próprios espaços culturais e artísticos.

Concerto pelo Trio Capela



Raul Solnado

Nicolau Breyner

Herman José

Edipim e RTP assinam contrato

Três séries de humor e uma telenovela vão ser transmitidas proximamente pela RTP, cujos responsáveis assinaram há dias um contrato para esse efeito com a empresa produtora Edipim.

O contrato, a que apuseram assinaturas, pela RTP Brás Teixeira e Pinho Cardão, respectivamente vice-presidente e vogal do conselho de gerência, e pela Edipim os seus sócios Thilo Krassman e Vítor Mamede, prevê o começo da emissão daqueles programas em Outubro, com a continuação do «Eu Show Nico», de Nicolau Breyner.

Aos doze espectáculos que vão compor a série, a emitir semanalmente, seguir-se-ão outros tantos com idênticas características, mas da responsabilidade de Herman José, com o título genérico de «Humor de Perdição».

O terceiro programa cómico a produzir pela Edipim será da autoria de Raul Solnado, consistindo em 44 episódios que irão para o ar aproximadamente durante o mesmo período em que serão transmitidos os outros dois. Intitula-se «Uma Casa Portuguesa» e assinam-lhe o argumento, além do actor, Francisco Nicholson, Mário Zambujal, Fialho Gouveia e Nuno Teixeira.

Último elemento deste pacote de programas é a telenovela «Passerelle», de Rosa Lobato Faria e Ana Zanatti, cujos episódios serão transmitidos a partir de Outubro de 1988, durante cerca de um ano.

As gravações, de acordo com informações prestadas por Thilo Krassman, começam em Agosto nos estúdios Edipim da Abrunheira, perto de Sintra.

Na assinatura do contrato falou o director de programas da RTP, Carlos Pinto Coelho, para se congratular com o fortalecimento que este acordo pode representar para uma produtora portuguesa de programas televisivos, como a Edipim.

Nas palavras com que agradeceu este voto, Thilo Krassman aludiu ao elevado investimento em esforço e dinheiro necessários à sua empresa para satisfazer o compromisso agora assumido.

Sublinhou, porém, a satisfação com que, a uma distância de quatro anos, na Edipim, responsável pelas primeiras telenovelas portuguesas, se volta a trabalhar para a RTP.

EM PORTUGAL

	T. 6 h	Min.	Prec.	Às 13 h.
Bragança	17	16	0,0	P. nub.
V. Castelo	15	14	0,0	P. nub.
Vila Real	19	19	0,0	Limpo
Porto	15	15	0,0	Neblina
Coimbra	16	15	0,0	Neblina
C.Carvoeiro	16	16	0,0	Encob.
C. Branco	-	-	-	—
Portalegre	21	21	0,0	Neblina
Lisboa	18	17	0,0	Neblina
Évora	18	17	0,0	Neblina
Beja	19	18	0,0	P. nub.
Faro	18	17	0,0	Limpo
Sagres	17	17	0,0	Limpo
P. Delgada	16	15	0,0	M. nub.
Funchal	19	19	0,0	P. nub.

Temp. máx. prevista para hoje: Lisboa 29, Porto 29, Faro 27, Ponta Delgada 23, Funchal 24.

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

NA EUROPA

	T. 7 h	Min.	Às 13 h.
Madrid	19	18	Pouco nub.
Londres	12	11	Chuva
Paris	12	10	Nevoeiro
Bruxelas	10	8	Pouco nub.
Amesterdão	12	8	Muito nub.
Genebra	14	12	Pouco nub.
Roma	19	15	Neblina
Oslo	11	11	Aguaceiros
Copenhaga	11	7	Muito nub.
Estocolmo	12	10	Muito nub.
Berlim	13	12	Muito nub.
Viena	17	14	Muito nub.
Varsóvia	14	13	Chuva
Atenas	22	19	Limpo
Moscovo	19	14	Limpo

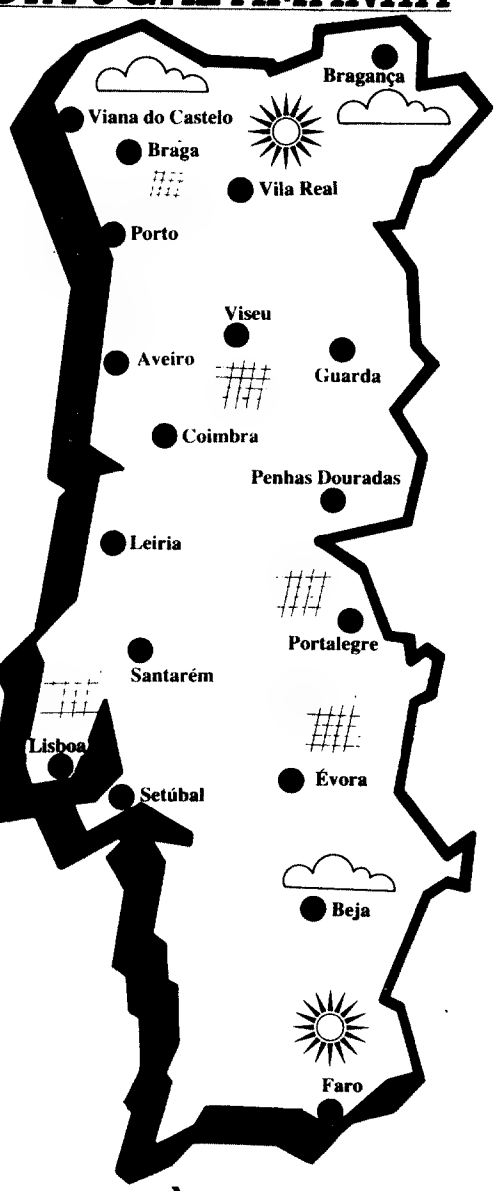
Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

NO MUNDO

	Min.	Máx.	Às 13 h.
Caracas	19	26	Chuva
Joanesburgo	2	16	Limpo
Los Angeles	17	27	Limpo
Montreal	17	28	Nublado
Nova Deli	29	40	Limpo
Nova Iorque	21	30	Nublado
R. de Janeiro	16	28	Nublado
S. Francisco	11	19	Nublado
São Paulo	15	-	-
Tóquio	19	28	Limpo

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

PORTUGAL AMANHÃ



EUROPA ÀS 6 HORAS

TEMPO

HOJE

No Continente:

Continuação do tempo quente, com céu pouco nublado ou limpo. Vento fraco, soprando moderado de noroeste no litoral oeste durante a tarde.

Estado do mar;

Costa Ocidental: Mar de pequena vaga ou cavado. Ondulação de noroeste de dois metros.

Costa Sul: Mar de pequena vaga ou cavado. Ondulação de sueste de dois a três metros no Sotavento e cerca de dois metros no Barlavento.

Nos Açores:

Céu geralmente muito nublado. Vento sudoeste moderado a fresco no Grupo Ocidental e geralmente fraco nos grupos Central e Oriental.

***Estado do mar:* Grupos Oriental e Central: Mar de pequena vaga. Ondulação de norte de um a dois metros. Grupo Ocidental: Mar de pequena vaga ou cavado. Ondulação oeste de dois metros.**

Na Madeira:

Períodos de céu muito nublado. Vento nordeste moderado. Soprando com rajadas.

***Estado do mar:* Mar cavado. Ondulação norte de dois a três metros na costa Norte e inferior a um metro na costa Sul.**

AMANHÃ

Céu pouco nublado ou limpo, apresentando-se temporariamente muito nublado nas regiões do interior onde há possibilidade de ocorrência de trovoadas. Vento fraco. Soprando moderado de noroeste em especial no litoral durante a tarde.

DEPOIS

Céu pouco nublado ou limpo. Vento fraco, soprando moderado de noroeste, no litoral oeste, durante a tarde.

MARÉS

Hoje

Praia-Mar		Baixa-Mar	
3.37	3.5 m	8.55	1,3 m
15.46	3,7 m	21.26	1,2 m

Amanhã

4.09	3,5 m	9.31	1,2 m
16.26	3,7 m	22.03	1,2 m

• Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica.

• *Informação da agência Lusa*

MUNICÍPIO DE ALMADA

IV FESTA DE TEATRO DE ALMADA

ALMADA VELHA

2 A 17 JULHO/87

PROGRAMA

Quinta 2, 22 h	**SOCORRO... SOU UMA MULHER DE SUCESSO** de Alloisio, Gaber e outros	**YO APOLLONI**	Lisboa
Sexta 3, 22 h	**CARLOTA CORDAY** de Peter Weiss, Shakespeare e outros	**TEATRO DEL NORTE**	Astúrias Espanha
Sábado 4, 22 h	**AUTO DA FLORIPES**	**FESTA DAS NEVES**	Viana do Castelo
Domingo 5, 16 h	**HUMILHADOS E OFENDIDOS** de Dostoievsky	**I ACTO (Autónomo)**	Lisboa
Domingo 5, 22 h	**OS POLÍCIAS** de Mrozec	**A BARRACA**	Lisboa
Segunda 6, 22 h	**O DIABINHO DA MÃO FURADA** atribuído a António José da Silva	**A BARRACA**	Lisboa
Terça 7, 22 h	**OLHARES DE PERFIL** de A. Guibert e Roberto Cordovani	**ARTE LIVRE**	S. Paulo Brasil
Quarta 8, 22 h	**OS EMIGRANTES** de Mrozec	**LE GLOBE**	Nantes França
Quinta 9, 22 h	**HISTÓRIAS DE HAKIM** de Norberto Ávila	**MARIONETAS DE LISBOA**	Lisboa
Sexta 10, 22 h	**TOREROS, MAJAS Y OTRAS ZARANDAJAS** Teatro da rua	**COLECTIVO MARGEN**	Astúrias Espanha
Sábado 11, 22 h	**UM CÁLICE DE PORTO** de Norberto Barroca, M. Dias e outros	**SEIVA TRUPE**	Porto
Domingo 12, 22 h	**ARTE DE MORRER** de Kazimierz Grochmalski	**TEATRO MAYA**	Poznan Polónia
Segunda 13, 22 h	**UM GIL DUPLO** de Gil Vicente	**TEAR**	Porto
Terça 14, 22 h	**MÁRIO GIN TÓNICO** de Mário Henrique Leiria	**TEP**	Porto
Quarta 15, 22 h	**3 PEÇAS EM 1 ACTO DOS SÉC. XVII, XIX e XX** de B. A. Coutinho e outros	**TEP**	Porto
Quinta 16, 22 h	**ROQUE À PRESIDÊNCIA** de Rui Costa Lopes	**TEATRO DA NOVA**	Lisboa
Sexta 17, 22 h	**AFONSO VI** de Fonseca Lobo	**COMPANHIA DE TEATRO DE ALMADA**	Almada

As Representações têm lugar no PALCO DA BOCA DO VENTO (R. Registo Civil), INCRÍVEL ALMADENSE e TEATRO DA ACADEMIA

ANIMAÇÃO

Magia Cluse-up • Canto Lírico • João e André (Música Instrumental) • TAS (Conversa Poética) • Fernando Couceiro (Guitarra Clássica) •CRAMOL (Canto Tradicional) • Marionetas S. Pedro do Corval • Grupo Coral dos Corticeiros de Cuba • Sossad (Música de Cabo Verde) • Teatro Estúdio de Lisboa •Grupo Teatro da C. C. Alverca •André Maia (Mímica) •Kiki Lima (Música de Cabo Verde)

EXPOSIÇÕES

JEDRZEJ STEPAK — Posters de Teatro da Polónia — J. Freguesia de Almada
ESTÊVÃO SOARES — Teatro da Academia Almadense
JOVENS DE ALMADA — Pintura — Bar Copázio

DIGRESSÃO DAS COMPANHIAS ESTRANGEIRAS QUE SE DESLOCAM A PORTUGAL A CONVITE DA IV FESTA
TEATRO MAYA — dia 4 — Torre da Marinha, Seixal / dia 5 — Moura / dia 9 — Vila Real Santo António
COLECTIVO MARGEN — dia 11 — Seixal
LE GLOBE — dia 5 — Torre da Marinha, Seixal / dia 10 — Festival de Teatro de Setúbal

ORGANIZAÇÃO: CÂMARA MUNICIPAL DE ALMADA

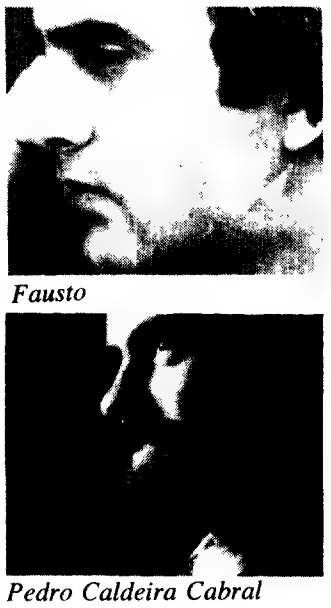
COMPANHIA DE TEATRO DE ALMADA-GRUPO DE CAMPOLIDE

APOIOS: SEC — FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN — JUNTAS DE FREGUESIA DE ALMADA, CACILHAS, COVA DA PIEDADE E LARANJEIRO — RÁDIO COMERCIAL — «DIÁRIO DE LISBOA» — COSTA AZUL / REGIÃO DE TURISMO DE SETÚBAL

António Pinho Vargas

Trovante

Rui Veloso



Fausto

Pedro Caldeira Cabral

Rão Kyao

Sexta, sábado e domingo em Sintra

FESTIVAL DE JUVENTUDE COM BOA MÚSICA PORTUGUESA

O Festival de Juventude de Sintra, promovido pela Câmara Municipal desta vila, decorrerá no campo do União Sintrense (Portela de Sintra) nas noites de sexta-feira, sábado e domingo próximos.

Com início sempre às 21.30, o Festival de Juventude de Sintra conta com a participação dos Trovante e Rui Veloso (dia 26), Fausto e Sexteto António Pinho Vargas (dia 27) e Pedro Caldeira Cabral e Rão Kyao (dia 28).

Com uma lotação de dez mil pessoas e ao preço único (e praticamente simbólico de 150 escudos), a organização conta com a máxima adesão dos jovens (do concelho e não só), como aliás aconteceu no passado ano.

Se atendermos à real categoria dos artistas participantes, não custa a prever que se registem três enchentes.

GRUPO TEATRO HOJE • TEATRO DA GRAÇA / VOZ DO OPERÁRIO

o país do dragão

TENNESSEE WILLIAMS

MARCAÇÕES PELO TELEFONE 87 56 26

«... Excelente espectáculo. A merecer muito público»
Fernando Midões — «Diário Popular»

3.º MÊS E ÚLTIMO

DE 3.ª A SÁBADO, ÀS 21 H — DOMINGO, SÓ ÀS 16 H

7.º JUÍZO CORRECCIONAL DE LISBOA
Anúncio

Proc.º n.º 1/87 — 1.ª Secção

Faz-se saber que no processo correccional n.º 1/87, da 1.ª Secção deste Juízo, que o M.ºP.º instaurou contra MANUEL MARQUES DOS SANTOS, casado, motorista, residente em Rua Passos Manuel n.º 98 – 3.º Esq. em Lisboa, HEITOR FERNANDES RIBEIRO, solteiro, industrial de panificação, residente em Rua Diogo Cão lote 743/A–r/ch. Frt. Brandoa e **PUCEL–Padarias Unidas do Centro de Lisboa, Ld.ª** com sede na Rua de S. Lázaro n.º 157 em Lisboa, por sentença de 4-6-87, como autores do crime contra a genuinidade de géneros alimentícios prev. e pun. pelo art.º 24-1 al.c) do Dec-Lei 28/84 de 20-1, foram o réu Manuel condenado em 60 dias de prisão substituída por igual tempo de multa a 200$00, em 52 dias de multa a igual taxa e, em alternativa, 74 dias de prisão; e o réu Heitor em 90 dias de prisão substituídos por igual tempo de multa a 200$00 e em 60 dias de multa a igual taxa e, em alternativa, em 100 dias de prisão; e a Pucel, por ser responsável por força do art.º 3-1 e art.º 7-4 do mesmo diploma foi condenada em 15 dias de multa a 1000$00.

Lisboa, 16 de Junho de 1987
O Juiz de Direito,
(assinatura ilegível)
Pel'O Escrivão de Direito
Beatriz Jorge

«D.L.» 25/6/1987

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA

ANÚNCIO

O Dr. Manuel Joaquim Osório Juiz do Terceiro Juízo do Tribunal do Trabalho de Lisboa;

Faz saber que pelo Terceiro Juízo Segunda Secção do Tribunal do Trabalho de Lisboa, correm seus termos uns autos de execução de sentença registados sob o n.º 36-B/85-Ex., em que é exequente Mário Ferreira Coelho da Silva, residente na Rua da Esperança n.º 146-Porta 25 — Lisboa e Executada Domingos P. Reis, Ld.ª, com sede na Rua da Madalena n.º 132-3.º, em Lisboa, e neles correm éditos de vinte dias, citando os credores desconhecidos para, no prazo de dez dias, findo o dos éditos, ou a contar da segunda e última publicação do respectivo anúncio, deduzirem os seus direitos, nos termos do artigo 864 e seguintes do Código de Processo Civil.

Lisboa, 16 de Junho de 1987

O Juiz de Direito,
Dr. Manuel Joaquim Osório
O Escrivão Adjunto
Amarelo

«D.L.» 25/6/87-1.ª Pub.

PRECISA-SE

EMPREGADAS, para Pub/Boite – próximo da praia – ordenado 2000$00 + comissões + alojamento – pagamento diário, em Torres Vedras.

Responder das 15 às 18 h para **Pç. da Alegria, 48-2.º ou pelo telef. 36 36 11**

AMSTRAD PC 1512

AGORA COM TRATAMENTO DE TEXTO EM PORTUGUÊS, MANUAL, TECLADO E VASTA GAMA DE SOFTWARE

10 × $00

Cominfor

Agentes oficiais:

CASA VIOLA

LISBOA — R. da Assunção, 67 — Telef. 32 46 47 • BRAGA — Av. Central, 87 — Telef. 72 798 • SÃO JOÃO DO ESTORIL — Av. Florinda Leal, Lt. 1-A — Telef. 267 07 33 • VISEU — R. Direita, 77 — Telef. 276 64 PORTIMÃO — R. D. Carlos I — Telef. 8 36 53

DIÁRIO COM PRAÇA DE TOUROS AO FUNDO

Soliloquio

22 de Maio, sexta-feira

Praça de Touros de Madrid. Touros de Manolo Gonzalez e Sanchez Dalp para Antoñete, Manzanares e Ortega Cano.

Encontrei hoje, à saída da praça, Don Hilarion. Vinha abatido, os olhos tristes, húmidos, de boi doente e velho. Contou-me que nunca mais tinha voltado aos touros desde a última vez que nos vimos, na tarde em que se despediu Antoñete, que ele chama simplesmente o maestro, lembrando o tal dia do ano 66, da faena ao touro de Osborne, de nome «Atrevido», número 56, berrendo, alunarado, capirote, Don Hilarion repete sempre os dados todos do animal, nunca usa a designação de touro branco, como diz o vulgo e para a história ficou. Don Hilarion viu partir Antoñete, ainda não fez dois anos, naquele dia que logo ia começar mal, quando o canário azul lhe fugiu da gaiola, nunca mais ninguém o viu; e pior ia acabar, soltaram ao maestro aqueles touros de refugo, impróprios para a glória sonhada da despedida, Don Hilarion nem teve ânimos para acompanhar até ao fim o cortejo que apesar do malogro levava Chenel em ombros pela porta grande, para consolo das lágrimas que chorava, da pena mais o desespero. E contudo Don Hilarion não achou bem, quando soube que o maestro decidira voltar às arenas. Compreendia as razões, a aficion impaciente, o vazio existencial, o não saber fazer mais nada, por último, talvez primeiro, a precisão do dinheiro. Não achou bem, mas não resistiu à tentação, foi por-se na bicha da Calle Vitória, para sacar uma entrada para a corrida da reaparição do maestro em Madrid. Com muito receio, Don Hilarion sabe pela experiência dos seus próprios achaques que a idade não perdoa, difícil retomar aos 55 anos a lição interrompida, lera nos jornais o fracasso de Antoñete na feira de Sevilha, em Abril. Mas levava, confessa-me, uma pontinha de esperança, Madrid sempre foi a praça dilecta do maestro, a esperança é a última coisa que se perde, mesmo quando já estamos com os pés para a cova, e além disso os touros desta vez não seriam os tais moruchos da tarde aziaga da despedida, mas sim os de Manolo Gonzalez e família, que todas as figuras reclamam. Don Hilarion (não lhe disse, mas pensei), madrileno dos antigos, e não sabe que os touros comerciais, que chegam ao Santo Isidro quando o cartaz é de figuras, brandos, descastados, de forças justas ou nem isso, ou não os tolera o público de Madrid, ou não dá importância ao que com eles façam os toureiros; falta emoção mesmo quando eles querem pôr arte. E desta vez nem isso, Manzanares entre o desejoso e o pesado, Ortega Cano entre o desconfiado e o abulico, o que para Don Hilarion seria o menos, o pior foi ter visto o maestro sem forças nem inspiração, como se os anos lhe pesassem também no ânimo, lhe faltasse o ar, e sem ar nada feito, Don Hilarion entende que o toureio é uma arte que precisa de ser respirada do fundo, tem de vir mesmo do peito. Quis animá-lo, lembrei-lhe que António Chenel ainda vair ter neste Santo Isidro outra corrida, e mais outra fora do abono, talvez haja sorte. «Talvez...», respondeu-me. Mas percebi que as minhas palavras não mitigavam o desconsolo de Don Hilarion, nem o medo que sentia de que os assobios, ainda meio respeitosos, que hoje despediram o maestro, se venham a tornar vendaval, varrendo implacável os ecos de um passado tão próximo, e já tão distante pareceu esta tarde.

23 de Maio, sábado

Praça de Touros de Madrid. Touros de Baltazar Iban, para Luís Francisco Esplá, Vítor Mendes e El Soro.

Chovera toda a manhã, e não era chuva de molha parvos. O público que enchia a praça (mais uma vez o cartaz de «No hay billetes»), olhava meio céptico, lá em cima as nuvens do céu, lá em baixo os areneiros cobrindo esforçados as poças de água, os toureiros provando duvidosos, com as sapatilhas, a firmeza da terra. Desejava-se como sempre que houvesse corrida; mas ninguém pensava que iria ser assim, para recordar. Por Vítor Mendes, naturalmente. Mas não só pelo matador português, também pelos que assistimos ao desusado calor do seu triunfo memorável, numa tarde em que esteve presente, inconfundível e autêntica a emoção da Festa. Porque houve touros, com presença, e casta, e poder, e agilidade para se moverem despertos em busca daquilo que não sabiam ser engano, mas em qualquer momento podiam aprendê-lo. Um curro de respeito, que obrigou a corrida dos bandarilheiros a ser de toureiros, e pôs a divisa de Baltazar Iban entre as primeiras, nesta era de tantos touros descastados e brandos, em que bem precisas são tardes assim, tardes das que «fazem aficion», como dizia à saida um maestro sevilhano chamado Manolo Vasquez.

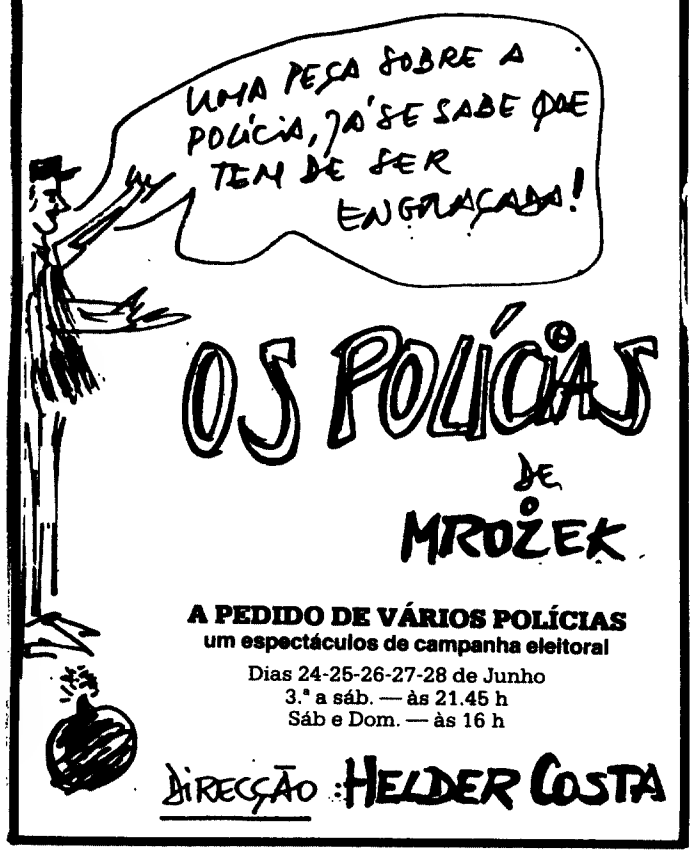
É que além dos touros houve toureiros, três matadores que cedo ficaram reduzidos a dois, quando aconteceu o momento dramático da colhida de El Soro. O valenciano ajoelhara-se, para receber o seu primeiro, diante do portão fechado dos curros. O velho torilero, rugas na face e no traje azul e negro, estava na frente, a dois passos do toureiro ajoelhado, que com o corajoso olhar lhe dizia que sim, que podia abrir o portão, pôr fim ao suplício daqueles instantes. E o touro saiu, os fios da baba perdidos entre a poeira do galope. Não foi lesto bastante o levantar vôo do capote, não seguiram as hastes o esvoaçar do percal, com o peito de Vicente Ruiz se encontraram, só por milagre o não trespassaram, por milagre que os emocionados espectadores desconheciam, ao verem as assistências correndo para a enfermaria, levando o corpo ferido do toureiro, o apagado corajoso impulso.

À arena não pôde voltar El Soro, deixou a corrida transformada num mano-a-mano, em que iria poder mais a vibração da valentia de Mendes do que a variada toreria de Esplá: variada a começar no trajo, não sei a que livro antigo terá ido buscar a ideia das meias brancas; por mim prefiro as rosadas, mas gostos não se discutem; e o de Alicante não foi pelas meias que deixou de estar toureiro, juntando à técnica habilidosa uma imaginação lidadora e criativa, detalhes e arabescos que tomam muitas vezes o lugar da profundidade, mas têm sabor e beleza, disfarçam o risco.

Mas nesta tarde de Madrid, era Vítor Mendes quem vinha disposto a reinar. E não só nas bandarilhas. Aí também, é claro, como logo se viu no segundo da tarde. Bandarilhavam juntos os ainda três matadores; e cravou El Soro um quarteio apressado; e luziu-se Esplá com um par por dentro, tão apertado que pôs a praça num alvoroço. Mas ali estava a resposta do português; de frente e em curto citou, as costas nas tábuas, do estribo arrancou para o par soberbo, levantando os braços e as gentes, quando parecia apagado o clamor de novo se levantou, já sozinho teve de agradecer de novo o de Vila Franca, sozinho porque aquilo tinha sido outra coisa. E foi assim, em todo o resto da tarde, o reinado de Vítor Mendes na praça primeira do mundo, rendida sem reservas, no delíro das ovações, das prendas que voavam, chapéus, bengalas, charutos, botas de vinho, casacos, até um coelho com lenço verde ao pescoço, sinal de que vinha lá de cima, do entusiasmo da peña de Villarejo de Salvanés, orgulhosa de ver assim o seu toureiro, transmitindo à praça inteira uma emoção imediata e vibrante, tão rara de acontecer, e que com Vítor Mendes estava acontecendo.

Vítor Mendes, o português, ele mesmo. Superior no capote: adiantando a perna no esculpir das verónicas, cingidíssimo nas chicuelinas, variado nos remates, espectacular na precisão do colocar os touros na sorte de varas. Com as bandarilhas: apenas a confirmação de ser hoje o número um. Com a muleta, profundo e templado, ligando e rematando os passes sem deixar que os touros aprendessem, num trasteio apaixonado, ali, no centro da arena, longe do amparo das tábuas que a casta poderosa dos touros a outros pediria. E com a espada, entregando-se na suprema sorte, em estoconazos onde o coração empurrava o braço, só menos certeiro no quarto da tarde, em que pelo aço perdeu as orelhas: já uma tinha cortado no segundo, e duas tiveram de lhe dar no que fechou praça, que Vítor brindou à mãe do rei, que entre a geral ovação se levantou na sua cadeira de rodas para agradecer o gesto, a aficion de Dona Maria de las Mercedes talvez tenha pressentido que em glória ia acabar a tarde colossal desse português, vestido de verde e ouro, que em ombros saía pela porta grande; três touros de verdade matara, das três batalhas vencedor, e de quantas mais acontecessem nesta tarde apaixonante, que já para sempre era sua.

A BARRACA
R. ALEXANDRE HERCULANO, 70 — LISBOA
RESERVAS: 686300



OS POLÍCIAS
DE
MROŽEK

A PEDIDO DE VÁRIOS POLÍCIAS
um espectáculos de campanha eleitoral
Dias 24-25-26-27-28 de Junho
3.ª a sáb. — às 21.45 h
Sáb e Dom. — às 16 h
DIRECÇÃO: HELDER COSTA

novo grupo apresenta
CICLO DE PEÇAS INÉDITAS PORTUGUESAS
A SEGUNDA VIDA DE FRANCISCO DE ASSIS
De José Saramago
Encenação e Cenário: Norberto Barroca
Figurinos: José Costa Reis
Música: Paulino Garcia

Interpretação
Adriano Luz
Amílcar Botica
Argentina Rocha
Francisco Pestana
Isabel Ribas
João Baião
Jorge Gonçalves
José Gomes
José Pedro Gomes
Laura Soveral
Melim Teixeira
Miguel Martins
Teresa Sobral

APOIO DIÁRIO DE LISBOA
Quintas • Sextas e Sábados às 21.30
Domingos - Matinée às 16 h
TEATRO ABERTO
APOIOS: ALPHA ET OMEGA/T.I.E.-DATA GENERAL-DESCONTA-BANK XEROX
COMPANHIA SUBSIDIADA PELA SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

COMUNA - TEATRO DE PESQUISA
NO ESPAÇO DO CAFE-TEATRO * UM NOVO EXITO
FARSA VOCE MESMO!
NOVO HORÁRIO: SEXTAS e SABADOS ÀS 23 h.
CURTA SÉRIE DE ESPECTÁCULOS / ATÉ FIM DE JULHO
PR. ESPANHA
CURSO DE FORMAÇÃO DE ACTORES E ANIMADORES CULTURAIS DA COMUNA
SUBSIDIADO P/F.S.E.
EXERCÍCIO DE APRESENTAÇÃO PÚBLICA — 2.º ANO
"O DESPERTAR DA PRIMAVERA" FRANK WEDEKIND
4.ª-FEIRA — 19.00 H
5.ª-FEIRA — 19.00 H
6.ª-FEIRA — 19.00 H

VENDE-SE
Casa murada para habitação, de 5 assoalhadas, cozinha, casa de banho, cave e garagem. Terreno com árvores de fruto e vinha de 2300 m².
Situa-se em Martim Joanes, Cadaval, (56 km de Lisboa).
Trata o próprio no local ou através dos Telefs.: 89 77 44 / 76 49 47.

CINEMAS

Alfas Triplex
— T. 806496

Alfa 1
CAMINHO DE FOGO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Alfa 2
DUAS VEZES NUMA VIDA
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 3
BLUE VELVET — VELUDO AZUL
(maiores 16 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 4
FILHOS DE UM DEUS MENOR
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Alfa Club
T. 763319

SALVADOR
(maiores 16 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Shopping Center de Lisboa

Anexo 1
BLUE VELVET — VELUDO AZUL
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

QUARTO COM VISTA SOBRE A CIDADE
(maiores 12 anos)
14.15, 16,45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

SALVADOR
(maiores 16 anos)
13.45, 16.15, 18.45, 21.30 e 24.00 h

EM DEFESA DA NAÇÃO
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

DUAS VEZES NUMA VIDA (maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

CAMINHO DE FOGO
(maiores 12 anos)
13.45, 16.15, 18.45, 21.30 e 24.00 h

Apolo 70

A CHAVE DO CIÚME
(maiores 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Avila
— T. 539930

STAND BY ME — CONTA COMIGO
(maiores 12 anos)
15.00, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Avis
— T. 547163

FELÍCIA
Porno
(maiores 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Berna
— T. 776098

AS MINAS DE SALOMÃO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

UMA CENA DO FILME BRASILEIRO «ÓPERA DO MALANDRO» — PRÉMIO DE REALIZAÇÃO DO FESTIVAL DO RIO DE JANEIRO. LETRA E MÚSICA DE CHICO BUARQUE. INTERPRETAÇÃO DOS MAIS DESTACADOS ARTISTAS DA CANÇÃO, DA MÚSICA E DA TELENOVELA BRASILEIRA. EM EXIBIÇÃO NO ESTÚDIO 444 E QUARTETO.

Capitólio
— T. 372358

ELES, ELAS E O SEXO
(Int. m. 18 anos)
15.15, 17.30, 19.00, 21.00 e 23.00 h

Castil
T. 530194

A ÚLTIMA VISITA
(maiores 18 anos)
15.30, 18.30, e 21.30 h

Cinebolso

A INSACIÁVEL
(Porno)
(Int. m. 18 anos)
14.30, 16.45, 19, 21,30 e 23.30 h

Cine Camões
T. 324194

A RAIVA DO HERÓI
(maiores 18 anos)
14.15, 16.30 e 21.30 h

Cine 222
— T. 579460

SOLTEIROS E TARADOS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
CIDADE ARDENTE
(maiores 18 anos)
24.00 h

Cine Portela
— T. 2524761

Estúdio Amoreiras

PLATOON — OS BRAVOS DO PELOTÃO
(maiores 12 anos)
16 e 21.45 h

Estúdio Sheza

ENTRE O AMOR E O MEDO
(maiores 16 anos)
15.30 e 21.30 h

City Cine
— T. 549999

JUSTIÇA IMPLACÁVEL
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Condes
— T. 322523

PROCURA-SE MORTO OU VIVO
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Eden
— T. 320768

CAMINHO DE FOGO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estudio
— T. 555134

NOVE SEMANAS E MEIA
(maiores 18 anos)
14.30, 17.00, 19.30 e 21.30 h

Estudio ACS
— T. 887255

OS AMIGOS DE ALEX
(maiores 16 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estudio 444
— T. 768078

A ÓPERA DO MALANDRO
(maiores 16 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Fonte Nova
— T. 7145109

Sala 1
CROCODILO DUNDEE
(maiores 6 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

Sala 2
SÓ SE PERDE UMA VEZ
(maiores 12 anos)
14.45, 17, 19.15 e 21.45 h

Sala 3
VELUDO AZUL
(maiores 16 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Gemini
— T. 734009

CAMINHO DE FOGO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Hollywood
— T. 806847

Sala 1
ENCERRADO PARA REMODELAÇÃO

Sala 2
ENCERRADO PARA REMODELAÇÃO

Imperio
— T. 555134

A TURMA DOS CHANFRADOS
(maiores 16 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Las Vegas
— T. 631162

Sala 1
PROCURA-SE MORTO OU VIVO
(maiores 16 anos)
16.15, 18.45 e 21.30 h

Sala 2
UMA MULHER DOS DIABOS
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.45 h

Londres
— T. 801313

UMA MULHER DOS DIABOS
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Mundial
— T. 538743

Sala 1
A CHAVE DO CIÚME
(maiores 18 anos)
13.45, 16.15, 18.45 e 21.30 h

Sala 2
BLUE VELVET — VELUDO AZUL
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.15 h

Sala 3
SALVADOR
(maiores 16 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

Nimas
— T. 574362

AMADEUS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Odeon
— T. 326283

AS MOTOS DA MORTE
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Olympia
T. 325309

PRAZERES INDECENTES
A partir das 14 horas
Sessões contínuas
(Int. men. 18 anos)

Pathe
— 821933

O SOL DA MEIA-NOITE
(maiores 12 anos)
14, 16,30 e 21.30 h

Politeama
T. 326305

CONVENTO DO PECADO
(maiores 18 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Quarteto
T. 771378

Sala 1
A ÓPERA DO MALANDRO
(n/acons. m. 16 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
O TOURO ENRAIVECIDO
(maiores 16 anos)
23,30 h

Sala 2
A GUERRA DAS ESTRELAS
(maiores 13 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
AMOR É MÚSICA
(maiores 16 anos)
23.45 h

Sala 3
A FLOR DO DESERTO
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
A LUZ DA PAIXÃO
(maiores 16 anos)
23.45 h

Sala 4
SALVADOR
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
AS FORÇAS DO UNIVERSO
(maiores 16 anos)
23.45 h

Roma
T. 889192

CAMINHO DE FOGO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Roxy
T. 548560

SAIAS PARA CIMA... A TROPA ESTÁ EM BAIXO
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

S. Jorge
T. 579144

Sala 1
DUAS VEZES NUMA VIDA
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Sala 2
CROCODILO DUNDEE
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.15 h

Sala 3
FILHOS DE UM DEUS MENOR
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

7.ª Arte
— T. 730715

SHINNING
(n/acons. m. 18 anos)
14.45, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Star
— T. 804210

A ÚLTIMA VISITA
(maiores 18 anos)
15, 18.15 e 21.30 h

Terminal
— T. 371573

A FLOR DO DESERTO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19, 21.30 e 23.45 h

Tivoli
— T. 570595

BLUE VELVET — VELUDO AZUL
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Turim
T. 706666

A MISSÃO
(maiores 12 anos)
15.00, 17.30 e 21.30 h

Voxmania
— T. 880808

Encerrado

Xenon
T. 368480

INFERNO EM DIRECTO
(maiores 16 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Zodíaco
— T. 570151

Exibição permanente de filmes indianos
(m. 13 anos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cineteatro — «Alarme Mortal», às 21.30 h (maiores 12 anos)

AMADORA — Cinestúdio — «Salvador», às 15.30 e 21.30 h (maiores 16 anos)

AMADORA — Babilónia — «O Sempre Polícia», às 15.15, 18.15 e 21.30 h (maiores 12 anos)

ALGUEIRÃO — Cine Teatro Chaby — «A Selva de Jade», às 21.30 h (maiores 16 anos)

CACÉM — Cinestúdio Flores — «Perigosamente Juntos», às 15.00 e 21.30 h (maiores 12 anos)

MEM MARTINS — Estúdio Dois Eme — «Perigosamente Juntos», às 21.30 h (maiores 12 anos).

ODIVELAS — Cineodivel — «O Massacre», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos).

Linha de Cascais

ESTORIL — Casino Estoril — «A Lei de Murphy», às 18.15 e 21.15 h (maiores 16 anos)

ALGÉS — Cinema 2000 — «Kalidor — A Lenda do Talismã», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos).
anos).

LINDA-A-VELHA — Cinetropical — «Amigo Mortal», 15.30 e 21.30 h (maiores 16 anos)

OEIRAS — Alto da Barra — Sala 1 — «O Lutador», às 15.15, 18.45 e 21.30 h (maiores 12 anos)

Sala 2 — «Balada da Praia dos C LOS — Atlântida Cine — «Regresso à Escola», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

CASCAIS — Miramar — Sala 1 — «A Manhã Seguinte», às 15.15, 18.45 e 21.30 h (maiores 12 anos)

Sala 2 — «Uma Mulher dos Diabos», às 15.30, 18.45 e 21.30 (maiores 6 anos)

Outra Banda

ALMADA — Academia — «O Soldado Azul», às 15.30 e 21.30 h (n/acons. m. 18 anos)

ALMADA — Cinestúdio — «A Loginha dos Horrores», às 15.30, 18.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

ALMADA — Incrível Almadense — «Comandos em Fúria», às 15.30 e 21.30 h (maiores 16 anos)

COVA DA PIEDADE — Clube Piedense — «O Campo do Inferno», às 15.30 e 21.30 h (maiores 16 anos)

COSTA DE CAPARICA — Oceano — Sala 1 — «Salvador», às 15.45 e 21.30 h (maiores 12 anos)

Sala 2 — «8 milhões de Maneiras para Morrer», às 16.15 e 21.45 h (maiores 12 anos)

BARREIRO — Cinestúdio Barreirense — «Invasão EUA», às 15.00 e 21.15 (maiores 18 anos)

IVAN LINS NO ESTORIL

Depois das galas realizadas com Fafá de Belém, Alcione e Caetano Veloso, o Casino Estoril apresenta esta noite um grande espectáculo com Ivan Lins, em antestreia da série de concertos que este artista brasileiro, hoje considerado o génio da canção e do «music-hall» do seu país, vem fazer a Portugal.

Tendo começado a compor por volta de 1967, é autor de canções como «O Amor é o Meu País» e «Madalena», que foi um dos grandes êxitos de vendas na voz de Elis Regina. Contratado pela Philips, atravessou um período de grande sucesso nos anos de 70 e 71, reaparecendo com renovada força a partir de 1974 em parceria com o paulista Victor Martins.

A partir de 1980 penetrou no mercado norte-americano e internacional através da editora de Quincy Jones, que tem divulgado os seus mais conhecidos êxitos: «Começar de Novo», «Dona Palmeira», «Visita», «Velas» e «Deborah». Interpretando as suas próprias canções, actuou em 18 estados americanos.

No ano passado Ivan Lins voltou de novo para a Polygram, gravando no final do ano um LP especial para a TV americana, que viria a ser editado pela produtora da série «Dallas» e que teve a colaboração de grandes intérpretes da música americana.

O último grande êxito de Ivan Lins foi o LP «Mãos», apresentado no Scala, no Rio de Janeiro, com um «show» que tem o mesmo nome e que o artista agora vem apresentar à Europa numa «tournée» que começa por Portugal, precisamente com esta antestreia a realizar no renovado Salão de Espectáculos do Casino Estoril.

BOTEIRO CULTURAL

DISCOS

CARLOS DO CARMO: Apesar de por muitos ter sido injustamente pouco divulgado ou mesmo quase ignorado, o LP «Mais do que amor é amar», de Carlos do Carmo, acaba de ser certificado como Disco de Prata, por vendas superiores a 10 000 unidades. Pela importância, beleza e rigor da obra em causa, este será talvez um dos mais merecidos prémios que a um disco português terá sido atribuído. E é este o momento exacto para o redescobrirmos. «Mais do que amor é amar» — um disco grande, muito grande.

EXPOSIÇÕES

GALERIA DE ARTE DO CASINO ESTORIL: aguarelas de Paulo Ossião, exposição patente diariamente das 15 às 24.
PÁTEO ALFACINHA: pintura de Louro Artur até 8 de Julho,das 15 às 22.
GALERIA A MONUMENTAL (Campo dos Mártires da Pátria, 101): fotografias de Álvaro Rosendo até 14 de Julho, todos os dias excepto segundas-feiras, das 15 às 20.
INTER-ATRIUM (Av. da Boavista — Porto): pintura de Maria C. de Abreu até 5 de Julho, de segunda a sábado das 10.30 às 19.45 e das 21 às 23, domingos das 14.30 às 20.
MUSEU DE SETÚBAL/CONVENTO DE JESUS: exposição «Os Rosado Pinto na Vida Cultural Setubalense», incluída num ciclo de homenagem organizado pela Câmara Municipal de Setúbal.
GALERIA DE S. BENTO (R. do Machadinho, 1): Pintura de João Ribeiro até 15 de Julho, de terça a sábado das 11 às 20, segundas das 15 às 20.
GULBENKIAN (Galeria de Exposições Temporárias): Fotografias da artista americana Lucille Khornak.
COOPERATIVA ÁRVORE (R. Azevedo de Albuquerque, 1 - Porto): exposições de Pintura : de Rui Aguiar, com o título «Fragmentos de Paisagem à Beira-Mar» e de João Fernando Gonçalves, «Inundação». Patentes até 30 de Junho.
MONUMENTO DAS DESCOBERTAS: exposição com pinturas de António Marques-«Estátuas de Lisboa» e «Paisagem de um Povo» de Fátima Melo.
MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA: exposição «Desenhos dos Galli Bibiena — Arquitectura e Cenografia», patente até Outubro.
MUSEU TAVARES PROENCA JUNIOR (Castelo Branco): Pintura de Ana Maria Botelho, Helena san-Payo, Ribeiro Farinha e Rogério Amaral.
CENTRO CULTURAL DE SANTARÉM: escultura do ceramista Rui Santos até 4 de Julho, nos dias úteis das 15 às 19 e das 21 às 22, sábados e domingos das 15 às 19.
CETÁRIA-galerias de arte (Setúbal): aguarelas de Maria Gabriela Mota até 6 de Agosto, de segunda a sexta das 9 às 12 e das 14 às 18.
GALERIA NASONI (Porto): esculturas de Clara Menéres, até 5 de Julho, de terça a sexta das 10 às 12,30 e das 15,30 às 19,30, sábados e domingos das 15,30 às 19,30.
ATELIER 15 (R. Freitas Gazul, 24-D): «Referências», uma exposição de gravuras de Américo Silva.
GALERIA DA VOZ DO OPERÁRIO: inauguração desta galeria com uma colectiva de Artes Plásticas com trabalhos de Eduardo Santos Neves, Eduardo Teixeira, Fátima, Cruz Neves, Gil Teixeira Lopes, Helena Súbtil, Henrique Ruivo, José Mouga, Lima de Carvalho, Maria João Franco, Matilde Marçal, Miguel Mira, Nelson Dias, Rocha de Sousa, Rogério Ribeiro, Teresa Magalhães e Virgílio Domingues. Patente até 18 de Julho, dias úteis das 14 às 20,30, sábados das 15 às 19.
GALERIA DE ARTE FONTENOVA (Centro Comercial na Est. de Benfica): exposição de Pintura de Helena Justino - guaches e aguarelas sobe o tema «A Mulher e o Poder» e de José Bello - aguarelas sobre Lisboa.
GALERIA PAULINO FERREIRA (R. Nova da Trindade, 18-B): pintura de Serrão de Faria até 30 de Junho, de segunda a sexta das 9 às 12,30 e das 14,30 às 19.
PALÁCIO DOS CORUCHEUS (R. Alberto de Oliveira, Alvalade): exposição de quadros a óleo sobre fórmica do artista belga Paul Mathieu. Até 30 de Junho, de segunda a sábado das 15 às 19.
GALERIA DO HOTEL ALBATROZ (Cascais): pintura e escultura de José Conceição, patente ao público das 15 às 23.
GALERIA ESPIRAL (Centro Comercial das Palmeiras, Oeiras): para inauguração desta galeria de arte, depois da exposição com obras de Manuela Pinheiro, Victor Belém, Martins Correia, José Cândido, Laranjeira Santos, João Duarte, João Vieira, Dorita Castel-Branco e Isabel Laginhas, está agora patente uma mostra de desenho e pintura da autoria de Isabel Bomba. que pode ser visitada entre as 9 e as 18.30.
GALERIA CONVES (Praia de Quiaios): pintura de Zé Penicheiro «Encontro com a Paisagem».
PALÁCIO POMBAL (R. do Alecrim, 70): exposição de projectos de design industrial.
PAVILHÃO COMUNITÁRIO DE OEIRAS: mostra de artesanato promovida pela Câmara Municipal de Oeiras.
GALERIA 111 (Campo Grande, 113-A): fotografia de Sérgio Eloy, Luís Vasconcelos e Alfredo Cunha.
GALERIA ESPAÇO 2062 DO AMOREIRAS (Loja 2102-2º piso): «Salão de Pintura de Lisboa» até 6 de Julho das 13 às 23, com trabalhos de Stuart, Alves de Sá, Alberto de Sousa,
Armindo Teixeira Lopes, Ema Brandão, Calmels (escultor francês), Tom, Tomás Taveira, Soares Branco, Real Bordallo, Rogério Amaral, Molina, Álvaro Perdigão, Carlos Resende, Luís Ralha, José Ribeiro, António Trindade, Bravo da Matta, Caldeira Martins, Edmundo Cruz, Manuel Vieira, Luís Lobato e Maria Adelaide Ferreira.
ARTEFACTO 3 (Tv. Água da Flor, 37): exposição de joias de Vítor Pomar, desde 11 de Junho, de segunda a sexta das 15 às 20.
GULBENKIAN (exposições temporárias): exposição «Obras Primas da Pintura Russa».
GULBENKIAN (Centro de Arte Moderna): exposição de colagens de Alberto de Lacerda.
ENTRE TELAS-galeria bar (R. da Imprensa Nacional, 34): pintura de Cabral Duarte.
SNBA (R. Barata Salgueiro, 36): retrospectiva do pintor Arnaldo Figueiredo.
GALERIA DE S. FRANCISCO (R. Ivens, 40): «A Bicicleta e o Homem», uma exposição de Guima até final do mês.
MERCADO DE ESCRAVOS (Lagos): aguarelas de Daniel Vidas até 30 de Junho.
ATRIUM DA IMPRENSA (R. da Horta Seca, 20): colectiva «Nem Bonecos nem Brinquedos» com pintura, desenhos, e objectos de Armanda duarte, Conceição Ramos, Hugo Ferrão, Isabel Marques, Leonor Serpa Branco, Maria Bela Garnel, Rui da Rosa e Teresa Vasconcelos. Até 24 de Junho, de segunda a sexta das 10 às 20.
GALERIA DA LIVRARIA BARATA (Av. de Roma, 11-A): no 30º aniversário da Livraria Barata, a exposição retrospectiva «Janelas», de Maluda e em simultâneo o lançamento do livro «29 Janelas de Maluda» e de uma serigrafia. Exposição patente até 11 de Julho, de segunda a sábado das 12 às 23.
GULBENKIAN (exposicões temporárias): exposição ddo artista suiço Albert Rouiller.
COOPERATIVA DIFERENÇA (R. S. Filipe Neri, 42): exposição da gravadora japonesa Noriko Yanagisawa, até 5 de Julho de terça a sexta das 15 às 20, sábados e domingos das 16 às 19.
Paralelamente, com os mesmos horário e periodicidade, desenhos de Catarina Baleiras.
GULBENKIAN (exposições temporárias): exposição checoslovaca de fotografias «O Castelo de Paiva», constituída por 165 fotos.
PALÁCIO ÁNJOS (Algés): por iniciativa da Câmara Municipal de Oeiras, uma exposição colectiva de pintura e escultura, até 15 de Setembro, diariamente das 14 às 20.

TEATRO

INSTITUTO FRANCO-PORTUGUÊS (Av. Luís Bívar, 91): o Grupo de Teatro da Faculdade de Letras apresenta hoje e amanhã às 21.30 e no sábado às 16 (às 22 horas representação no Centro Comercial Ibersil/Av. da Liberdade) a peça «A Farsa do Mestre Pathelin» de autor anónimo francês do século XV. A encenação é de João Grosso e a tradução do texto de Maria Estrela Guedes e Fernando Camecelhas, cenários e figurinos de Catarina Baleira. Esta série de representações marca o reinício da actividade do Grupo de Teatro de Letras.

LIVROS

INSTITUTO ITALIANO DE CULTURA (R. do Salitre, 146): apresentação do livro de Nico Orengo «Figura Gigante» por Fernando Assis Pacheco, com a presença do autor.
ESPAÇO LIVRARIA BARATA (Av. de Roma, 11-A): edições Àtrio promovem hoje, às 18.30 h, o lançamento dos livros «Trovas de Infância na Aldeia» de Orlando Neves, «Iluminuras» de Filomena Cabral e «Folha Móvel» de Maria Azenha.

MÚSICA

GRÉMIO LITERÁRIO: esta noite (22 horas) recital de Música de compositores que foram sócios do Grémio Literário — Eduardo Burnay, Alfredo Krus, visconde do Arneiro, conde de Azevedo e Silva, Alfredo Napoleão e Arthur Napoleão. Actuam Elsa Saque (soprano) e Armando Vidal (piano). Apresentação por Manuel Ivo Cruz.
LOUCURAS: a uma semana das «Quintas-feiras Tranquilas» partirem para férias, os convidados desta noite serão o Trio Odemira, que neste momento comemoram o seu 30.º ano de existência. Naturalmente que a Orquestra do Felicidade do Brilho e da Glória, dirigida pelo maestro Jaime de Oliveira, será chamada a acompanhar o Trio Odemira, que apresentam alguns trabalhos, entre os publicados nos seus 52 (!!!) LP's, com novos arranjos do maestro Jorge Machado.

Farmácias

Lisboa — PERMANENTE — ALMIRANTE GAGO COUTINHO: Estados Unidos, Av. dos Estados Unidos da América, 16-B (T. 885859); **ANJOS - RUA MARIA ANDRADE: Renascença**, R. Damasceno Monteiro, 140-A-B (T. 831504); **AVENIDAS NOVAS: Figueiras**, Av. Marquês de Tomar, 20-22 (T. 544995); **CALVÁRIO: Monge**, R. dos Lusíadas, 30-32 (T. 636704); **ENCARNAÇÃO: Zira**, P. das Casa Novas, lote 66 (T. 311216); **HOSPITAL DOS CAPUCHOS: Capuchos**, R. Luciano Cordeiro, 2-A (T. 572076); **LUMIAR: Douro**, Al. das Linhas de Torres, 93-A-B (T. 791131); **MERCADO DO CHILE: Alcalis**, R. Carvalho Araújo, 46-B (T. 841708); **PENHA DE FRANÇA: Dimar**, R. Conde de Monsarraz, 17-B (T. 842533); **PICHELEIRA: Marluz**, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **RATO: Soares**, Av. Álvares Cabral, 1 (T. 684282); **RESTELO — AVENIDA VASCO DA GAMA - ALGÉS: Ocidental**, R. D. Jerónimo Osório, 18-D (T. 610256); **SANTOS: S.A.E. Silva Filhos**, R. de São João da Mata, 72-74 (T. 661010); **SÃO DOMINGOS DE BENFICA: Vitex**, E. de Benfica, 373-B (T. 780548); **COLINA DO SOL - BRANDOA - AMADORA: Vidal Reis**, Urbanização Alfornelos, célula G, lote 35 (T. 996540); **ODIVELAS: Monserrate**, R. Guilherme Gomes Fernandes, 31-A (T. 9811139); **PONTINHA: Leitão Ribeiro**, R. A do Falcão, 3-A (T. 993912).

REFORÇO — ALVALADE: Zil, Av. da Igreja, 9-D (T. 891780); **AREEIRO: Central do Areeiro**, Av. de Paris, 2-2-A (T. 880820); **BAIRRO ALTO: Azevedo Irmão & Veiga**, R. da Misericórdia, 24 (T. 323540); **BAIRRO DO MONTE PEDRAL: Zema**, R. General Justiniano Padrel, 21-A (T. 832580); **BENFICA - CEMITÉRIO: Simões**, C. do Tojal, 102-A (T. 749649); **CAMPO DE OURIQUE - PRAZERES: Ourique**, R. Freitas Gazul, 32-B (T. 671667); **CAMPOLIDE: Central de Campolide**, R. General Taborda, 17 (T. 680304); **ESTEFÂNIA: Estefânia**, R. Pascoal de Melo, 90 (T. 544438); **MARQUÊS DE POMBAL - PICOAS: Correia Almeida**, Av. Fontes Pereira de Melo, 21-B-C (T. 547385); **OLIVAIS SUL: Marta**, R. Cidade de Nampula, Edifício Paris, lote 534 (T. 333696); **BURACA - AMADORA: Vaz Martins**, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO: Nova**, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO: Matos**, T. das Prioras (T. 2519939).

Outra Banda — ALMADA: Macedo Henriques, R. Bernardo Francisco Costa, lote 1 (T. 2751297). Permanente; **COVA DA PIEDADE: Rainha Santa**, R. Sociedade Fua Piedense, 50-A (T. 2294182). Permanente; **MONTE DE CAPARICA: Guerreiro**, lote 31-I-J, Moinho (T. 2950727). Até às 19 horas; **COSTA DE CAPARICA: Higiénica**, Av. da República, 23 (T. 2400020). Até às 19 horas; **FEIJÓ: Feijó**, R. Borges Rego, 7 (T. 2290911). Até às 22 horas; **SESIMBA: Lopes**, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2233028). Até às 19 horas; **LAVRADIO: Parreira**, R. D. Silva Cristino, 15-C (T. 2042016). Até às 19 horas; **BARREIRO: Silva Inácio**, P. Gomes Teixeira, 45 (T. 2071862). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Aliança**, E. Nacional, 178-B (T. 2040302). Até às 19 horas; **CORROIOS: Universo**, E. Nacional, 10 (T. 2290084). Até às 19 horas; **CRUZ DE PAU: Duarte Ramos**, R. de Bafatá, 11, loja 30, Centro Comercial Belsul (T. 2243143). Até às 22 horas; **ARRENTELA: Lusitana**, P. Cândido dos Reis, 10 (T. 2210007). Até às 22 horas; **MONTIJO: São Pedro**, Av. de Camões, 16 (T. 2311133). Até às 22 horas; **MOITA: União Moitense**, Av. Dr. Teófilo Braga (T. 239025). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS: Portugal**, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 2040250). Até às 19 horas; **ALCOCHETE: Nunes**, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 2340134). Até às 19 horas; **SETÚBAL: Isabel**, L. Batalha Viso, lote 86 (T. 21677). Permanente; **Lisboa**, R. Dr. Paulo Borba, 70 (T. 22248). Permanente; **Tavares da Silva**, R. das Gaivotas, 68 (T. 29316). Até às 22 horas.

Linha de Cascais — ALGÉS: Combatentes, Av. dos Combatentes da Grande Guerra, 166 (T. 4104953). Permanente; **LINDA-A-VELHA: Pinto**, R. Antero de Quental, 9 (T. 4190610). Até às 19 horas; **TIRES: Guimarães**, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHE: Carvalho**, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **CAXIAS: Nova**, R. Bernardim Ribeiro, 1-A (T. 2432839). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **OEIRAS: Alcântara Guerreiro**, P. Residencial Dr. Augusto de Castro, lote 10 (T. 2430691). Permanente; **CARCAVELOS: Vilar**, Av. Maria da Conceição, lote B (T. 2470777). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, R. Afonso de Albuquerque, lote B, loja 1 (T. 2470361). Até às 22 horas; **PAREDE: Macau**, R. José Elias Garcia, 42 (T. 2471785). Permanente; **MURTAL: Primavera**, R. das Parreiras, 2 (T. 2472278). Até às 22 horas; **SASSOEIROS: Amaral Semblano**, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE: Imani**, lote 7-B, Hera (T. 2852121); **MADORNA: Madeira**, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL: Ostende**, R. de Espinho, 1 (T. 260319). Até às 22 horas; **CASCAIS: A. Costa**, R. Freitas Reis, 24-C (T. 280214). Permanente.

Linha de Sintra — AMADORA: Igreja, P. da Igreja, 22-A (T. 4937740). Permanente; **Flama**, R. Elias Garcia, 78-B (T. 4932485). Até às 22 horas; **DAMAIA: D. João V**, Av. Gurgel do Amaral, 2-A (T. 970461). Permanente; **QUELUZ: Serra Pinto**, Av. D. António C. Sá, 50-GE (T. 4377619). Permanente; **CAMARATE: Mendonça**, L. 25 de Abril, 135-C (T. 2573158). Até às 19 horas;

Outras Farmácias — MOSCAVIDE: Varela, Av. de Moscavide, 44-B (T. 2518520). Até às 22 horas; SACAVÉM: Lourenço, Av. Almirante Reis, 31 (T. 2518151). Permanente; **LOURES: Saraiva**, Av. da República, 86 (T. 9830027). Permanente; **AVEIRO: Moura**, R. Manuel Firmino, 36 (T. 22014). Permanente.

TEATROS

Teatro Nacional D. Maria II

Rossio — Tel. 37 22 46

Às 21.30

«ROMANCE DE LOBOS», de Ramon Valle-Inclán. Encenação de Xosé Blanco Xil. Cenários e figurinos de Simon Soarez. Música de Manuel Bolboa. Escolha de J. Mendez. Coreografia de Fernando Lima. Intérpretes: Ruy de Carvalho, João Perry, Manuela Cassola, Eunice Muñoz, entre outros.

De terça a sábado, às 21.45; domingo, às 16.30

Sala Experimental

«UMA NOITE EM CHEIO», de Stephen Poliakoff. Encenação de João de Ávila. Interpretação de Ângela Pinto, Isabel Bernardo e Durval Lucena.

Teatro da Trindade

R. Nova da Trindade — Tel. 32 00 00

De 3.ª a sábado, às 21.00; domingo, às 16.00

«TRILOGIA DA GUERRA» (1.ª parte), de Edward Bond. Tradução de Miguel Cintra, Luís Lima e José Manuel Mendes. Encenação de Luís Miguel Cintra.

Vasco Santana

Av. da República, 16 — Tel. 76 86 09

De terça a sáb., às 21.30. domingos, às 16.00

«AS SENHORAS DAS QUINTAS-FEIRAS», de Loleh Bellon. Pelo Teatro-Estúdio de Lisboa. Tradução e dramatização Monique Rutler. Encenação de Luzia Maria Martins. Intérpretes: Carlos Vieira de Almeida, Clara Joana, Luísa Ortigoso, Manuel Medonça e Maria Dulce.

Laura Alves

R. da Palma, 251 — Tel. 86 47 56

3.ª, 4.ª e 5.ª, às 21.30; 6.ª, sábado e domingo, às 20.30 e 22.45; domingos e feriados, às 16.00

«CÁ ESTÃO ELES». Texto de César de Oliveira e Varela Silva. Interpretado por Camilo de Oliveira, Luísa Barbosa e Maria Armanda, entre outros.

Teatro ABC

Parque Mayer — Tel. 36 67 45

De 3.ª a sábado, às 20.30 e 23.00; domingos e feriados, às 16.00

«LISBOA, TEJO E TUDO», de César de Oliveira, Raul Solnado e Fialho Gouveia. Encenação de César de Oliveira.

Teatro da Graça

De 3.ª a sábado, às 21.00; domingo, às 16.00

«O PAÍS DO DRAGÃO», de Tennessee Williams. Pelo Grupo de Teatro Hoje. Encenação de Carlos Fernando. Intérpretes: Alexandre de Sousa, Elias Lisboa, Fernanda Coimbra, Isabel de Castro, Lia Gama, Manuel Mendes, Maria José Pascoal, Maria José e Rui Pedro. Cenografia de Dalton Salem Asseff.

A Barraca

R. Alexandre Herculano, 70 — Tel. 68 63 00

De 3.ª a sábado, às 21.45; sábado e domingo, às 16.00

«OS POLÍCIAS», de Mrozek. Direcção de Hélder Costa.

A Comuna

P. de Espanha — Tel. 726 08 18

Sala Café Teatro

Sextas e sábados, às 23.00

«FARSA VOCÊ MESMO», de Abel Neves, Carlos Paulo e Ary dos Santos. Intérpretes: Almeno Gonçalves, Alfredo Brissos, Carlos Paulo, Isabel Medina Paulo Ferreira e Manuela Couto.

Teatro do Triângulo

R. da Cintura do Porto de Lisboa, Santos — Tel. 67 61 91

De terça a sábado, às 21.30; domingo, às 17.00

«O FÍSICO PRODIGIOSO», de Jorge de Sena. Adaptação e encenação: André Nuno.

Teatro da Nova — Universidade Nova

Av. de Berna

De segunda a sábado, às 21.30

«ROQUE À PRESIDÊNCIA OU A QUEDA E O COICE», de Rui Costa Lopes. Ecenação: Carlos Fogaça.

Casa da Comédia

R. Francisco Borja, 24 — Tel. 69 72 99

De terça a sábado, às 21.45; domingo, às 17.00

«ELECTRA OU A QUEDA DAS MASCARAS», de Marguerite Yourcenar. Encenação: Filipe La Féria. Intérpretes: Glicínia Quartin, João de Ávila, Juvenal Garcês, Rocha Santos, Virgílio Castelo e Zita Duarte.

Cascais — Espaço TEC

Junto ao Pão de Açúcar

De terça a domingo, às 21.45; sábados, domingos e feriados, também às 17.00

«APARECEU A MARGARIDA». Texto e encenação: Roberto Athayde. Cenários: Fernando Filipe. Intérpretes: Graça Lobo e João Soromenho.

Estoril — Teatro Mirita Casimiro

Av. Fausto de Figueiredo — Tel. 267 03 20

De 5.ª a sábado, às 21.30; sábado e domingo, às 17.00

«TARTUFO», de Molière. Pelo Teatro Experimental de Cascais. Encenação de Rogério de Carvalho. Interpretação de Santos Manuel, Marília Costa, João Vasco, Luísa Salgueiro, Paulo B., Alexandra Lencastre e Luís Rizo, entre outros.

Algés — Teatro 1.º Acto

R. Eduardo Augusto Pedroso, 16-A — Tel. 211 50 33

«À FLOR DA PELE», de Consuelo de Castro. Pelo Teatro Espaço. Encenação de Águeda Sena. Intérpretes: Augusto Portela e Manuela Pedroso.

Teatro da Academia Almadense

R. Capitão Leitão, 64 — Tel. 275 21 75

6.ª e sábado, ás 21.30; domingo, às 16.00

«O FIM DA ENFERMEIRA JOÃO», de Frank Marcus. Pela Companhia de Teatro de Almada. Encenação de Artur Ramos.

TEATRO ABERTO

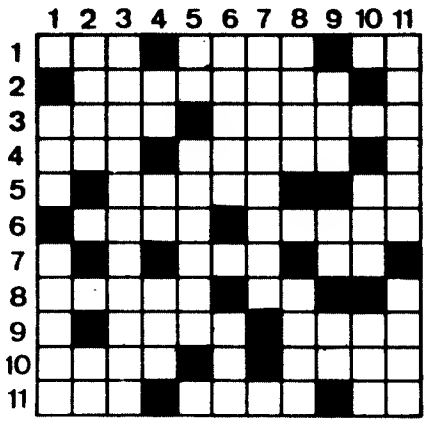
P. de Espanha — Tel. 77 09 69

5.ª a sábado, às 21.30; domingo, às 16.00

«A SEGUNDA VIDA DE FRANCISCO DE ASSIS», de José Saramago. Cenário e encenação de Norberto Barroca. Figurinos de José Costa Reis. Música de Paulino Garcia. (Com o apoio do «Diário de Lisboa»)

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 17063



HORIZONTAIS:

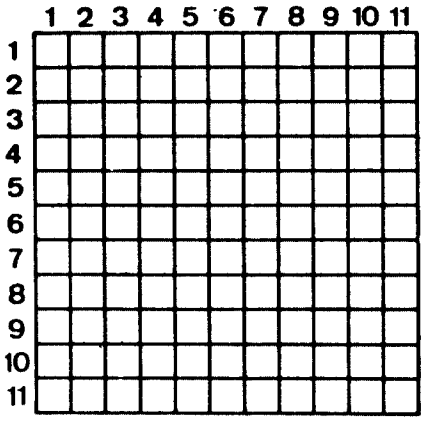
1 Artigo indefinido. Lágrima. Preposição.
2 Tolerarem.
3 Dão mios. Curada.
4 Deusa da Aurora. O mesmo que timorense.
5 Negócio. Utensílio doméstico.
6 Criança francesa, célebre pelo seu heroísmo. Círculos.
7 Rate. Érbio (s.q).
8 Magoara. Ruim.
9 Nume. Apaga.
10 Planta têxtil, do Ceará. Costumar.
11 Suspiros. Moeda de ouro, que corria nas Molucas. Lantânio (s.q).

VERTICAIS:

1 Doçura. Torna doce.
2 Nome de mês. Zomba.
3 Comprometeremos seriamente.
4 Artigo indefinido. Sufixo que designa estado. Artéria.
5 Grego (abrev). Ornamentos, que os reis medos e persas punham na cabeça (pl).
6 Terrenos cobertos de vegetação, no meio de um deserto. Falda.
7 Urdiram.
8 Elemento, que entra em algumas palavras, com a significação de ar. Tosto.
9 Oceano. Preposição. Preposição e artigo.
10 Igual. Bilis.
11 Davas aviso de alguma coisa, em voz alta. Um dos Estados do Brasil.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 15893



HORIZONTAIS:

1 Viagem gratuita, em qualquer veículo. Rosto.
2 Cidade de Espanha. Estreito.
3 Nome de fruto. Preposição. Níquel (s.q).
4 Rio da Alemanha, que nasce no Tirol. Aguentas (pop).
5 Nota musical. Viração.
6 Cidade de França. Apelido.
7 Europio (s.q). Girarão.
8 Título dos descendentes de Mafoma. Covil.
9 Boro (s.q). Czar da Rússia, cognominado «O Terrível». Patrão.
10 Guarnecera de asas. Azáfama.
11 Pistas. Arsénio (s.q).

VERTICAIS:

1 Título assumido, após a morte de Maomé, pelos chefes políticos e religiosos muçulmanos. Margens.
2 Notificaremos.
3 Verseja. Nome de homem. Viração.
4 Indústria de oleiro. Zombará.
5 Negativa. Senhor. Fúteis.
6 Gálio (s.q). Freguesia, do concelho de Alenquer.
7 Fechado. Abreviatura, usada na linguagem pugilística, com o significado de posto fora de combate.
8 Leito. Geração.
9 Prefixo de privação. Os mouros.
10 Ladrão de mar. Rei de Mércia, de 757 a 796.
11 Aplanamos. Campeão.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 17062

HORIZONTAIS:

1 MAIS. VALE.
2 Tal. Quioco.
3 Sra. Ul. Iola.
4 OC. Ecos. Ge.
5 Aa. Atacar.
6 Sãos. Ni.
7 Tl. Seita. Fo.
8 Só. Cestos.
9 Coem. Ar.
10 Irmãs. BF. Ce.
11 Aa. Seroaram.

VERTICAIS:

1 MTS. ASTÚCIA.
2 Aaro. Al. Ora.
3 Ilação. Sem.
4 Assomas.
5 QUE. Sé.
6 Vulcânico.
7 Aí. Otite. Bo.
8 Loisa. Ás. Fá.
9 Eco. Cp. Ta!
10 Olga. FORÇA.
11 Aéreos. Em.

PROVÉRBIO: Mais vale astúcia que força.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 15892

HORIZONTAIS:

1 Indona. Aves.
2 Na. Ramos. Só.
3 Ama. Iara. Cm.
4 Comarca. Coa.
5 Oral. Aal.
6 Irradiar
7 Dás. Ido.
8 Ro. Trairias.
9 Asma. Moa. Um.
10 Arco. Rara.
11 Aura. Suaras.

VERTICAIS:

1 Inaco. Rata.
2 Namorados.
3 Ama. Mar.
4 Or. Alistara.
5 Nair.
6 Amaçaríamos.
7 Ora. Adio.
8 Asa. Adorara.
9 Cai. Ar.
10 Escola. Aura.
11 Soma. Resmas.

Rádio

Antena Um

16.00: Pequeno jornal e rocklândia; **18.00**: Regressos; **19.00**: Informação e música; **20.00**: No estúdio e no estádio; **20.15**: Música portuguesa; **20.30**: A viver também se aprende; **21.00**: Musical; **21.30**: Imaginário. Noticiários de hora a hora.

Rede Nacional-FM2 Estéreo

15.00: Panorama, da obra de Glazunov; **16.30**: Álbum musical; **17.00**: Histórias da História; **17.40**: Trechos de óperas, de Bizet, Händel, Donizetti, Gounod e Wagner; **18.40**: Valsas instrumentais; **19.00**: Integrais; **19.39**: Música vocal; **20.05**: Música de tecla; **20.40**: Música, para violino; **21.00**: Histórias de música e outras; **21.30**: Música de câmara, de Schumann; **22.00**: Música vocal comentada; **23.30**: Concerto sinfónico; **00.50**: Último andamento; **01.00**: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Programa da tarde; **17.00**: Feira mágica; **20.00**: Peça que a gente passa; **22.00**: Portugal e a CEE; **22.15**: Religiosos; **22.30**: Tempo e resultados; **23.00**: 24.ª hora; **01.00**: É de noite... já se vê; **03.00**: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: Casa da música; **16.00**: Som da frente; **17.00**: Rock em stock; **18.00**: Círculo em FM; **19.00**: Ao fim e ao cabo; **20.00**: Nova geração; **21.00**: O sabor da música; **22.00**: As mil e uma noites; **23.00**: Em órbita; **00.00**: Morrison Hotel; **02.00**: O rock pode esperar; **03.00**: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
Canal 1-Rede Nacional de OM e FM

15.00: Terceira vaga; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Fim-de-tarde; **20.00**: Programa da LAR; **20.30**: Cidade nova; **21.00**: Luzes da ribalta; **23.00**: Bola branca; **23.30**: Suplemento especial; **23.55**: Meditando.

Voz do Alentejo

15.00: Boa tarde, Alentejo; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Grande bazar.

Voz de Lisboa

15.00: Rádio da cidade; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Sete colinas; **20.00**: Diálogo; **20.30**: Transmissão do terço; **21.00**: Música no espaço; **22.00**: Cantar português; **23.00**: Bola branca; **23.30**: As canções da meia-noite; **23.57**: Meditando.

Voz do Porto

15.00: Passeio alegre; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Informação e música; **20.00**: Porto de abrigo; **20.30**: Meia de música; **21.00**: Palácio de Cristal; **23.00**: Bola branca; **23.30**: Porto final.

RFM-Canal 2-Rede Nacional

TELEVISÃO

RTP 1

18.01 – Sumário
18.06 – Brinca Brincando
«O Vento nos «Salgueiros»
18.35 – Show Bis
19.30 – Telejornal
20.00 – Bolsa Dia a Dia
20.05 – Boletim Meteorológico
20.15 – Palavras Cruzadas

11.º Episódio: Filipe promete a Miguel que o irá ver actuar em Londres juntamente com Sofia. É tudo uma questão de se meterem os dois num avião e depois lá estarão para o aplaudir. Isabel sabe que Felisberto tentara, em vão, fazer chegar a João uma mensagem e, adivinhando do que se trata, corre para a clinica para falar com o irmão. Lurdes passeia nervosa no quarto, de um lado para o outro. Batem à porta e, quando ela abre, depara com D. Diogo. O velho entra e Lurdes, com um ar autoritário, manda que se sente. Isabel, na clinica, espera pelo fim da operação para falar com o irmão. Quando João acaba e recebe a informação do local em que o avô se encontra apressa-se a avisar Marta. A seguir pede a Joana que previna o comissário Rodrigues do que se passa e lhe dê a morada que ele lhe deixa. Isabel vai ter com Marta e as duas ficam à espera no escritório por mais notícias, conforme fora combinado com João. Marta, entretanto, conta a Isabel que resolveu pôr Simão à prova para apurar se dentro da firma há algum elemento de ligação com os bandidos.

21.05 — Noite de Música no Solstício de Verão/87

Emissão em Mundovisão organizada pela RAI que conta este ano com a participação de cerca de 25 países e cadeias de televisão incluindo a RTP.

A participação portuguesa foi gravada no palco do grande Auditório da Fundação Caloustre Gulbenkian com a pianista Maria João Pires a solo, interpretando a partita n.º 1 de J. S. Bach em si bemol Maior.

00.35 – 24 Horas
01.05 – Remate

Maria João Pires é a participante portuguesa na «Noite de Música no Solstício de Verão-87», no 1.º canal às 21.05

RTP 2

15.00 – Agora, Escolha!
16.30 – Notícias
16.35 – Trinta Minutos Com...
Judite Pinheiro Torres
17.05 – Countdown
18.00 – Estádio
às 19.00 – Mundialito: Porto-Inter de Milão
21.00 – Jornal das Noves
21.30 – Montra de Livros
21.35 – O Tempo e o Vento
12.º Episódio

No 2.º canal, às 22.15, o 4.º episódio da série «Soldados»

22.15 – Soldados

4.º Episódio: A infantaria ao mesmo tempo essencial e sacrificável, é o sector que nas batalhas controla o terreno. A tecnologia pode ter evoluido e as armas terem-se tornado mais mortíferas, mas o papel do soldado de infantaria continua a ser o mesmo — matar o inimigo com uma arma individual. E o facto de ele lutar a pé, contra os elementos e contra o terreno, deu ao infante uma dimensão pessoal raramente partilhada por outras tropas.

Produção de John Gau

AMANHÃ

RTP-1
10.10 – Às Dez
12.25 – Cambalacho
13.00 – Jornal da Tarde
13.25 – Ciclo Preparatório TV
17.30 – Mira Rádio
18.01 – Sumário
18.06 – Brinca Brincando
18.50 – Show Bis
19.30 – Telejornal
20.00 – Bolsa Dia a Dia
20.05 – Boletim Meteorológico
20.10 – Palavras Cruzadas
20.55 – A Arte de Bem Cozinhar
21.15 – Tatoo Militar
23.40 – 24 Horas
00.10 – Remate
00.20 – O Programa das Festas
00.45 – Pela Noite Dentro

RTP-2
14.26 – Os Imigrantes
15.00 – Agora, Escolha!
16.30 – Noticias
16.35 – Trinta Minutos Com...
17.05 – Countdown
18.00 – Estádio
19.00 – Simon Show
20.05 – Hitchcock Apresenta
20.30 – Jornal das Nove
21.30 – Montra do Livro
21.35 – O Soldado Schulz
22.30 – Troféu

Cabeleireiro Eva

— É um cabeleireiro para as senhoras que não dispõem de tempo e não querem gastar muito dinheiro.

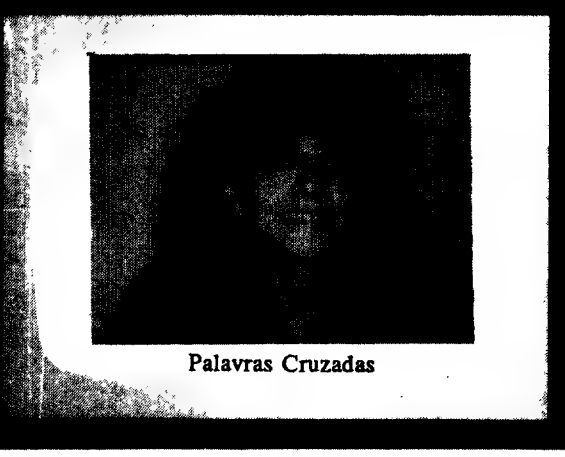
MANICURE – PEDICURE – DEPILAÇÕES – SAUNA
Pr. Marquês de Pombal, 1 — Lisboa

GRUNDIG seleccionou para si...

RTP 1
20.55
— Noite da Múisca no Solstício de Verão 87

RTP 2
21.35
— O Tempo e o Vento

GRUNDIG PORTUGUESA
comércio de artigos electrónicos, Lda.
Rua Quintinha 485 LISBOA
Telef. 41975/6


Palavras Cruzadas

PORTE PAGO

DL

Fundador **Joaquim Manso**

Propriedade, Composição e Impressão: RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos **RUA LUZ SORIANO, 44 — 1200 LISBOA**
TELEFONES: 32 11 54 / 5 – 32 02 71 2 3 Publicidade 36 87 40
Serviço da noite (depois das 21) Porteiro 32 11 54 Redacção: 32 02 71 / 2 / 3
Endereço Telegráfico DIBOA — Telex 12 363 LISBOA PORTUGAL
Distribuição INTERPRESS Rua do Norte 115-1 — 1200 LISBOA
TELEFONES 32 21 00 – 32 22 04 – 32 07 84
Preço do «DL» na Madeira 40$00
DEPÓSITO LEGAL: 1426/82

Director **A. Ruella Ramos** Director adjunto **Fernando Piteira Santos**

ÚLTIMA HORA

Sete pessoas ficaram hoje ligeiramente feridas devido a estilhaços de vidros projectados pela explosão de uma bomba na cidade espanhola de Igualada, perto de Barcelona. As autoridades informaram que o engenho foi colocado em instalações do Ministério das Finanças, cujo administrador é um dos feridos, juntamente com cinco polícias e um transeunte. A bomba foi descoberta por funcionários do Ministério que preveniram a polícia. No entanto, a bomba explodiu antes da chegada dos especialistas em desactivação de engenhos.

Linha de Sintra vai "entupir" durante quatro meses

A partir da próxima segunda-feira, e durante cerca de quatro meses, a CP irá suprimir alguns comboios da Linha de Sintra, devido a trabalhos de reparação das catenárias.

A circulação será afectada até 15 de Setembro, todos os dias entre as 10 e as 12 horas, mas durante os fins-de-semana os trabalhos desenvolver-se-ão também entre as 15 e as 17 horas.

Ap solicita, em comunicado, «a boa compreensão dos passageiros para as perturbações que irão ser causadas», já que as obras a empreender visam, ao que afirma, «a melhoria das condições técnicas do transporte ferroviário».

Funcionários bancários ouvidos no julgamento das "FP-27"

Um antigo vigilante do aldeamento turístico de Loulé, António Rodrigues Gonçalves, deslocou-se ontem a Monsanto para testemunhar sobre um assalto ocorrido em 1983, na «Aldeia do Mar», mas o juiz-presidente acabou por prescindir da sua presença pelo que não chegou a prestar declarações, abandonando a sala a correr para ainda poder apanhar o comboio de regresso ao Algarve.

O assalto constava dos autos, mas não da pronúncia do processo do caso «FP-27», a ser julgado no Tribunal de Monsanto, pelo que havia sido retirada certidão para que o julgamento se realizasse em Loulé, o que não veio a acontecer.

Na audiência de ontem foram ouvidos dois funcionários da delegação do Banco Português do Atlântico na Praia da Luz e que, em Agosto de 1983, foram vítimas de um assalto à mão armada, ficando sem uma mala que transportavam com dinheiro daquela instituição de crédito.

Oferecidas 15 700 camisolas aos reclusos portugueses

O ministro da Justiça enalteceu ontem a atitude de uma empresa que ofereceu 15 700 camisolas aos presos portugueses. «O Estado deixa de dar subsídios e passa a receber mecenato das empresas», salientou Mário Raposo durante a cerimónia de entrega das camisolas, que decorreu na sede dos Serviços Prisionais na presença do respectivo director, Fernando Duarte, e de um administrador da multinacional que fez a oferta.

Mário Raposo elogiou os Serviços Prisionais portugueses que, disse, começam a ser apontados como «serviços de ponta em matéria de procedimentos novos», e exemplificou a afirmação com o facto de os reclusos não serem obrigados a usar farda.

As camisolas, cujo valor de venda por unidade ronda os três contos, destinam-se aos 8200 presos que enchem as cadeias portuguesas, dos quais 439 são mulheres.

TAP anula dois voos para Paris

A TAP anulou os seus dois voos previstos hoje para Paris — apurou o «DL» junto das Relações Públicas da empresa. O tráfego aéreo para a capital francesa foi hoje substancialmente reduzido devido à greve dos controladores aéreos franceses. A TAP/Air Portugal realiza dois voos, à quinta-feira, para Paris, que hoje foram cancelados. Muitos outros países procederam do mesmo modo.

A greve dos controladores aéreos franceses, organizada pelas Centrais Sindicais CGT e CFDT, culmina um movimento de greve parcial que dura há dez semanas e durante o qual os controladores têm estado a suspender o trabalho durante uma hora, todas as manhãs, bem cedo.

O governo francês resolveu ripostar a este movimento com a preparação de um projecto de lei que será descontado um dia de vencimento sempre que haja uma cessação de trabalho de uma hora ou mais.

Além desta greve foi igualmente deposto um pré-aviso de greve das 6.30 às 10 horas todos os dias, de 29 de Junho a 3 de Julho próximos.

DECARAS

JOSÉ VIALE MOUTINHO acaba de ver o seu livro de poemas e contos «No país das lágrimas» traduzido para catalão. Fonte editorial classifica esta iniciativa como mais um sinal da crescente atenção que no estrangeiro vem sendo dada à moderna literatura portuguesa. A tradução é de Xavier Baixeras e aparecerá brevemente nas livrarias espanholas.

MICHELANGELO ANTONIONI terá um português como produtor do seu próximo filme «Two Telegrams» (Dois Telegramas). Trata-se de Paulo Branco, actualmente em Nova Iorque para contactar actores. Paulo Branco foi o produtor de filmes como «O meu caso», de Manoel de Oliveira, e «O lugar do morto», de António-Pedro Vasconcelos. O filme conta com um orçamento de 12 milhões de dólares.

VALENTIM VDÓVIN cessa funções de embaixador da URSS em Portugal e parte amanhã para Moscovo. A embaixada da URSS ofereceu uma recepção de despedida na qual estiveram presentes homens políticos, militares, escritores, diplomatas. Muitos tiveram de dividir o seu tempo social por motivo de à mesma hora a embaixada da Espanha oferecer, igualmente, uma recepção. A despedida, o embaixador Vdóvin recordou que a sua primeira entrevista à Imprensa fora concedida ao «Diário de Lisboa».

ALBERTO JOÃO JARDIM confessa que votou em Mário Soares contra Freitas do Amaral. A revelação surgiu ontem, no Funchal, quando o líder madeirense criticava o apelo do PS ao voto dos que, nas presidenciais, escolheram Soares. «Eu acho uma fraude aquilo que os socialistas estão a fazer, uma vez que para a eleição de Mário Soares votaram muitos sociais-democratas, entre eles este humilde cidadão que está aqui à vossa frente».

SEQUEIRA COSTA será o director artistico do IX Festival Internacional de Música da Costa verde, que se inicia a 2 de Julho com um concerto pelo orquestra filarmónica de Delaware, Estados Unidos. O concero decorrerá na Póvoa do Varzim. A destacar também a presença neste festival do pianista português Artur Pizarro, de 18 anos, que Sequeira Costa considera como o seu «aluno dilecto». Os 11 recitais que formam o programa do festival realizar-se-ão em diversas localidades nortenhas, como Braga, Barcelos, Viana do Castelo, Vila Real e Espozende.

VALENTE DE OLIVEIRA, na linha do que vem sendo feito pela maioria do actual Governo, foi ontem a Sertã anunciar que está preparado um projecto de decreto-lei sobre «contratos programa» para aplicação em municipios. O ministro do Plano e da Administração do Território acrescentou que este diploma «ficará na gaveta à espera do próximo Governo», subentendendo-se que do PSD...

"Portador do insólito..."

"Tal & Qual" — sete anos de existência

O semanário «Tal & Qual», fundado por Joaquim Letria em 28 de Junho de 1980, na sequência de um programa de televisão com o mesmo nome, completa hoje sete anos de existência.

Por circunstâncias várias, Letria, dois anos depois, seria substituído por Mário Zambujal.

Presentemente, o semanário é dirigido por José Rocha Vieira, reclamando-se (como desde o começo) portador «do insólito na política e no quotidiano».

Saudações do «DL».

Camião matou advogado em Vila Franca de Xira

O advogado Fernando Roque do Vale, de 60 anos, faleceu ontem em Vila Franca de Xira, atropelado por um camião com atrelado que circulava em velocidade moderada na Rua Alves Redol, no centro daquela cidade ribetajana.

Testemunhas oculares afirmaram à PSP que aquele causídico, ultimamente com problemas do foro psíquico, se terá atirado para debaixo dos rodados traseiros do veículo, sofrendo morte imediata.

O extinto, que era casado com a dr.ª Noémia Moura, possuía consultórios em Vila Franca de Xira, na sede da antiga Predial Valente e em Lisboa, na Rua da Prata.

LER ESCREVER

SUPLEMENTO SEMANAL DO «DIÁRIO DE LISBOA». SAI ÀS QUINTAS-FEIRAS.
NÃO PODE VENDER-SE SEPARADAMENTE DO RESTO DA EDIÇÃO. CORRESPONDÊNCIA: RUA LUZ SORIANO 44, 1200 LISBOA. TELEF. 32 02 71/32 02 72.

N.º 308

Texto de Gabriela Llansol sobre a «paisagem estranha» dos prémios literários

NÃO haverá na literatura portuguesa contemporânea autor que mais sistematicamente se furte a contactos públicos do que Maria Gabriela Llansol, a cujos «Contos do Mal Errante» foi recentemente atribuído o Grande Prémio Ficção Inasset/1986. As Edições Rolim reeditaram, entretanto, «Os Pregos na Erva», primeira ficção publicada por Gabriela Llansol nos anos 60. Os contos de «Os Pregos na Erva» são, agora, acompanhados por um estudo de Augusto Joaquim. No passado dia 8, Gabriela Llansol enviou, para ser lido, um texto que a representaria na cerimónia de atribuição do Grande Prémio Inasset, no Grémio Literário. É esse texto que aqui divulgamos, porque ele acrescenta luz sobre o modo que caracteriza o estar da autora na vida e na escrita. Eis, portanto, as palavras de Gabriela Llansol então lidas na atribuição do prémio:

«Exmos Senhores, ainda há pouco manifestei a minha estranheza por ver uma obra minha ser distinguida por um prémio. Facto que me ocorria pela primeira vez.

«Pouco tempo passado, o facto volta a repetir-se.

«Já não posso dizer que me encontro face ao novo, mas encontro-me, de certeza, em paisagem estranha, perguntando-me, no prolongamento do judeu deportado, 'quommodo cantado in terra aliena?'».

«Não é que eu rejeite o que está acontecendo; não só porque há muito deixei de cultivar uma atitude de rejeição e dei a minha profunda e definitiva aquiescência à vida, como também porque publicar, aqui e agora, com todos os condicionalismos conhecidos, foi um acto livre da minha iniciativa. Procurei, todavia, desde o princípio, que isso se realizasse seguindo a linha da colina, na tensão entre criar e salvaguardar o meu caminho no horizonte próximo do quotidiano (com o Augusto e no meio dos amigos, na proximidade dos animais e das plantas, e através dos livros), confrontado ao horizonte vasto, alegre e terrível da criação. Equilíbrio e tensão que pude salvaguardar durante os anos que vivi permanentemente na Bélgica.

«Passando agora mais tempo em Portugal, e a obra indo chegando, sem metamorfose da sua natureza, a um público mais vasto, sinto que se exercem maiores pressões para que este equilíbrio se altere. E por aí entraria em 'terra estranha', arriscando-me a perder a voz.

«Eu sei que tudo se modifica, que nos próprios mecanismos estabelecidos se inscreve o devir; eu sei que é normal que, sendo lida por um maior número de leitores e que sendo estes assíduos, tenda a desenvolver-se a minha relação incipiente com o público, e com o mundo da cultura. Mas não desejo que essa seja uma relação abstracta, pois não me reconheço chamada a representar nenhum papel, nem a constituir pólo de identificação.

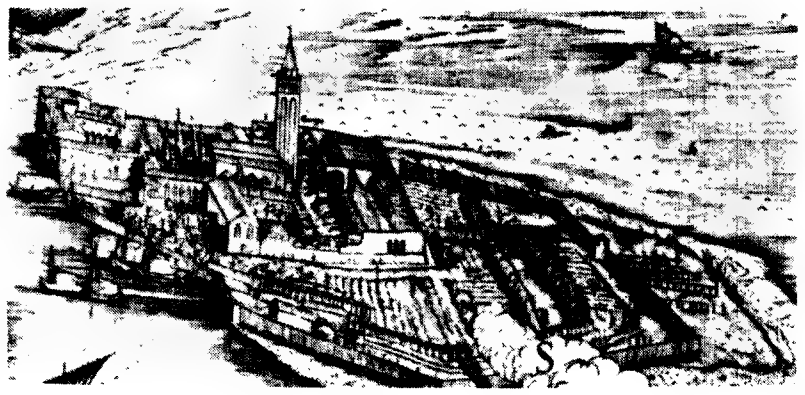
«Tudo, desde sempre, esteve no modo. Que tudo quanto deva advir, se manifeste no modo humano, entre seres que não temem, nem se sintam feridos no seu narcisismo por a realidade ser o que é: vamos para onde ignoramos, por caminhos que desconhecemos. E eu sobre o real não sei mais, mas nessa verdade me desejo manter, à imagem de uma das figuras que mais amo, *a rapariga que temia a impostura da língua*.

«Quem escreve e quem lê, *em mútuo*, encontrarão o como seguir a linha da nova colina.

«E, nesse processo, me sinto muito feliz pelo ocorrido. Agradeço as palavras, verdadeiramente amáveis que, por carta, me dirigiram o dr. Vasco Quevedo Pessanha, pela Inapa, e a Helena Vaz da Silva; agradeço ao júri por ter distinguido *'Contos do Mal Errante'*, permitindo assim que eles cheguem mais longe.

«Estas palavras, sinto que as devia escrever, dirigindo-me, finalmente, profundamente grata, a quantos, pela leitura, prolongam e amplificam a voz iniciada.

Maria Gabriela Llansol



Galiza e Portugal

HÁ muito que não era ouvinte da Rádio Comercial. Um dia destes, porém, e um tanto por engano, sintonizava esta estação quando foi para o ar um programa chamado *Portugalinho*, da responsabilidade de João Medina. Falou-se então de Portugal, Espanha, Catalunha, Galiza, literaturas e culturas, etc. E, a dada altura, João Medina disse qualquer coisa como isto: os maiores ou melhores escritores galegos escreveram em castelhano. Não teria importância se fosse «boutade». Mas foi dito com a seriedade duma convicção reflectida e informada. E não teria importância se fosse afirmação dum qualquer ignorante ou curioso destas coisas. No entanto, Medina é, como se sabe, um professor e estudioso (se não destas coisas, pelo menos de coisas muito próximas destas) e, em princípio, deve ter fundamento naquilo que diz. A ideia era talvez outra — a de que não se deve (os portugueses não devem) sobrevalorizar a Galiza e os galegos quando acaso se tratar dum relacionamento privilegiado com outros povos e respectivas culturas no contexto peninsular. Medina deixou no ar que um pouco diverso do que geralmente ocorre, há consideráveis afinidades entre Portugal e Catalunha, portugueses e catalães, culturas portuguesa e catalã. Talvez mais do que entre Portugal (portugueses, cultura portuguesa), e Galiza (galegos e cultura galega). Mas a ideia mais forte ainda seria esta: — o relacionamento fundamental de Portugal e do Português com Espanha deve ser com Espanha, o Estado espanhol, centralizado em Madrid, relegando para segundo plano o interesse que possam suscitar tanto Galiza e galegos como Catalunha e catalães.

Gostaria de dizer alguma coisa sobre isto, e principalmente sobre essa de os maiores escritores galegos (ou da Galiza), terem preferido fazer obra em castelhano a fazerem-na em galego.

Sem dúvida, Portugal e portugueses devem relacionar-se, e bem, com Espanha e espanhóis, e através do espanhol — que é uma língua com imensa história e vastíssimo prestígio, e é também um domínio onde se tem acesso a muita coisa que não há em português, principalmente livros científicos e técnicos, mas também, e não menos, obras literárias de outras proveniências, que há em espanhol (castelhano feito língua oficial do Estado). Mais, não é só no domínio do livros: as trocas culturais podem (e é óbvio que devem) ser mais vastas, e sabe-se que o interesse e a receptividade que há da parte espanhola para com outras coisas culturais portuguesas, artes, por exemplo. Aqui Madrid é um meio vastíssimo e há uma protecção (digamos assim) oficial como a qual não a pode dar, já não diremos a Galiza, mas até mesmo a Catalunha (para não falarmos de Portugal, que, num confronto com estes casos, seria alguma coisa de irrisório e risível).

Mas isso não deve implicar que se considerem as hipóteses que houver da parte da Galiza ou da Catalunha, de colocação, aí, de produções culturais portuguesas, ou aqui, em Portugal, de produções culturais galegas ou catalãs. Talvez pelo contrário. E é preciso considerar não apenas os intesses e as expectativas de Portugal e portugueses, mas também de catalães e galegos. Não sei o que se passa na Catalunha e com catalães. Chegam poucas notícias, há uma certa distância, e Portugal, em relação a Barcelona, fica realmente mais longe do que não só Madrid, mas até mesmo Paris — para onde tradicionalmente Catalunha e catalães se inclinam mais (e tanto quanto, pelo menos, portugueses), sem necessidade de recorrer muito a Madrid, dadas as suas (de catalães, da Catalunha) capacidades económicas e, em consequência disso, facilidades promocionais.

Já o caso da Galiza é diferente. Esse interesse visaria Lisboa. Sucede que Lisboa não costuma corresponder a esse interesse. No Norte, em particular no Porto, tem havido mais resposta a certo apelo que a Galiza há muito nos faz. Sem Lisboa, porém, será praticamente inconsequente todo o interesse que os galegos possam ter em Portugal. É que esse interesse não vai longe, se não houver nele participação oficial. A iniciativa privada, por assim dizer, é de alcance curto.

Ilustremos isto. Houve presença da Galiza, com estatuto de observador, naquele encontro para a unificação ortográfica do português realizado o ano passado no Brasil, e em que participaram Portugal, Brasil e os cinco Estados africanos lusófonos. Um excelente princípio. Pois — mas a presença galega suscitou em Portugal alguma reacção crítica desfavorável. Viu-se nela até uma ameaça, mesmo de expansão ou hegemonia, para a projecção extra-europeia do português de Portugal, língua e cultura. O que parece absurdo: se tal

Continua na pag. 8

Homenagem a Ruy Cinatti nos encontros de Vila Viçosa

Pág. 7

Orlando Neves, A. Rebordão Navarro, José Blanc Portugal e António Almeida Matos nos Encontros de Vila Viçosa

Sonhos de Inverno, F. Scott Fitzgerald, Relógio d'Água

"Mas onde estão os dez mil lagos, a utopia de uma cidade helenística nos confins das Rochosas? Mineápolis, Mineápolis! Após a elegância patrícia e a doçura feminina do verão índio no Wisconsin, Mineápolis é apenas um conglomerado rural sem luz, esperando o Inverno e o frio de que tanto se orgulha, por entre silos e terrenos de caça. Mas no seio desta América profunda, encontra-se um bar chamado Commodore, o mais belo bar *art déco* do mundo, onde, segundo se diz, Fitzgerald vinha beber todas as noites.» (Jean Baudrillard, *Amérique*, p. 32)

Se há um escritor cujo nome de imediato se associa ao *Middle West*, ele é por certo Scott Fitzgerald. E todavia ele não foi *o escritor* de «Summit Avenue», a rua mais aristocrática de St. Paul, à qual a sua infância se encontra definitivamente associada.

Observem-se os percursos paradigmáticos de Jay Gastsby e Nick Carraway nomeadamente herói e narrador de *«The Great Gatsby»*. Tanto Gatsby como Nick referenciam as suas origens no *Middle West*, a sua *formação* ocorre na Costa Leste, aí morrendo Gatsby. Nick, por seu turno, regressa às origens.

Mineápolis ou St. Paul, enfim, o *Middle West* representa um universo contrapontístico ao frenesim da Idade do Jazz vivida no Leste até à exaustão, à loucura (como sucedeu a Zelda Fitzgerald), à morte (Gatsby). Embora a inclusão num mesmo plano da realidade e da ficção possa causar arrepios a algumas correntes críticas. Embora o próprio D. H. Lawrence tenha defendido a verdade da obra contra a do autor, Fitzgerald, a sua vida e a sua obra formam um universo unitário onde as projecções e os diálogos não podem ser ignorados.

Se, tal como muitas das suas personagens, Fitzgerald também abandona esse espaço tranquilo, matricial que o Middle West é, em busca da nova utopia, aquele espaço insinuará sempre subconscientemente a nostalgia de uma inocência perdida. Pois se de facto Mineápolis espera tranquila o Inverno ao qual pertence, como sugere Baudrillard, isso implicará o modelar do seu rosto devido à necessidade de defesa e adaptação às espessas camadas de gelo que ao longo de sucessivos meses o cobrem. As características físicas, geográficas, contribuem assim para a construção de uma tranquilidade, de um acolhimento e de uma protecção matriciais em tudo diferentes da agitação citadina. Enquanto se opera o retorno da velha fronteira ao Leste, num movimento inverso ao dos pioneiros, que vê no dinheiro a nova utopia, o *american dream*, as raízes insinuam sempre na memória a nostalgia de um tempo perdido.

A própria carreira literária da *voz oracular* da *geração perdida* (expressão, aliás, por ele criada) espelha o ritmo vertiginoso com que da euforia mundana da alta sociedade se transita para a disforia da depressão e da morte. Ou ainda: da fama ao esquecimento. A cena histórica reflectirá de um outro modo este percurso: dos anos loucos à grande depressão.

«This Side of Paradise», seu primeiro romance, publicado em 1920, consagra-o, merecendo-lhe até o reconhecimento de seus pares, como o atesta a carta de louvor que T. S. Eliot lhe escreveu. Em 1925 surge *«The Great Gatsby»*, sua obra-prima. Em 1930 ocorre a depressão nervosa de sua mulher, Zelda. Desde então, até à morte do escritor em 1940, será o declínio, apenas entrecortado com a publicação de *«Tender is the Night»* (1934).

A colectânea agora editada escolhe três *short stories* (Fitzgerald escreveu mais de cento e cinquenta) ligadas aos vários instantes da vida do autor. *Resíduos de Felicidade* (The Lees of Happiness) surgiu em 1922, incluída na colectânea *«Tales of the Jazz Age»*, isto é, enquanto Fitzgerald se firma como a tal voz oracular da geração perdida: «Os jovens universitários consideram-me uma espécie de oráculo», afirmou então.

Sonhos de Inverno (Winter Dreams) surge em 1926, um ano depois de *«The Great Gatsby»*, na antologia *«All the Sad Young Men»*. Finalmente *Regresso à Babilónia* (Babylon Revisited) data de 1935 e pertence à colectânea *«Taps at Reveille»*. Um ano após *«Tender is the Night»* aquele livro será mal recebido pelo público e algo ignorado pela crítica. Fitzgerald conhecia já o declínio.

Elemento comum a cada uma destas narrativas será o *desenlace decepcionante*, isto é, em Fitzgerald o texto deve ser fruído em cada instante de leitura, o seu fascínio depende mais do olhar subtil lançado sobre lugares, objectos, gentes (da mestria desse olhar), do que de resoluções inesperadas. Recordemo-nos, por exemplo, da bela descrição da sala em que se encontra Daisy, no início de *«The Great Gatsby»*. O génio do escritor reflectido na *descrição* é capaz de conceber um espaço no limiar da realidade, num instante onde sonho, vida e arte se fundem. E tudo isso devido ao olhar genial do escritor. Trata-se de um momento narrativo incapaz de ser *traduzido* ou transposto para outra forma de expressão artística (como o comprova a adaptação cinematográfica).

Tal como na vida, mais do que um futuro cepticamente denegado pelas personagens, será assim o presente onde a nostalgia de um passado perdido se projecta, ou se tenta em vão reactualizar, que importa.

Deste modo, observa-se em *Sonhos de Inverno* a importância que um breve momento da juventude insinuou ao longo de toda a vida da personagem. «Mesmo a dor que podia ter sofrido ficara perdida longe, no país da ilusão, da juventude, da fragrância e do esplendor onde os seus sonhos tinham florido.» Esta narrativa é baseada em St. Paul e no subúrbio de Verão de Black Bear Lake. O universo da alta burguesia, seus hábitos, lazeres e devoções, fornecem o cenário onde o protagonista constrói um amor idealizado, vivido na fugacidade da juventude.

Também em *Resíduos de Felicidade* se apresenta um amor vivido intensamente, para depois se assistir à decadência dos corpos, dos lugares. O futuro existe ainda e todavia é como se a vida se suspendesse, como se ela se negasse tragicamente: «Para ambos a vida chegara e passara depressa, não deixando amargura mas piedade, não deixando desilusão mas sofrimento.»

Regresso à Babilónia é a última narrativa deste livro, correspondendo também à fase final da vida de Fitzgerald. A Babilónia insinua simbolicamente o predomínio da luxúria e da *transitoriedade* que se associa aos prazeres temporais. Assim, este regresso, porque de um regresso ao passado se trata, deverá corresponder, inevitavelmente, a um revisitar de fantasmas que lugares e gentes sugerem. A ironia trágica da resolução surge ligada ao facto de o destino, por mais eufórico que se afigure, se construir sempre sobre as cinzas da morte que o passado legou: «Voltaria qualquer dia; não lhe podiam exigir que pagasse eternamente. Mas queria a filha, e nada mais importava agora, além dela. Já não era um jovem com belos pensamentos e sonhos. Estava absolutamente certo de que Helen não desejaria que se encontrasse tão só.»

Estas narrativas revelam-nos personagens irremediavelmente marcadas pela *solidão*. E este é, desde Whitman, um tema sempre presente na literatura americana. Ao longo das histórias essas personagens confrontam-nos com uma memória que tenta a todo o custo apagar essa solidão. Mas, porque de reviver (reconstruir) o passado se trata, e porque esse tinha já sido o erro de Gatsby, o desencanto (a ironia trágica) determinará o seu presente e o seu futuro.

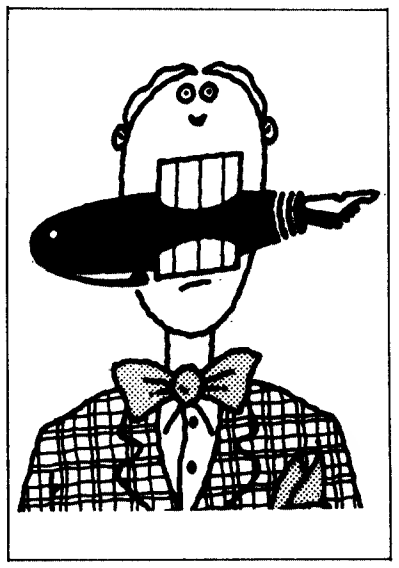
Daí que Mineápolis ou St. Paul possam fornecer essa protecção que o regresso matricial sugere. Nem que seja para construir ficções. Ou para beber uma taça de champanhe no Commodore.

Mário Avelar

«O Milagre Romano«/ Jean Gaudemet/Teorema

«O Milagre Romano» é, pela pena de Jean Gaudemet, um dos estudos que fazem parte de «O Mediterrâneo — Os Homens e a Herança», obra colectiva publicada sob a direcção de Fernand Braudel e difundida entre nós, em tradução cuidada de Teresa Meneses, sob a chancela da Editorial Teorema.

Nesse trabalho — em cujo título desde logo se repercutem ecos desse outro milagre, comummente tido por maior, o milagre grego... —, o leitor é levado a surpreender alguns dos fios que, ao longo dos séculos, enformaram, de um ou outro modo, o disciplinamento jurídico das relações humanas na Europa e, por extensão político-cultural, para além do Velho Continente.



Não se trata, obviamente, de uma análise exaustiva do que foi a herança romana no campo do Direito. Não, e da brevidade do seu estudo tem Jean Gaudemet perfeita consciência. O objectivo a que visa é, antes, o de detectar o génio jurídico de um povo que, através do tempo e das mais variadas vicissitudes económicas, sociais e políticas, se esforçou por elaborar, até ao pormenor mais subtil, um denso tecido de relações jurídicas. Tecido, esse, urdido não apenas dos múltiplos dispositivos legais que Roma foi concretizando — da Lei das XII Tábuas (provavelmente de meados do século V, que Roma foi mas de cujo conteúdo ressalta, arcaica, uma longa história de direito que se perde no suceder das centúrias...) às monumentais compilações de Justiniano (527-565 d.C.) —, mas elaborado também com o concurso ingente trabalho doutrinal e jurisprudencial dos doutores e dos práticos.

Os romanos terão, assim, criado e vivificado (nem sempre sem contradições, estas explicáveis por factores diversos), ao longo da sua milenária história, todo um vasto, meticuloso e complexo ordenamento jurídico, o qual, como acentua Gaudemet, forçoso é incluir numa herança ideológica bem mais vasta, de inegável influência no pensamento político, senão noutros domínios, como o das letras e das artes.

Realidade normativa norteada por valores, mas também pelo interesse prático, o Direito Romano cria o regime jurídico da «civitas» para disciplinar a «urbs» — o que levará Cícero, coerente, a considerar a cidade fundada pelo direito... —, cria a noção de «res publica» (aliás, não democrática), estabelece o conceito de «imperium» (tão caro ao Direito Público), congemina, consequente também, o de «populus», concebe e nominaliza inumeráveis categorias, classificações e institutos de Direito Público e de Direito Privado — o que, tudo, viria a ser do maior interesse, até, pelo menos, ao advento da Idade Contemporânea, para o plasmar das sucessivas ordens jurídicas, tanto de âmbito nacional como internacional.

Laico, obra de legisladores humanos, o Direito Romano avulta, deste modo, contraposto a um «fas» (a que caberiam, como objecto, as relações entre os homens e os deuses), como um verdadeiro «ius».

A sábia tessitura desse «ius», assim como a projecção deste até os tempos hodiernos — eis o «milagre romano» de que, em evocação ágil, Gaudemet se ocupa. Milagre romano que tem a explicá-lo, em medida não despicienda, o contributo de povos como o etrusco e o grego, mas que, nem por isso, deixa de suscitar menor admiração, como, pertinentemente, o autor acentua ao recordar o facto de a Igreja Cristã, já no decurso do século XII, não haver encontrado, para a união conjugal, melhor definição do que aquela que, na sequência de Modestino, jurista pagão, se encontra nas «Institutiones» de Justiniano: «viri et mulieris coniunctio, individuam consuetudinem vitae continens».

Romano, sobretudo (e apesar de tudo) romano, o milagre a que Gaudemet se reporta aí está, de algum modo ainda vivo, na cultura dos povos. Soubessem sempre estes invocá-lo — para o Bem!

Manuel Alexandre Alvim

Na terça-feira

Sete Ponto Sete

O jogo do reverso, António Tabucchi, Ed. Vega, col. Provisórios & Definitivos

«A chave do quadro está na figura do fundo, é um jogo de reverso». Este pequeno excerto do primeiro conto de Tabucchi poderá traduzir um ponto de vista que o autor persegue ao longo dos seus oito contos.

Imaginação, rigor, sensibilidade, ironia entrecruzam-se em várias camadas tecendo subitamente uma ideia genialmente traduzida através das palavras. Como Tabucchi diz algures em «Paraíso Celeste»: »...porque uma das finalidades do Ikabana era exactamente a de fazer com que se concretizasse em palavras a sensação que a composição tinha suscitado no nosso espírito».

Mas essa tradução pode ser tal como no «Juego del Revés»: «O jogo consistia nisto, dizia Maria do Carmo, púnhamo-nos em círculo, quatro ou cinco crianças, contávamos para ver quem devia ir para o meio, esse escolhia outro ao calhas e lançava-lhe uma palavra, uma qualquer, por exemplo *mariposa*, e aquele tinha que pronunciar logo ao contrário, mas sem reflectir, porque o outro contava um, dois, três, quatro, cinco e aos cinco tinha ganho, mas se tu

conseguias dizer a tempo *asopiram* então eras tu o rei do jogo, ias para o meio e desta vez lançavas tu uma palavra a quem querias».

Se nos detivermos nas constelações estruturais dos vários contos e sobre o ritmo da escrita, há diferenças, mas é no processo de repetição das diferenças que nos vamos aproximando da alma de Tabucchi, podendo dizer com ele »... que queimar um livro é como queimar uma pessoa».

No primeiro dos seus contos, denominado exactamente «O Jogo do Reverso», Tabucchi fala de nós, portugueses, atribuindo ainda a Fernando Pessoa o dom de compreensão do reverso das coisas:

«Pessoa é um génio porque percebeu o reverso das coisas, do real e do imaginário, a poesia dele é um *juego del revés*.

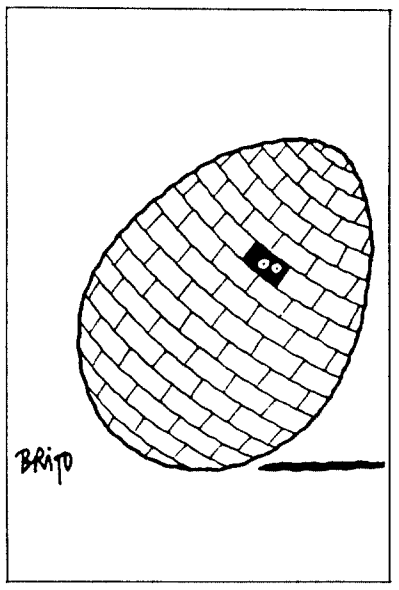
Em Tabucchi, no reverso da luminosidade está a penumbra, e por vezes ao contar-nos a penumbra, a chave está na luminosidade: é o reverso. O jogo do reverso.

«O Jogo do Reverso», um livro a não perder que traduz certamente e com esplendor o nascer de novas formas de escrita no contexto da história da literatura italiana.

Branca Matos Silva

António Franco Alexandre «As Moradas 1 & 2». Ed. Assírio & Alvim.

Não tenho estado nada bem. Um retrocesso, / uma maneira de vencer, de ter as mãos sem penas, / nenhuma imagem invulgar, apenas o bater / das pálpebras, elas agarram-se / viscosas ao sentido, / e nenhum ar oscila.» — diz-se em «As Moradas 1 & 2» de António Franco Alexandre. E nós ficamos com a serena inquietação que é a leitura de um texto onde a palavra se estratifica no amplo conhecimento de si. O que, de resto, acontece ao longo da leitura dos restantes poemas — esse calmo grito solitário que as palavras apreendem com um lirismo árido que nos atinge. Penso: «já me esqueci da água agora só vigio / os aviões que chegam ou levantam / na pista paralela do horizonte, / pilotos sonolentos, embrulhados no frio, / a voz no microfone destrocada / por transparentes rotas rente às nuvens. / o vidro embaciado não me deixa / bem decifrar o rosto, os gestos lentos, / a boca, que beijaram os segredos. / vou ver se nesta tarde me despenho, / onde é mais fácil enganar o tempo, / onde a rocha da água se separa. / talvez regresse a mim. talvez me aguarde / o vago comité a que pertence / a sábia ciência de contar os vivos, / talvez passe a manhã ouvindo a rádio / em vastas ambições e pensamentos; / vou ver se nesta tarde me desenho». Ou: «(...) / o gnomo grita, para quando o sensível prometido, / a exaltação do céu, o sol inteiramente / meu e de toda a gente? Porque tarda / a tão mesquinha salvação de



tudo? / o gnomo estremece, ao susto das lágrimas, / ao sulco da terra sobre o espaço nu». Ou: «dissolvo-me na sombra da paisagem, / separo-me de nós, / de mim, serei só quase / a chama no carvão que fica ardendo / noite fora. noite fora. / acordaremos, já sei, transparentes e sábios, / do outro dado da criação do mundo; / uma mão presa à luz, outra às trevas, / um só tronco de chamas, uma asa».

Introspecciona-se o Eu na sua desencantada mobilidade. Aceita-a com sábia submissão, embora tenha a intenção de se transformar. Contudo, algo lhe impede a magia da desejada mudança. O saber que «não existe / coisa nenhuma que se não visite»;

Serena, a escrita de «Moradas 1 & 2» oferece-nos ainda o fulgor da paixão. Cito: «nenhuma imagem é o permanente futuro dos corpos / quando se enlaçam, quando se sonham / a colina e a água, / a cidade e o rosto / móvel da multidão apaixonada, / que se afasta correndo para o lado da terra / onde jamais arderam». Ou: «a porta quase aberta diz que me recebes / quase fechada diz que me visitas. / assim te visite, assim te receba. / nenhuma palavra que o gesto não faça. / de águas me vista, em terra me vertas. / no corpo das flechas o sítio, nos rios».

«Moradas 1 & 2» de António Franco Alexandre apresenta-se como uma estética perfeccionista. Donde a dificuldade sentida ao comentá-la. A clara noção da impossibilidade de o fazer. Porém, consciente dessa limitação, urgente me era dar a conhecer esta poesia que nos agarra de um modo irresistível.

Ana Paula Portugal

Pescador à Linha

Por Luís Veiga Leitão

O *comboio chega* à beira da meia-noite. A Grande Lisboa dorme. O silêncio e a sombra evocam-me de repente o velho burgo no tempo de Fialho: «Todas as raparigas têm olheiras e todos os rapazes tossem». Indomável a tísica grassava. Quanto às olheiras, ouço o precioso eufemismo de Eugénio de Castro: «Canteiros de violetas à volta dos olhos». Durante a viagem fui em busca de um café na carruagem-bar. Pelo caminho e de relance, saltaram-me aos olhos a jovem e pálida mulher que lia Vinicius (Para Viver um Grande Amor) e uma japonesa que, decerto, espreitou-me pela fresta mínima dos olhos e, laminada, reduziu-me à espessura de um cabelo. O resto, eram alguns jornais mais ou menos lidos e dormidos. Espectro e síntese da nossa leitural cultura.

* * * *

IDOS E CALENDAS de José Carlos González. Saber e força rítmica, um toque metálico, preciso, o real e o surreal a um tempo lírico e caústico — a retomar a espaços o fio terso dos nossos cancioneiros na arte de «Escarnho e Mal Dezer» contra os podres e odres de uma sociedade inimiga do homem. Livro raro, raríssimo até, neste vasto rodízio poético.

* * * * *

Dentro do mar é segredo. O mar sonha as nuvens. Maria Priscila Soares.

* * * * *

Muita neve vai pela serra. Daí, a memória mingua.

* * * * *

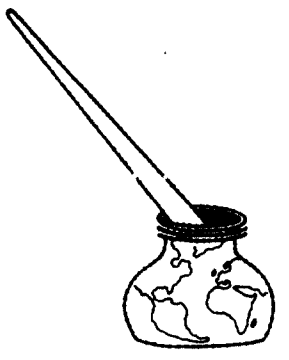
Por que (basta uma só vez) o mais delicado, o mais polido, o mais sensível dos homens, sem no fundo querer, solta em palavras a configuração de uma besta? É a vida que retorce a linha mais a prumo. Será?

NÓ — Revista da Associação dos Escritores da Língua Galega. No texto e feitura gráfica, uma das publicações mais relevantes que, no género, tenho lido. Bem hajam os seus autores. Pena é que, por intermédio deste veículo, autores portugueses permaneçam distantes...

FERNANDO GRADE
47 54 ALMA BURRA
poemas
1

Sessão de autógrafos
pelo
ESCRITOR E PINTOR
FERNANDO GRADE
Na Feira do Livro
da Cidade
de Torres Vedras
próximo sábado (à tarde)
próximo domigo (à tarde e à noite)

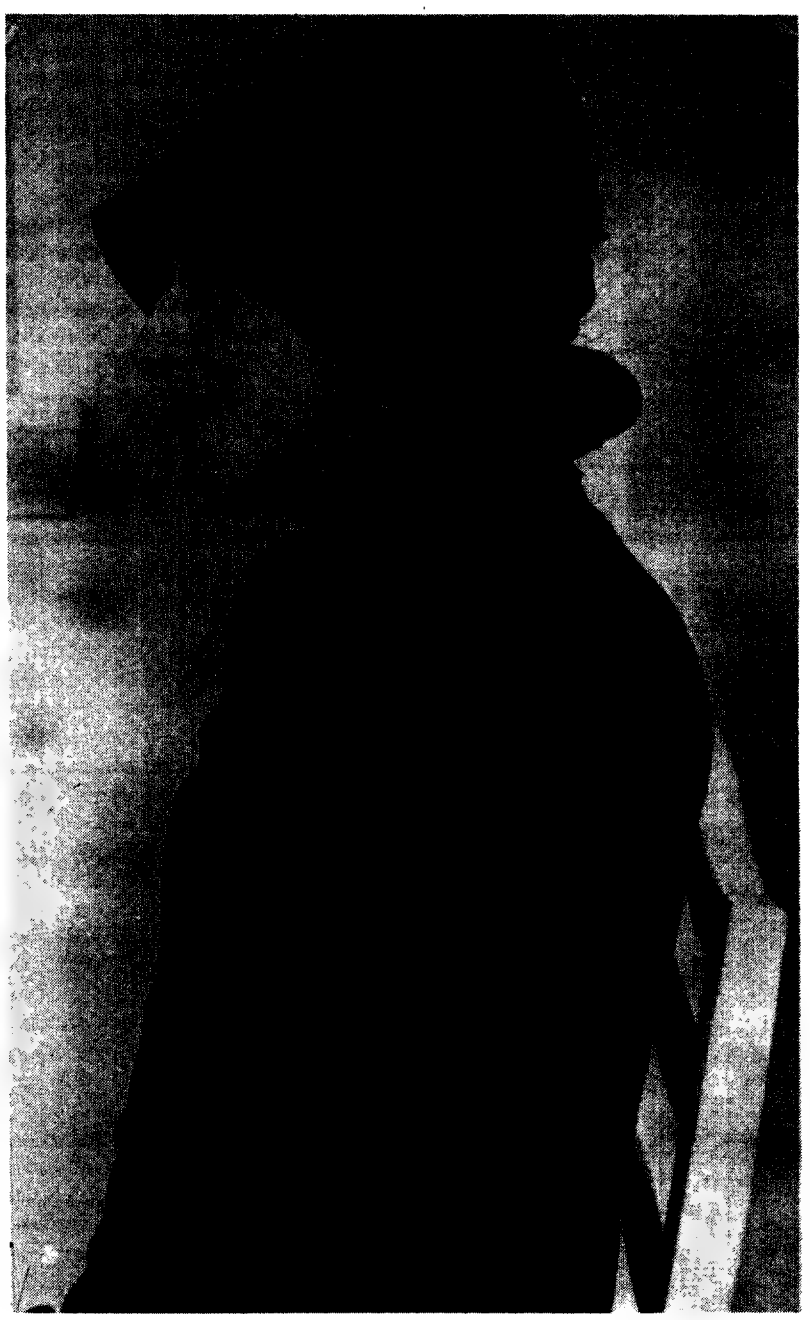
Lançamento da MIC
no 25.º aniversário
da vida literária
de Fernando Grade



História de um galante

Karen Blixen

*Com a saída do segundo volume dos «Sete Contos Góticos», a baronesa Karen Blixen passa a estar entre os autores estrangeiros que, postumamente, conquistaram o seu público regular em Portugal. Sinal dos tempos, trata-se de uma escritora que foi dada a conhecer por um filme — **Out of Africa**, em português **África Minha** — baseado num dos seus textos. Em homenagem à autora, aqui fica o seu conto **História de um galante**, que com a devida vénia tomamos de empréstimo à Dom Quixote. História de um galante está incluído no primeiro volume dos contos góticos, editado na «Biblioteca de bolso» em tradução de Maria José Jorge.*



MEU pai tinha um amigo, o velho barão Von Brackel, que nos seus tempos foi grande viajante e conheceu muitos homens e cidades. Em nada mais se assemelhava a Odisseus, e dele não poderia de facto dizer-se que fosse engenhoso, pois demonstrou fraquíssima habilidade em gerir os seus negócios. Provavelmente por sentir-se um fracasso sob esse aspecto, cuidadosamente evitava discutir assuntos da vida prática com a nova e mais eficiente geração, os apaixonados por uma carreira e pelo sucesso. Mas de teologia, da ópera, de moral, e de outros improfícuos temas falava, e era ouvido com prazer.

Fora na juventude singularmente belo, de uma sorte de beleza ideal, e embora o seu rosto não conservasse agora um só traço dessa beleza, a história dela podia reconhecer-se na dignidade optimista, na segurança de si, que são o produto de uma carreira de formosura e que, inexplicavelmente, se podem encontrar no porte dessas ruínas trémulas que costumavam olhar os espelhos do século passado com delícia. Assim se poderia apontar, numa *danse macabre*, os esqueletos dos que foram realmente as flores do seu tempo.

Uma noite em que conversávamos, veio à baila um velho tema a que fez jus a literatura do passado: só se pode colher um benefício verdadeiro, obter uma satisfação moral duradoura, renunciando a uma inclinação por amor a um princípio. E foi no decurso dessa conversa que ele me contou esta história:

Numa noite de chuva do Inverno de 1874, numa avenida de Paris, uma jovem embriagada acercou-se de mim e falou-me. Eu, nessa altura, era, como compreende, muito novo. Estava completamente desnorteado, muito infeliz, e sentei-me, sem um chapéu, à chuva, num banco da avenida porque tinha rompido com uma senhora que eu, como nós dizíamos então, idolatrava, que passara aquela última hora tentando envenenar-me.

O caso, conquanto nada tenha a ver com o que ia contar-lhe, foi também uma história curiosa. Durante muitos anos não pensei nele, até que uma noite, da última vez que estive em Paris, vi essa senhora num camarote da Ópera, muito velha agora, acompanhada de duas encantadoras meninas vestidas de cor-de-rosa e que eram segundo me disseram, suas bisnetas. Ela havia perdido a beleza mas nunca, em todo o tempo que a conheci, eu a vira tão contente. Depois tive pena de não ter ido cumprimentá-la ao seu camarote, pois se o nosso velho romance pouca felicidade nos trouxe aos dois, creio bem que ela havia de ficar tão satisfeita por lhe recordarem a formosa jovem que ela fora, e que tantos homens fizera infelizes, como eu fiquei a lembrar, vagamente que fosse, o rapaz que em tempo tão infeliz fora por causa dela.

A sua grande beleza, a menos que um raro artista tenha podido preservá-la na cor ou no barro, só existirá hoje, talvez, na memória de alguns velhos como eu. Nesse tempo era algo de maravilhoso. Ela era loura. a mais loura mulher, creio, que alguma vez eu vi, mas não era uma destas vossas beldades brancas e rosas. Ela era toda pálida, descolorida, como um velho desenho a pastel ou uma imagem de mulher num espelho baço. Naquele corpo frágil e distante albergava-se uma energia ímpar, e uma distinção que as mulheres de hoje não têm, ou já não querem ter.

Vira-a e apaixonara-me por ela no Outono, no *château* de um amigo que nos acolhera, como aos outros desse imenso grupo de jovens descuidados que estarão hoje, se é que ainda vivem, fanados, corcundas e surdos. Estávamos ali para caçar, e creio que lembrarei até ao fim dos meus dias a sua imagem sobre um grande cavalo baio que ela tinha, e essa brisa de Outono com prenúncios de geada, quando voltávamos ao cair da tarde, quentes nas roupas frias, cansados, atravessando lado a lado uma velha ponte de pedra. O meu amor era a um tempo humilde e audacioso, como o de um pajem pela sua senhora, porque ela era tão admirada, a sua beleza tinha um tal quê de desdém, que chegaria a dar sonhos tristes a um rapaz de 20 anos, pobre e estrangeiro no seu círculo. Por isso cada hora que passávamos juntos, cavalgando, dançando, ou compondo *tableaux vivants*, era exuberante de dor e de êxtase, aquilo que você saberá por si: toda uma orquestra a vibrar no coração. Quando ela me fazia feliz, como se costuma dizer, eu pensava que o era de facto. Lembro-me de estar fumando um charuto no terraço, uma manhã, sobranceiro à larga paisagem de colinas baixas e azuis de arvoredo, e fornecer a Deus uma sorte de receita para a felicidade a que alguma vez me julgasse com direito na vida. Acontecesse o que acontecesse então, tinha vivido a parte que me cabia, e declarava-me satisfeito.

O amor, nos muito jovens, não tem coração. Bebemos nessa idade porque temos sede, ou porque nos queremos embriagar, só anos mais tarde nos ocupamos da individualidade do nosso vinho. Um jovem apaixonado vive essencialmente arrebatado pelas forças que possui dentro de si. Há quem volte a esse tipo de amor numa segunda adolescência. Um velho russo, conheci eu em Paris, imensamente rico, que mantinha as dançarinas mais jovens, as mais bonitas, e que, perguntando-lhe alguém se tinha, ou precisava ter, algumas ilusões a respeito do que elas sentiriam por ele, reflectiu na pergunta e respondeu: «Acho que, se o meu cozinheiro me apresenta uma soberba omeleta, não me preocupo muito em saber se ele gosta de mim ou não.» Um jovem não responderia com estas palavras, mas diria talvez que não se importava que o homem que lhe vendia o vinho fosse ou não da sua religião, imaginando estar assim aproximando-se da verdade das coisas. Na meia-idade, porém, chegados a uma humildade mais profunda, começamos a considerar importante que a pessoa que nos vende ou que produz o nosso vinho seja da nossa religião. Neste meu caso, que lhe estou contando, a minha vaidade juvenil, se a tinha em excesso, iria ser em breve castigada. Pois nos meses desse Inverno, enquanto estivemos ambos a viver em Paris, onde a sua casa era o ponto de encontro de muitos *bel-esprits* e ela a diletante admirada nas artes e na música, comecei a pensar que ela se servia de mim, ou do seu amor por mim, se assim se pode dizer, para fazer ciúmes ao marido. Isto mesmo aconteceu, suponho, a muitos jovens em todos os tempos, sem que a soma das suas experiências sirva de alguma coisa ao jovem que, hoje em dia, se ache na mesma posição. Comecei a interrogar-me sobre a relação que existiria entre esses dois, e a força estranha que haveria nela, ou nele, que me fazia assim o joguete de um e do outro, e acho que principiei a ter medo. Ela tinha ciúmes de mim, aliás, e ralhava-me com uma sorte de indignação moral, como seu eu fora um cavalariço descuidoso dos seus deveres. Eu pensava que não podia viver sem ela, e que ela também não quereria viver sem mim, mas exactamente o que ela queria de mim eu não sabia. O seu contacto doía-me como dói tocar o ferro num dia de Inverno: não se sabe se a dor é provocada pelo calor se pelo frio.

Antes ainda de a conhecer tinha lido que, na sua família, cujo nome percorre séculos da história de França, costumava haver lobisomens, e por vezes achava que me teria dado maior felicidade vê-la fincar-se em quatro patas e rosnar para mim, porque então saberia o que pensar. E mesmo até ao fim vivemos horas, os dois de singular encanto, pelas quais sempre lhe serei grato. No primeiro ano que passei em Paris, antes de conhecer alguém ali, dediquei-me a estudar a história dos velhos *hôtels* da cidade, e este meu passatempo agradou-lhe tanto a ela, que costumávamos mergulhar nos velhos bairros de Paris e no seu passado, longamente falando da época de Abelardo ou de Molière, e enquanto assim brincávamos ela era cheia de seriedade e de gentileza como uma rapariguinha. Mas de outras vezes eu pensava que não aguentaria mais, e tentava afastar-me dela, e a mínima suspeita disso bastava-lhe, imagino eu, para a fazer ficar acordada pela noite fora, magicando novas maneiras de me castigar. A nossa ligação era o velho jogo do gato e do rato — provavelmente o modelo original de todos os jogos que há no mundo. Mas, como o gato põe nesse jogo mais paixão, e o rato apenas o raso interesse pela sobrevivência, este último por força se cansará primeiro. Para o fim, pensei que ela desejava que fôssemos descobertos, tão negligente se mostrava nesta nossa *liaison*; e nesses dias um romance tinha de ser conduzido com prudência.

Lembro-me que, durante este período, fui ao seu *hôtel*, na noite de um baile a que ela ia, e para o qual eu não fora convidado, disfarçado de cabeleireiro. Nos anos 70 as senhoras usavam grandes *chignons*, e o trabalho de um *coiffeur* demorava o seu tempo. E toda essa noite a lembrança do marido me perseguiu como, pensei eu, a sombra gigantesca, sobre um pano de fundo branco, de um polichinelo absurdamente pequeno. Comecei a sentir-me tão cansado — não dela, exactamente, mas na realidade exausto em mim mesmo — que tentava convencer-me a fazer-lhe uma cena de explicações, mesmo correndo o risco de a perder assim, quando subitamente, na noite que lhe estava contando, ela própria me

Continua na pag 5

Continuação da pág. 4

fez a cena e me pediu as explicações num tal furacão como eu nunca voltei a conhecer igual; e exactamente com as mesmas armas que eu tinha preparado para mim próprio: a acusação de que eu estimava mais o marido do que a estimava a ela. E quando ela me disse isto, naquele seu *boudoir* azul-pálido que eu conhecia tão bem — a caixinha forrada e estofada a seda, muito perfumada, onde as senhoras desse tempo gostavam de ficar, lembro-me ainda, com alguns quadros de flores nas paredes e almofadas maciíssimas espalhadas por todo o lado, e uma profusão de lilases no canto atrás de mim, a luz suavizada por um grande *abat-jour* vermelho — eu não fui capaz de responder-lhe, pois sabia que ela tinha razão.

Se eu lhe dissesse o nome dele havia de o reconhecer, pois ainda hoje se fala desse homem, que morreu há tantos anos. Ou encontrá-lo-ia em qualquer livro de memórias daqueles tempos, porque ele era o ídolo da nossa geração. Mais tarde foi vítima de um grande infortúnio, mas nesse tempo — creio que tinha então 33 anos — o seu passo era tranquilo e banhado por todo o esplendor do seu estranho poder. Ouvi uma vez, por essa altura, dois velhos conversarem sobre a mãe dele, que tinha sido uma das beldades da Restauração, e um deles dizia que ela se encarregava de todas as suas famosas jóias com a leveza e a graça com que uma outra jovem se enfeitaria de grinaldas de flores campestres. «Sim — disse o outro depois de reflectir por um momento — e espalhou-as à sua volta, por fim, como flores, *à la Ofélia*.» Por conseguinte, acho que essa rara leveza que ele tinha, bem como a sua fraqueza, seriam um traço de família. Mesmo os seus mais extravagantes caprichos, e esse maneirismo a que então chamávamos *fin de siècle*, e que nos enchia de orgulho, tinham o seu quê de *grand siècle*: uma nobreza pura que era apanágio da velha França.

Desde então tenho olhado para esses grandiosos edifícios do século XVII, que parecem tão inadequados à vida diária dos seres humanos, e pensado que devem ter sido construídos para ele — e para sua mãe, talvez — ali viverem. Ele tinha fé na vida, independentemente do sucesso que todos lhe invejávamos, como se soubesse que podia, querendo, conjurar forças maiores, desconhecidas para nós. Muito pensei sobre o humano fado quando, anos mais tarde, soube que este jovem, perto já do fim do seu trágico destino, respondera, aos amigos que lhe imploravam em nome de Deus, com as palavras do Ajáx de Sófocles: «Importunas-me, mulher. Não sabes tu que eu já nada devo aos deuses?»

Vejo que não devia ter começado a falar dele, mesmo à distância de tantos anos; mas o ideal da nossa juventude será sempre um marco entre os acontecimentos e as emoções mortas há muito. Ele em si próprio nada tem a ver com esta história.

Disse-lhe já que eu próprio sentia como verdade que os meus sentimentos por essa linda mulher, que eu idolatrava, pouco peso teriam realmente, se comparados ao que eu sentia por aquele homem. Se ele a acompanhara quando eu a conheci, ou se tivera conhecido a ele primeiro, penso que nem sequer sonharia em apaixonar-me por essa mulher.

Mas o amor da mulher por ele, e os ciúmes, eram, de facto, de uma estranha natureza. Que ela estava apaixonada pelo marido soube-o desde o momento em que principiou a falar dele. Provavelmente já eu o sabia há muito. E ela era ciumenta. Sofria, chorava — era, como lhe disse, capaz de matar, se outro expediente não tivesse — e essa luta, que naturalmente seria a única realidade da sua vida, era sempre, não um combate pela sua posse, mas uma competição. Invejava o marido como a mulher inveja uma outra elegante, uma rival, ou se como ela própria fosse também um homem com ciúmes dos seus triunfos. Creio que, dentro de si, ela estava sempre só com ele num mundo que desprezava. Quando cavalgava desenfreadamente, quando se rodeava de admiradores, ela sempre o observava, como um corredor de quadriga tem sempre os olhos postos no adversário que corre a seu lado. Quanto a nós outros, só existíamos na medida em que estávamos destinados a pertencer-lhe a ela ou ao marido, e a sua atitude para com um amante media-se pela atitude da amazona que toma o obstáculo: apenas para acumular mais conquistas do que o homem por quem estava apaixonada.

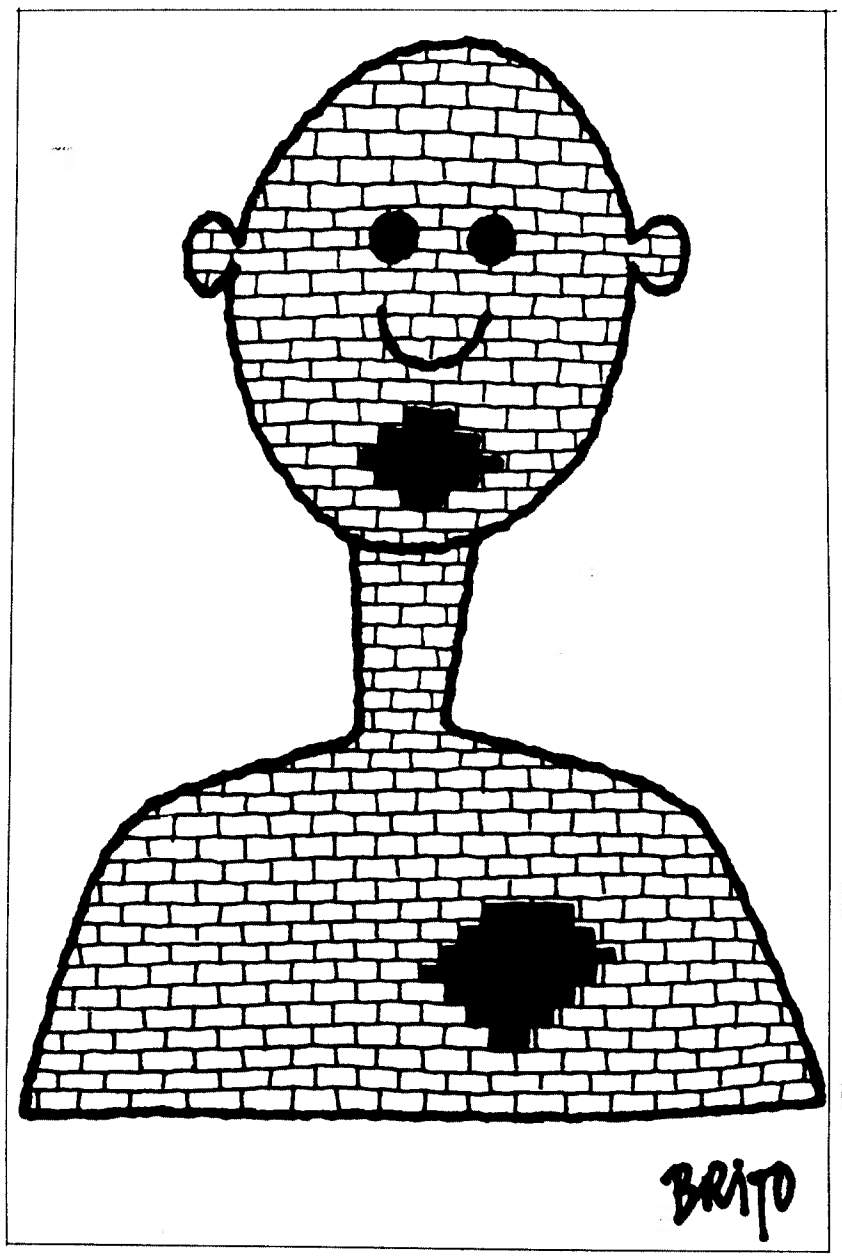
Não posso evidentemente saber como tudo começou entre eles. Posteriormente, esforcei-me por acreditar que se ficara a dever a um desejo e vingança por parte dela, em consequência de alguma coisa que ele lhe fizera no passado. Mas eu sentia que esta paixão estéril era o que lhe estava consumindo toda a cor.

Agora já percebeu que tudo isto se passou nos primeiros tempos dessa era a que chamávamos a da «emancipação feminina». Muitas coisas singulares aconteceram então. Não creio que, ao tempo, o movimento tenha atingido todas as camadas sociais, mas estas jovens da mais alta inteligência, e as mais ousadas e engenhosas de entre elas, saíram do *chiaroscuro* de milhares de anos, os olhos cegos de luz, loucas do desejo de experimentarem as novas asas. Acredito que algumas delas colocaram a armadura e a auréola de Joana d'Arc, que, ela própria, foi uma virgem emancipada, e se tornaram anjos violentos. Mas a maioria das mulheres, quando se sentem livres de experimentar com a vida, enfiam-se imediatamente num Sabat de bruxas. Eu até as respeito por isso, e penso que não seria capaz de amar realmente uma mulher que não tivesse tido, uma vez ou outra, o diabo no corpo.

Sempre pensei que é uma injustiça para a mulher não ter estado nunca sozinha no mundo. Adão pôde, por um tempo, muito ou pouco, caminhar sobre uma terra jovem e serena, entre os animais, na posse inteira da sua alma, e a maioria dos homens nasce ainda com a memória desse tempo. Mas a pobre Eva, essa, já o encontrou a ele, reclamando-a para si, no momento em que abriu os olhos para o mundo. E isto nunca a mulher perdoou ao Criador: ela sente-se com direito a reaver para si própria esse tempo no Paraíso. Só que para sua pouca sorte, ao perseguir-se um tempo já passado, sempre o apanhamos de raspão e pelo avesso. Assim estas jovens bruxas alcançavam tudo o que queriam como numa imagem catóptrica.

As velhas desses tempos, as defensoras do lar e da Igreja, diziam que a emancipação estava a dar volta à cabeça das raparigas. Provavelmente outras mulheres havia, além da minha amante, que usavam cavalgar os ares, e tinham o rosto implantado na nuca à maneira do caçador maravilhoso da história. E no ar andava também a teoria, logo abraçada por elas, que o ciúme do amante era uma coisa ignóbil, e que nenhuma mulher deveria deixar-se possuir por outro macho que não o diabo. A caminho da união com ele, orgulhavam-se de levar ao homem, segundo se diz no *Fausto*, sempre mil passos de avanço. Mas o ciúme da competição era, como entre Adão e Lilith, uma nobre contenda. E então via-se, não só as velhas bruxas do *Macbeth*, de quem se podia esperá-lo, mas até as jovens mulheres de faces macias como flores, enlouquecidas, furiosas de inveja do bigode dos amantes. Tudo isto elas aprenderam lendo — à maneira das bruxas ortodoxas — o livro do *Génesis* de trás para a frente. Por si mesmas, talvez tivessem aproveitado bastante. Foram os pregadores masculinos, servis, medíocres — que faziam, como todos os bruxos homens, tristíssima figura nos Sabats — que lhe destruíram o estilo e o rasgo ao trazê-lo à terra e à alçada das leis da razão terrena. Creio, porém, que as coisas estão mudadas e que, nos dias de hoje, era da emancipação masculina, se achará o jovem amante seguindo o rasto que a sombra da feiticeira deixou marcado e, com uma inventiva infinitamente menor, misturando à lareira a mortal poção que lhe dará, cheio de inveja dos seus seios.

O papel que me coube na história da minha jovem bruxa emancipada não foi nada lisonjeiro. Não obstante, creio que ela gostava desesperadamente de mim, provavelmente com esse tipo de paixão que a menina sente pela sua boneca favorita. E, sob esse prisma, eu fui realmente a figura central do nosso drama. Se ela fora Otelo, seria eu, e não o seu marido, quem deveria aceitar o papel de Desdémona, e posso perfeitamente imaginá-la a suspirar, «Ah, que dor, que dor fazê-lo, Iago», por este caso infeliz, querendo até dar-me um beijo e outro ainda, antes de acabar com tudo. Só que ela não queria matar-me por justiça ou por vingança. Ela queria destruir-me para que não tivesse de perder-me e ver alguém que lhe pertencia e que lhe era muito querido passar para o seu rival, à maneira de um resoluto general que prefere fazer explodir a fortaleza que não pode defender a vê-la cair nas mãos do inimigo.



Foi quase no fim da nossa entrevista que ela tentou envenenar-me. Creio bem que o seu plano era outro, que tencionava dizer-me o que pensava de mim quando eu já tivesse ingerido o veneno, mas que foi incapaz de controlar-se por tanto tempo. Como há-de compreender, havia qualquer coisa de artificial em tomar um café naquela altura do nosso diálogo. A maneira como ela insistiu para que o tomássemos, e o seu súbito silêncio de morte quando ergui a chávena para a levar aos lábios, traíram-na. Ainda me lembro, embora apenas lhe tenha tocado, do gosto insípido e letal do ópio e se tivesse esvaziado a chávena não sentiria o estômago revolver-se mais ou a medula dos ossos desfazer-se tanto como à convicção abrupta e fatal de que ela queria ver-me morto. Deixei cair a chávena, desfalecido, como um homem prestes a afogar-se, e ali fiquei a olhar para ela, e ela teve um movimento incontrolado, como se quisesse ainda atirar-se a mim. Ficámos então imóveis por um minuto, ambos sabendo que tudo estava perdido. E, instantes depois, ela vacilava, soluçando, as mãos tapando a boca, subitamente transformada numa mulher muito velha. Por minha parte, eu não conseguia articular um som, e creio que fugi daquela casa mal tive forças para mexer-me. O ar, a chuva e a própria rua vieram ao meu encontro como velhos amigos esquecidos, leais ainda nessa hora de aflição.

E fui então sentar-me num banco da Avenue Montaigne, com todo o edifício do meu orgulho e felicidade jazendo a meus pés em ruínas, num enjoo mortal de horror e humilhação, quando essa rapariga, de quem eu lhe falava, se dirigiu para mim.

Creio que fiquei ali sentado durante algum tempo, e ela ficou a observar-me até reunir coragem para se aproximar. Provavelmente sentia uma qualquer afinidade entre nós, julgando que também eu estava embriagado, já que ninguém, no seu juízo se vai sentar à chuva sem um chapéu, e talvez também porque a minha idade era tão próxima da sua. Não ouvi o que ela disse, nem da primeira nem da segunda vez. Não estava com disposição para conversas com raparigas da vida. Creio que foi por puro instinto de conservação que finalmente a olhei e a ouvi. Tinha de fugir aos meus próprios pensamentos, e qualquer ser humano seria bem-vindo se me ajudasse a fazê-lo. Mas ao mesmo tempo havia uma graciosidade, uma expressividade extraordinárias na rapariga, que talvez me tenham despertado a atenção. Ela estava parada à chuva, as faces cobertas de *rouge*, os olhos radiosos como estrelas, muito direita embora mal se firmasse das pernas. Como eu continuasse a fitá-la, ela riu-se, num riso baixo e claro. Era muito jovem. Segurava o vestido com uma das mãos — nesses tempos as mulheres usavam

Continua na pág. 6

Um conto gótico de Karen Blixen

Continuação da pág. 5

vestidos de cauda na rua. Na cabeça tinha um chapéu preto com plumas de avestruz, que a chuva fazia pender tristemente, e que lhe sombreava a testa e os olhos. A curva suave e firme do seu queixo e o pescoço redondo e jovem brilhavam à luz do gás. É assim que ainda a vejo, embora dela guarde uma outra imagem também.

O que nela me impressionou foi o parecer toda fremente de um estranho alvoroço, como embriagada pela situação. O seu modo de abordar-me não foi o convencional. Parecia alguém embarcado numa grande aventura, ou alguém que calasse um segredo. Creio que, ao olhá-la, comecei a sorrir, com um sorriso feito de amargura e turbulência que só os jovens conhecem, e que isso lhe deu coragem. Aproximou-se mais. Remexi o bolso à procura de algum dinheiro para lhe dar, mas não trazia dinheiro comigo. Levantei-me e principiei a andar, e ela seguiu-me, caminhando a meu lado. Lembro-me de sentir um certo conforto em tê-la perto de mim, porque eu não queria estar sozinho. Foi assim que aconteceu eu deixá-la acompanhar-me.

Perguntei-lhe o nome. Disse que se chamava Nathalie.

Nesta época eu tinha um emprego na Legação, e habitava um apartamento na Place François I, de modo que não tivemos de andar muito. Estava preparado para voltar tarde a casa, e nesses tempos, em que voltava a desoras, costumava ter um lume aceso e uma ceia fria à minha espera. Quando entrámos o aposento estava quente e iluminado, e a mesa estava posta para mim em frente à lareira. Havia uma garrafa de champanhe no gelo. Eu costumava ter sempre uma garrafa de champanhe para quando voltava das minhas *heures du berger*.

A rapariga olhava em volta com uma expressão contente. Aqui à luz do candeeiro, pude ver realmente como ela era. Os caracóis sedosos eram castanhos, e os olhos azuis. O rosto era redondo, de larga fronte. Era maravilhosamente bonita e graciosa. Creio que ela me maravilhava como alguém se maravilha ao encontrar um ramo de rosas frescas na sarjeta, nada mais. Se estivesse no meu estado normal, suponho que teria procurado extrair-lhe uma explicação do mistério que ela era, mas penso que tal nem me ocorreu.

A verdade é que ambos devíamos estar numa disposição de espírito bem singular, e que talvez nunca se tenha repetido nela ou em mim. Eu sabia tão pouco do que a comovia, como ela saberia do meu estado de ânimo, mas, extremamente agitados e tensos ambos, encontrávamo-nos numa especial harmonia. Eu, em parte atordoado e em parte anormalmente sensível e desperto, tomei-a em todo o meu egoísmo, sem dedicar um pensamento ao lugar de onde ela viera, e onde voltaria a desaparecer, como se ela fosse uma dádiva, e a sua presença um acaso bom e amistoso do destino, nesse momento em que eu não podia ficar só. Parecia-me que ela tinha surgido, como um pequeno espírito travesso, da grande cidade que se estendia lá fora — Paris, que a todo o momento pode prestar-nos favores inesperados — e que a tinha mandado a ela no momento exacto. Do que ela pensava de mim ou do que sentia por mim, nada poderei dizer. Nesse momento eu não pensava nisso, mas agora, olhando para trás, creio que também eu devo ter simbolizado alguma coisa para ela, fraca existência tendo como indivíduo.

Senti que era como uma grande felicidade, um calor que me avivasse, que ela fosse tão jovem e bonita. Fez-me rir de novo, depois daquelas horas sombrias e sinistras. Tirei-lhe o chapéu, ergui-lhe o rosto e beijei-a. Então me dei conta de como ela estava encharcada. Deve ter andado durante horas à chuva, pelas ruas, porque as suas roupas eram como as penas de uma galinha molhada. Fui até à mesa e abri a garrafa, enchi um copo e estendi-lho. Ela bebeu de pé em frente ao lume, os caracóis molhados e soltos tombando sobre a testa. Com as faces vermelhas e os olhos brilhantes, ela parecia uma criança que tivesse acordado, ou uma boneca. Bebeu metade do vinho, muito lentamente, os olhos postos em mim, e, como se esse meio copo de champanhe a tivesse levado a um ponto em que já não podia manter-se calada, ela principiou a cantar numa voz baixa, suave, mal movendo os lábios, os primeiros versos de uma canção — uma valsa — que então se cantava em todos os teatros de variedades. Interrompeu-se, esvaziou o copo e entregou-mo. *À votre santé,* disse ela.

A sua voz era tão alegre, tão pura, como o canto de um pássaro no ramo, e de todas as coisas a música era a que nesse momento me ia direita ao coração. O seu canto aumentou a impressão que eu já sentia de que alguma coisa de especial e de sobrenatural me tinha sido enviada. Voltei a encher-lhe o copo, rodeei-lhe o pescoço roliço e branco e afastei-lhe as madeixas molhadas da face. «Como diabo é que se foi encharcar assim, Nathalie? — disse eu, como se fosse sua avó. — É preciso tirar essas roupas molhadas e aquecer-se.» Ao falar a minha voz mudou. Voltei a rir. Ela fixou as estrelas dos seus olhos em mim. O seu rosto estremeceu por um momento. Depois principiou a desabotoar a capa, e deixou-a cair no chão. Sob a capa de renda preta, imprópria para a estação e coçada nas orlas até um tom castanho de ferrugem, ela trazia um vestido de seda preta, apertado no busto, na cintura e nas ancas, e depois pregueado e drapeado, com os folhos e os tufos que as senhoras usavam nesse tempo, nos primeiros dias da *tournure*. As dobras da saia brilhavam à luz da lareira. Comecei a despi-la, como teria despido uma boneca, muito lentamente, muito sem jeito, e ela permaneceu de pé,

direita, deixando-me actuar. A frescura do seu rosto tinha uma expressão grave e infantil. Uma ou duas vezes se ruborizou sob as minhas mãos, mas quando lhe desapertei o justo corpete e lhe toquei os ombros frios e o seio, o rosto suavizou-se num largo sorriso e ela ergueu a mão para tocar nos meus dedos.

O velho barão Von Brackel fez uma longa pausa.

«Acho que lhe devo explicar — disse ele — para que possa entender bem esta história, que despir uma mulher era então muito diferente do que será hoje. Que roupas usam as senhoras hoje em dia? Para já, as menos possíveis — algumas linhas perpendiculares, logo decepadas antes que tenham tempo de se desenvolverem com algum sentido. Não obedecem a um plano. Existem em função do corpo, não têm uma carreira própria, ou, se alguma missão elas têm é a de revelar.

Mas nesses tempos o corpo de uma mulher era um segredo que as roupas tudo faziam para preservar. Nós íamos passear para as ruas nos dias de mau tempo, só para entrever um tornozelo, visão que deve ser tão banal para um jovem de hoje como os pés desses copos para vinho que vocês usam. As roupas, nesse tempo, tinham uma existência, ideias próprias. Com uma serenidade que não era fácil penetrar, elas chamavam a si a transformação do corpo que envolviam, na criação de uma silhueta tão diferente da forma real da mulher, até fazer dela esse mistério que era um privilégio divino desvendar. As longas fitas do espartilho, as barbas-de-baleia, as saias e os saiotes, as *tourmures* e os drapeados, toda esta massa de recido em que as mulheres do meu tempo se sepultavam, a que se enlaçavam, tão apertadas quanto podiam suportar — tudo isso visava uma só coisa: dissimular.

De uma tremenda espuma de caudas, pregueados, rendas e folhos, que ondeavam e ondulavam *secundum artem* a cada movimento, emergia a cintura como o cálice de uma flor, sustentando o busto, alto e redondo como uma rosa, mas prisioneiro das barbas-de-baleia até aos ombros. Imagine agora quão diferente deve ter parecido a vida, quão diferente a devem ter sentido as criaturas que viviam dentro desses espartilhos apertados, nos quais apenas podiam respirar, e dentro desses abismos de roupa que elas arrastavam consigo onde quer que fossem ou se sentassem, e que nem sequer sonhavam que podia ser de outro modo, comparada com a existência das jovens de hoje, cujas roupas mal lhes tocam e nem espaço ocupam. A mulher era então uma obra de arte, o produto de séculos, de civilização, e falava-se da sua figura como se falava do seu salão, com a mesma admiração que se vota à obra de um talentoso e infatigável artista.

E sob tudo isto era a própria Eva que se movia e respirava, para verdadeiramente se nos revelar quando despisse a sua máscara, a cintura delicadamente marcada ainda do espartilho como de uma cinta de pétalas de rosa.

E a vocês, jovens que riem das ideias e das *tournures* dos anos 70, e que me dizem que, apesar de toda a nossa artificialidade, pouco mistério nos deve ter restado, permitam-me que vos diga que não compreendem talvez o significado do mundo. Nada é mistério se não simbolizar alguma coisa. Até o pão da Igreja terá de ser cozido, e o vinho santo engarrafado, suponho. As mulheres desse tempo eram mais do que um conjunto de indivíduos. Elas simbolizavam, ou representavam, a Mulher. Quer-me parecer que até a palavra, nesse sentido, caiu em desuso. Enquanto nós falávamos da mulher — e com cinismo, como nos agradava supor — vocês falam das mulheres, e toda a diferença está aí.

Lembra-se dos doutores da Idade Média, que discutiam o que tinha sido criado primeiro, se a ideia de cão ou um cão individual? Para vocês, que aprendem estatística antes de aprenderem a ler, não devem subsistir quaisquer dúvidas. E é de justiça dizer-se que o mundo, na realidade, parece ter sido feito em jeito de experiência. Mas, para nós, até as ideias do velho Darwin eram novas e estranhas. As nossas ideias do velho Darwin eram novas e estranhas. As nossas ideis provinham de empresas tais como sinfonias e cerimoniais da corte, e fôramos educados na marcada distinção entre um nascimento legítimo e outro ilegítimo. Tínhamos fé numa finalidade. A ideia de Mulher — ou *das ewig weibliche,* a que nem vocês serão capazes de negar um certo mistério — tinha para nós sido criada no Princípio, e as nossas mulheres fizeram sua a missão de representá-la condignamente, como suponho que sempre foi missão do cão individual representar condignamente a ideia de cão para o Criador.

Poder-se-ia seguir, então, o desenvolvimento desta ideia numa rapariguinha, à medida que ia crescendo e, gradualmente, sem dúvida de acordo com antiquíssimas leis, se ia iniciando nos ritos do culto em que por fim era ordenada. Lentamente o centro de gravidade do seu ser se mudava do individual para o simbólico, e achar-se-ia então nela esse particular orgulho mesclado de modéstia que caracteriza o representante dos grandes poderes — o mesmo que se pode encontrar num artista de verdadeiro génio. Com efeito, a altivez da menina bonita, ou a majestade da velha senhora, não eram fruto da vaidade pessoal, ou de qualquer outro sentimento pessoal, como o não era o orgulho de Miguel Ângelo ou do embaixador espanhol em França. Por acolhido que fosse, nas margens do Estige, pela grande indignação das suas vítimas individuais, de cabelos revoltos e peitos nus, Don Giovanni nunca seria condenado por um tribunal das mulheres do meu tempo, e a razão seria que ele teve grande fé na ideia de Mulher. Mas elas teriam concordado com os lentes de Oxford e condenado Shelley por ateu; e conseguiram dominar o próprio Cristo unicamente por representá-lo como eterna criança, dependente, nos braços da Virgem.

A mole de gente que se aglomera fora das portas do templo do mistério não é muito interessante. O verdadeiro interesse está no sacerdote junto ao tabernáculo. A multidão que espera no adro que se cumpra o milagre do sangue fervente de São Pantaleone — isso já eu vi muitas vezes e em muitos lugares. Mas muito raramente tenho tido acesso à frescura das naves, ou a oportunidade de ver os sacerdotes, velhos e jovens, do mais alto aos meninos do coro — que se sentem as pessoas mais importantes na cerimónia, e são a um tempo sagrados e impudentes — ocupando-se, num ritmo muito seu, com as preparações, guardiães de um mistério de que eles tudo conhecem. Que é o cinismo de Lord Byron, ou de Baudelaire, que líamos então com um *frisson nouveau*, comparado ao cinismo dessas pequenas sacerdotisas, áugures todas elas, cumprindo com o maior escrúpulo todos os ritos de uma religião sobre a qual tudo conheciam e na qual não acreditavam, sustentando, tenho a certeza, a doutrina do seu mistério entre elas. Os poetas desse tempo dir-nos-iam como um grupo de jovens beldades, atrás da cortina de uma cabina de banhos, coravam em risos ao *pôr os lírios na água*.

Não sei se se lembra da história da rapariga que salva o navio amotinado ao sentar-se no barril de pólvora com um archote aceso, ameaçando largar-lhe fogo, sabendo porém que o barril está vazio? Esta história sempre me pareceu uma encantadora imagem das mulheres do meu tempo. Ali estavam elas, mantendo a ordem do mundo, guardando o seu equilíbrio e o seu ritmo, ao sentarem-se sobre o mistério da vida, e sabendo sempre que não existia qualquer mistério. Já ouvi vocês, os jovens, dizer que as mulheres de outrora não tinham sentido de humor.

Excerto do conto «História de um Galante», Contos Góticos, vol. 1

III Encontros de Poesia de Vila Viçosa

Homenagem a Ruy Cinatti

RUY Cinatti, há meses falecido, foi recordado nos III Encontros de Poesia de Vila Viçosa, realizados no passado mês de Junho. Recorde-se, aliás, que os II Encontros, em 86, foram presididos por aquele poeta.

Neste último convívio, estiveram presentes José Blanc de Portugal. João Rui de Sousa, Fernando Namora, Mendes de Carvalho, António Rebordão Navarro, José do Carmo Francisco, Orlando Neves, Filomena Cabral, J.O. Travanca-Rego, Manuel da Fonseca, Adalberto Alves, Fernando Guimarães, Fiama Hasse Pais Brandão, José Manuel Capelo, João Matos e Silva, Luís Veiga Leitão, Maria Azenha, Luís Filipe Sarmento, Myriam Jubilot de Carvalho, Maria do Sameiro, Luísa de Andrade Leite, etc.

Dos poemas lidos nestes III Encontros, reproduzimos os dedicados à memória de Ruy Cinatti.

Uma das últimas fotografias de Ruy Cinatti, pouco antes da sua morte

Fiama, João Mattos e Silva, Fernando Namora e outros entre a assistência

Porque morre um poeta?

Porque morre um poeta? porque parte
a desvendar o sonho o encoberto
Se tudo o que um poema silencia
Seria revelado ou descoberto?
Porque morre um poeta? Porque morre?

Espelho

Como num espelho da imagem
retrocesso. Imagem não do tempo
mas no tempo. O outro lado
O seu reverso apenas o avesso.
No polido do aço o fio do aço
a imagem polida e frio o espelho.

Absurdo

Na madrugada azul o sol
aquece que a madrugada
é feita de disfarce. E o amor
chamado seu contrário tece
de rubor um sorriso
de apelo insuspeitado.

Mishima

Morto sim. Que humano era
no desprezo de si na agonia
da pátria e glórias imperiais.

Ritualmente morto. Inutilmente.
Que o desprezo da vida não é rito;
as pátrias que nos matam são um mito
Porque honra morremos samurais?

Maré

A imagem de ti ou o teu reflexo
veio tocar-me. Ou foi miragem.
Porém senti-te como se foras
ou estiveras no meu olhar
no corpo todo mas não na alma.
Como a maré tocando a praia
que se fluísse sem a molhar.

João Mattos e Silva

Canção

Tão bela como a mão da amada que
hei-de amar,
a solidão marca a morte das árvores,
neste país penoso
donde vos escrevo.
Porque vos escrevo, pela última vez,
no árduo limiar
de ser todas as palavras feridas do
poema,
sedento do azul
que houve no pescoço dos cisnes.

Tão bela como os olhos da amada
que hei-de matar,
a chama que queima o vidro das
janelas,
neste país penoso
a que fui mandado.
Mando-vos sinais das ofegantes
folhas da água,
pela minha voz, imaginada flor cega,
pão de que sempre tive fome
à mesa do pó.

Tão bela como a boca da amada que
hei-de amainar,
a dor fracturada no veludo da neve,
neste país penoso
que me elegeu.
Não vos escolhi. Na terra musical de
que vivi
desaparecerei, anónimo, no meu
reflexo
ou no som dos signos e, como a
morte,
serei um rosto entre as pedras.

Tão bela como os seios da amada que
hei-de acalmar,
a morada das imagens à medida que
adormeço,
neste país penoso
onde fui sentido.
Sinto-vos, mas já se faz tarde, na
brisa dos balouços
e, migrante falhado de amores
desertos,
no flanco do pânico
nenhum dia virá a este abandono.

Tão bela como o sexo da amada que
hei-de animar,
a transgressão traída pelo vazio das
palavras,
neste país penoso
de que me embrieguei.
Bebi convosco o mar cerimonial,
colhi os invernos,
fui povo do sol, grande árvore de
maio,
mas não medi ou domei
a ave que viveu na minha cabeça.
Tão bela como o riso da amada que
hei-de ameaçar,
a crença tépida na ternura do delírio,
neste país penoso
fixo como uma pintura.
Convidem-me enfim, a passar a noite
na vossa boca. Serei ácido como um
botão de rosa,
cruel como um louco numa ilha selvagem,
à beira do abismo, mão implacável.

Tão bela como a ânsia da amada que
hei-de macular,
a ânfora de areia, o destino oscilante,
neste país penoso
de deuses densos.

Excluído perpétuo da vida e da morte,
instante passado fora e dentro do corpo,
rezo aos animais ambíguos e suplico
no tambor das palavras a música da
água.

Tão bela como a memória da amada que
hei-de amoldar,
a secura amargurada do miolo do trigo,
neste país penoso
que me embruxou.
Não vos isento do meu disfarce de cinza.

Ficarei em vós como o abrasado amoroso da ausência
ou a cicatriz perenemente aberta
das vertigens apeadas.

Tão bela como a sombra da amada que
hei-de alarmar,
a respiração dos rebanhos no hálito dos
espelhos,
neste país penoso
de cordeiros negros.
Juro-vos, de rosto húmido, e mão no ar,
ao luar das guitarras, sob palavra de
honra,
que, de lívido pastor, me demito e assumo
a nudez agreste do sal.

Tão bela como a semente da amada que
hei-de ampliar,
a saudade cantada, fabuloso animal,
neste país penoso
onde me encontrais.
Inscrevei na rigidez da ardósia a pauta
fulminante
do meu destino de aranha, E dir-me-ei o
vazio
para além das portas, uma falha,
uma fenda na água.

Tão bela como a magia da amada que
hei-de malograr,
a fluida ascensão dos lírios e das lendas,
neste país penoso
alaúde de abelhas.
Nas grandes lajes públicas, na forja dos
relâmpagos,
as odes de pedra, lábios que não foram
vivos.
Inunda ó brisa o silêncio que em mim
faço,
pesada serenidade.

Tão bela como as lágrimas da amada
que hei-de amansar,
a subida da noite, última aparência,
neste país penoso
terra santa de mágoa.
Reuno a unidade do vento à escuridão
das estrelas, crio a sombra no olhar dos
cegos
e faço desaparecer todas as emoções
para que apenas eu chore a minha perda.

Tão bela como o mar da amada que
hei-de manchar
a armadura da tarde, pacífico desastre,
neste país penoso
onde já vos não ouço.
Ouvirei pulsar o sonho e nas paredes
desertas
o ócio do crepúsculo. E, agora, voa,
amada,
que foi o mundo vento e sal e o mar
teu único amante.

Orlando Neves

Satori

Não somos deste mundo
pois não nascemos para o ódio
o ódio é o Anjo Caído do amor
Nem para amar nascemos
Porquê então?
A pergunta vive do entardecer
Na floresta das coincidências ocas.
Máscaras gregas bebem seda pelo chão
Procurando fundear a lua num relógio
de sol
Que porto seguro aqui será achado?
Para além do osso
Para além do nervo
Há o mar da percentagem de água de
que somos feitos.
Tudo o mais
é espaço
Tudo o mais
é tenso
Tudo o mais
alerta.
Se quisermos paz
o apaziguamento não virá
Se amarmos
não amaremos
capitalizaremos desesperos, concreções
Esqueçamos, pois, a paz e o amor
E virá aquela qualidade de desprezo
De quem tudo preza
Por saber que não somos deste mundo.

Adalberto Alves

Acabados de Chegar

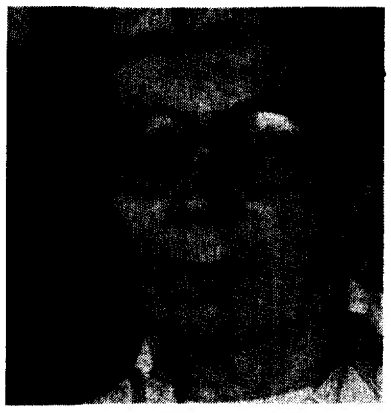
● Histórias de Goldkorn, Leslie Epstein, ed. Dom Quixote, col. Ficção Universal

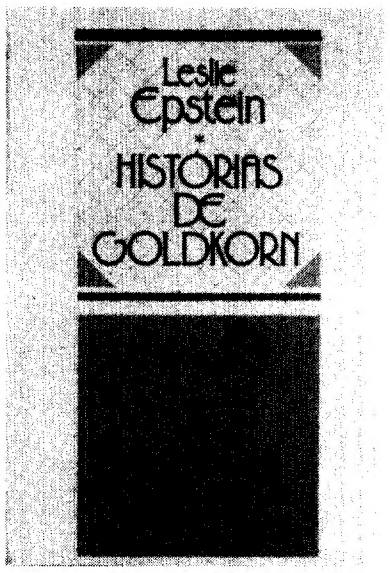
As histórias do flautista do quinteto Steinway aí estão para apaixonar quem lê por prazer aqueles que escrevem por prazer. Delirando situações muito ancoradas no dia-a-dia, mordidas de uma ponta a outra por um humor de quem nunca chega a rir, misturando a atenção delicada para com os seres humanos de que tratam com uma multidão de referências semi-herméticas a uma cultura centro-europeia que tenta sobreviver em Nova Iorque, são pequenos monumentos a um estilo de vida e a uma ideia da vida. Leslie Epstein, insuficientemente conhecido entre nós, vai, inevitavelmente, criar adeptos fiéis com o seu Goldkorn.

● Iluminuras, de Filomena Cabral, Ed. Átrio Com novo livro de ficção na forja para o final deste ano, a autora de «**Um homem de sonho**» e nossa colaboradora, Filomena Cabral, lançou há dias, nos III Encontros de Poesia de Vila Viçosa, mais um livro de poemas, Iluminuras, diálogo continuado e ritmado (com Nardo?) no estilo das suas habituais crónicas deste suplemento. Uma «**iluminura**« que se regista: «Em tempo, teci grinaldas para os teus cabelos e sorriste. Eras um deus, dizia, e sorrias de novo. Acariciava-te como se fosses um deus e gemias, experimentávamos a morte pequena e gritavas. Quantas vezes o nosso olhar se encontrou em desvario?»

● O Mundo Em Que Vivi, Ilse Losa, Ed. Afrontamento

Entre as duas guerras, a Alemanha «prepara-se» para o advento do nacional-socialismo. De minoria encarada com desconfiança, os judeus depressa se transformam no «inimigo» a abater. O processo, já tantas vezes narrado, emerge no livro de Ilse Lose com a força das pequenas coisas que constituem o quotidiano. Da infância à juventude, uma rapariga judia vai descobrindo o que significa pertencer a uma minoria.





Um relato onde a ficção e a autobiografia se confundem e que constituiu o primeiro romance de Ilse Lose, judia alemã que se refugiou em Portugal, onde casou e adquiriu a nacionalidade portuguesa.

● A Sociedade de Corte, Norbert Elias, Ed. Estampa, Col. Imprensa Universitária

Segundo livro de Norbert Elias editado em Portugal, «A Sociedade de Corte» é, no entender do autor, um estudo que dá acesso a uma melhor compreensão da nossa sociedade. Elias considera, na verdade, que «o cunho da corte foi dos que mais nos marcou até hoje». Diz ele que «a sociedade aristocrática da corte representa uma figura central dessa fase histórica que foi suplantada, ao cabo de lutas encarniçadas, de maneira brutal ou lenta, pelo período de burguesia-profissional-urbana-industrial», acabando por sobreviver e manter-se na vida social e cultural dessa mesma burguesia.

● A Civilização da Europa Clássica — Vol. I e II, Pierre Chaunu, Ed. Estampa, Col. Imprensa Universitária

Um quadro da Europa clássica que se situa aproximadamente entre 1620 e 1760 e que, segundo Raymond Bloch, foi construído com base no «conservadorismo tenaz de uma civilização material espantosamente estável e a explosão revolucionária das obras de espírito».

● Diário de Virginia Woolf — II Volume (1927-1941), Bertrand Editora, Col. Autores Universais

Com este volume, completa-se a publicação em extractos do «Diário de Virginia Woolf» que é, sem dúvida, uma ponte para conhecer a escritora, a mulher, mas também uma época.

● A Amizade, Francesco Alberoni, Bertrand Editora

Autor de «Enamoramento e Amor», também editado pela Bertrand, Alberoni debruça-se neste livro sobre essa teia de sentimentos a que se dá o nome de amizade.

● Colóquios dos Simples e Drogas da Índia — Vol. I e II, Garcia da Orta, Imprensa Nacional — Casa da Moeda

Reprodução em fac-símile da edição de 1891 dirigida e anotada pelo Conde de Ficalho.

● Álbum de Paleografia, João José Alves Dias, A.H. de Oliveira Marques, Teresa F. Rodrigues, Ed. Estampa.

Um álbum que pretende ensinar a ler e a transcrever documentos em português dos dia séc. XIII a XVIII e que se destina, sobretudo, a estudantes universitários.

Instituto de Investigação Científica Tropical, Anuário de Actividades

Com uma Nota Introdutória do seu presidente, professor Joaquim Alberto da Cruz e Silva, o Instituto de Investigação Científica Tropical publicou o «Anuário de Actividades» referente ao ano de 1986. Como, na Nota Introdutória do volume, observa o professor J.A. da Cruz e Silva: «O Instituto de Investigação Científica Tropical (IICT) é uma instituição centenária, vocacionada para promover e realizar a cooperação científica e técnica entre Portugal e os Países das Regiões Tropicais e, particularmente, com os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa.» Como é sabido o actual IICT, resultou da reestruturação da antiga Junta de Investigações Científicas do Ultramar (JICU) consequente à independência dos Estados Africanos que tinham sido territórios coloniais portugueses. O Instituto de Investigação Científica Tropical compreende presentemente 23 centros de investigação que abrangem as áreas das Ciências da Terra, das Ciências de Engenharia Geográfica, das Ciências Biológicas, das Ciências Agrárias, das Ciências Históricas, Económicas e Sociológicas, das Ciências Etnológicas. O Instituto tem um quadro de cerca de 500 pessoas, das quais 130 exercem funções de investigação. O Instituto coopera com as instituições de investigação e universitárias de cerca de 40 países.

Actualmente, a presidência do Instituto de Investigação Científica Tropical é exercida pelo professor doutor Joaquim Alberto Cruz e Silva e tem como vice-presidentes o professor doutor António A. Guerra Réfega e o dr. José Joaquim de Freitas Ferraz.

O Tempo e a Alma por José Hermano Saraiva, Gradiva

Da fronteira do Minho às ilhas dos Açores, cidade após cidade, José Hermano Saraiva conduziu os telespectadores numa viagem guiada por Portugal, produzindo um texto-inventário das terras portuguesas, no qual se enlaçam a Geografia e a História, as curiosidades locais, as tradições, as lendas. É uma viagem de recordação e de descoberta, em que o País é percorrido, e devassado, de norte a sul, o interior e o litoral, o Continente e as ilhas do Atlântico. O guia, José Hermano Saraiva, à cultura histórica alia um fascinante poder de comunicação, e o livro resulta memória do passado e reflexão actual. Um Portugal desconhecido revela-se-nos nas páginas de «O Tempo e a Alma». Bem apresentado, o volume de cerca de 600 páginas, é uma edição «Gradiva».

Galiza e Portugal

Continuação da pág. 1

ameaça existe, ela não vem da Galiza, por certo.

Enfim, chegámos àquela de os maiores escritores galegos terem preferido o castelhano para produzirem nele as suas obras. Se não é «boutade», não se sabe como classificar.

Medina cita Valle-Inclán e Camilo José Cela como exemplos. Dois exemplos. Mas, num plano superior, haveria muitos mais.

Entretanto, ouvindo só Medina, dir-se-ia que a Literatura galega ou não existe ou é qualquer coisa sem um mínimo interesse. Teria um interesse meramente regional, talvez. Bem diverso disso, no entanto. Se bem que a Literatura galega não exista há muito mais de um século, ela tem uma tradição, uma história, e uma boa dezena do que poderíamos chamar grandes escritores.

Tem uma tradição, ou duas tradições, ou uma dupla tradição: a que recupera aqui há um século, no Rexurdimento, e, desconhecendo embora os Cancioneiros, tem a ver com a língua galaico-portuguesa via Portugal (Rosália, por exemplo, — os seus temas e os seus metros ligam-se muito aos de Camões); e a que ela própria se tem criado a partir de Rosália.

Tem história, do Rexurdimento aos nossos dias. Naturalmente, com períodos altos e baixos. O presente é um momento alto, ao que julgamos saber. Mas a realidade actual não paira no vazio. Cem anos de escrever em galego revelaram escritores cujas obras, em galego, ombreiam com as de Cela ou Valle-Inclán em castelhano. Poder-se-iam citar uns vinte ou trinta nomes: Rosália, Castelao, Pedrayo, Pimentel, Blanco-Amor, Cunqueiro, Fole, Celso Emílio, etc.

Um problema muito sério: a audiência, relativamente escassa. Os galegos precisariam de alargar a audiência. E não a vão alargar facilmente em Madrid ou Barcelona, a não ser junto das comunidades galegas que ali vivem (e bem assim na Argentina, na Venezuela, na Suíça). Mas nunca irão muito longe. Por isso se põe a hipótese de Portugal como saída — para África, Brasil. Mas não se vê que riscos (para Portugal) isto implique.

Os portugueses não têm obrigação alguma de interessar-se por este problema? Claro que têm. Não terão é capacidade para resolver o problema, os problemas que isto implica. Voltar-lhes as costas parece a mais fácil solução. Mas talvez não seja solução. Até porque parece ir prevalecer a tese de que o galego pertence ao sistema português. E então toda e qualquer estratégia da Língua Portuguesa (e da Cultura) no Mundo não pode aplicar-se sem ter em conta a Galiza.

Mas os galegos não são um empecilho, bem diverso do que inadvertidamente se pode pensar, e até já se tem dito. Pelo contrário, poderão ser uma boa ajuda para os portugueses resolverem os seus próprios problemas (que não serão assim tão próprios, dadas as suas implicações fora de Portugal), contando com eles. E nem são assim tantos: uns quatro milhões, ou cinco, na Galiza, outros tantos, imponderavelmente, na emigração.

Que se quer dizer com isto? Talvez não se saiba. Mas os galegos têm trabalhado muito na resolução do seu próprio problema — linguístico, cultural. E muito do trabalho que têm feito é com o sentido no Português e em Portugal. Os portugueses é que parece não estarem muito informados a tal respeito, — nem interessados, antes de mais.

Intervenções (se bem que fortuitas, ocasionais, impreparadas, etc.) como a de João Medina são, pelo menos, desinformativas, e têm como consequência que esse interesse se torne talvez ainda menor.

Mas são apenas opiniões, pessoais, — e, portanto, admite-se compreensivelmente que sejam por vezes um tanto bizarras. Por isso não deveriam ser levadas muito a sério. Infelizmente, sabemos que por vezes o são. Talvez aqui e agora, neste caso, e neste comentário, desde já.

Luís de Miranda Rocha

O eu nos outros

Uma leve partícula de cal

«NA sala grande dos meus dias, no ângulo formado por duas das paredes, encontrei esta manhã uma finíssima teia de aranha. Tão leve, tão leve!, que se diria formada por fios de ar.

Descaída do tecto, quase no centro da teia, uma alvíssima partícula de cal. Concluo, Eurico, que esta ténue presença do tecto na geometria alada da teia de aranha se ficou devendo ao ligeiro tremor de terra que esta madrugada abalou a nossa cidade...»

Leonor afastou de si a carta que tão lentamente escrevia, pousou os óculos sobre um livro, aberto na mesa como se fora um abraço à sua fadiga, e alongou os olhos por todos os objectos da sala. Como o Verão, meu Deus!, tornava tudo tão moroso! Grandes eram os dias, as coisas demoravam-se mais, quando teria resposta a carta que naquele momento escrevia...?

Rememorou, depois, o susto que a tomara de noite: acordara na suspensão de um invisível tremer, acendera a luz, sombras oscilavam no tecto. Ouviu os vizinhos nos patamares, enfiou um robe, abriu também a porta. «Sentiu, não sentiu...?» — perguntaram-lhe. Que sim, que tinha sentido. Haveria réplicas, não haveria réplicas...? Não houve — e, uma hora corrida, todos voltaram para um sono que não mais regressou.

Ela também — e agora (escreve, não escreve), hesitava numa carta que não sabia se mandaria ou não ao destinatário. Aquele Eurico, francamente, sempre tão longe...

Recostou-se, ensonada, na cadeira. Tanta coisa que ela lhe queria dizer! Tanta coisa que... Até porque sentia («Ou será ilusão minha...?») que também ele quereria dizer muita e muita coisa. Puro engano da imaginação...? Oh, não! Quase iria jurar que... «Sim, sim — sorriu-se de olhos fechados —, o amor é também um abalo sísmico...» Levantou-se, pôs os óculos, foi até ao ângulo da sala — e ali se lhe revelou que tudo se colhe e apanha ao ver a partícula de cal na alada teia de aranha.

Pedro Alvim